

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação



A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil

Felipe Alves Pereira Avila

Pelotas, 2019

Felipe Alves Pereira Avila

A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Professora Doutora Lorena Almeida Gill

Co-Orientador (es): Professor Doutor Aristeu Elisandro Machado

Lopes

Pelotas, 2019

Felipe Alves Pereira Avila

A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 05 de setembro de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lorena Almeida Gill (Orientadora)
Doutora em História pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Gasparotto
Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Janete Espig
Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A111e Avila, Felipe Alves Pereira

A editora revisão e as representações da negação do holocausto no Brasil / Felipe Alves Pereira Avila ; Lorena Almeida Gill, orientadora ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, coorientador. — Pelotas, 2019.

122 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Editora revisão. 2. Representação. 3. Holocausto. 4. Pós-modernidade. 5. Negacionismo. I. Gill, Lorena Almeida, orient. II. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, coorient. III. Título.

CDD : 940.53

Lista de Figuras

Figura 1 Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil	16
Figura 2 Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil	17
Figura 3 Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil	18
Figura 4 Propaganda antissemita elaborada pelos nazistas	23
Figura 5 Símbolo do Movimento Veganista Emergente.....	47
Figura 6 Perfil pessoal de Eduardo Bolsonaro comentando o “nazismo de esquerda”	50
Figura 7 Páginas do livro “Acabou o gás: o fim de um mito”	60
Figura 8 Livro <i>Acabou o Gás</i> , de S.E. Castan, que possui parte do relatório Leuchter.....	64
Figura 9 Capa original do Livro “O Relatório Leuchter”	65
Figura 10 Metodologia do Relatório Leuchter	66
Figura 11 Páginas do Livro <i>Acabou o Gás</i> , de S.E. Castan.	66
Figura 12 Livros da Editora Revisão Com Selo do Centro de Castan	70
Figura 13 Capa do Livro “O Elo Secreto: da Economia e da Política com a Religião e o Ocultismo” de Hélio de Oliveira.....	76
Figura 14: Listagem dos livros à venda pela Editora Revisão	78
Figura 15 Quadro de observação do site da Revisão	79
Figura 16 Site oficial da editora Revisão, explicando-se a respeito do encerramento das publicações.....	89
Figura 17 Pedido de colaboração no site oficial da editora Revisão	90
Figura 18 Excerto do antigo site da editora Revisão LTDA.....	90
Figura 19 Considerações de Castan - Antigo site da editora Revisão LTDA.....	91
Figura 20 Página inicial do blog http://editorarevisao.blogspot.com/	92
Figura 21 Página inicial do site metapedia.org	93
Figura 22 Página inicial do site wikipedia.org	93
Figura 23 Incidência de buscas nacionais e internacionais pelo site da Editora Revisão	96
Figura 24 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site da Editora Revisão	96
Figura 25 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site da Editora Revisão	97
Figura 26 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site Inacreditavel.com.br	98
Figura 27 Detalhamento do tráfego percorrido até o site Inacreditavel.com.br	98
Figura 28 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site Inacreditavel.com.br	99
Figura 29 Destaque da importância das redes sociais na divulgação do site Inacreditavel.com.br	99
Figura 30 Incidência de buscas nacionais e internacionais pelo site da Metapédia	101
Figura 31 Ranking de acesso mundial ao site Metapédia	101
Figura 32 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site Metapédia	102
Figura 33 Detalhamento do tráfego percorrido até o site Metapédia	102
Figura 34 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site Metapédia	103
Figura 35 Destaque da importância das redes sociais na divulgação do site Metapédia	103
Figura 36 Capa do livro "Não à Mordança!"	107
Figura 37 Páginas 2 e 3 do livro “Não à Mordança”	108

Lista de quadros

Quadro 1 - Autores e Publicações do IHR	32
Quadro 2 - Explicativo do Julgado	109

SUMÁRIO

Parte 1

Introdução	11
2 O Nazismo e a Perseguição aos Judeus.....	23
2.1 O Espectro de uma ideologia: o neonazismo no Brasil	28
3 O negacionismo como sintoma da Pós-modernidade	31
3.1 A fragmentação na contemporaneidade: deslocamentos de sentido	46
4 A representação da negação do Holocausto	52
4.1 A Descrição da Mentira: o Relatório Leuchter.....	60

Parte 2

5 A Produção da Editora Revisão	69
5.1 A editora Revisão e a cidade de Pelotas	80
6 A Editora Revisão Na <i>Web</i>.....	88
7 Crime ou Liberdade de Expressão?.....	105
Conclusão	112
Lista de Fontes.....	116
Referências	117

Agradecimentos

Agradeço, especialmente, à minha orientadora professora doutora Lorena Almeida Gill pela recepção no curso, pela amizade e pela confiança em mim e no meu trabalho. A sua exemplar capacidade serviu de espelho para minha vida acadêmica e estimulou sempre o meu desejo pela busca do conhecimento. Suas orientações e conversas serão úteis para sempre.

Ao professor Aristeu Elisandro Machado Lopes, por aceitar a co-orientação do trabalho e proporcionar comentários e caminhos pertinentes à construção da dissertação.

Aos membros e amigos da Revista *Ofícios de Clio*, por permitirem a experiência editorial.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas por proporcionar um bom ambiente de aprendizado.

À minha avó Hilda Marlow Holz (*in memoriam*) por ser o principal alicerce na minha criação. Sua maneira doce e carinhosa será sempre lembrada.

Aos meus pais, Walter Ney Holz Avila e Maria Carolina Alves Pereira Avila, por serem fundamentais no gosto pelo estudo, além de me proporcionarem todo suporte familiar.

À minha esposa Camila Motta Avila, por ser a pessoa mais especial da minha vida, e pelo incentivo que me alcançou durante o curso desse mestrado. Seu apoio foi essencial para que me dedicasse a ser melhor a cada dia.

Às minhas irmãs Raquel Avila Amaral e Cintia Avila Blank por me mostrarem o verdadeiro significado da palavra irmão.

Às minhas sobrinhas Sabine Avila Blank e Stella Avila Blank por encherem meu coração de alegria. Os momentos ao lado delas modificam qualquer ambiente.

yo no nakawa
mikkaminumani
sakurakanao

Nem sequer três dias
este mundo vê passar
Cerejeira em flor!

Oshima Ryota (1716–1787)

Resumo

AVILA, Felipe Alves Pereira. **A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil**. 2019. 117f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Quando tratamos de temas ligados à Alemanha Nazista, temos que necessariamente dar voz à reverberação dos efeitos de sentido que produziu e ainda produz o Holocausto até a contemporaneidade. Disso resulta o embate entre gestos de análise que, muitas vezes se propõem a ressignificar, negar e falsificar, através de metodologias duvidosas, a existência de determinados fatos históricos, como é o caso da Shoá. O presente estudo parte de uma análise historiográfica tendo como foco a bibliografia, que defende a inexistência do Holocausto, da já extinta editora “Revisão”, que encontra na web um espaço dinâmico para a propagação de seus livros digitalizados e hospedados em sítios e blogs, os quais divulgam o material negacionista. Foram pautados elementos retirados dos livros que apontam para a dúvida com relação às câmaras de gás e, conseqüentemente, ao Holocausto. O trabalho tem como aporte metodológico a análise documental fundamentada em CELLARD (2012). Para as questões de representação, buscar-se-á em CHARTIER (1990) a reflexão necessária para compreender a representação do negacionismo em sua tentativa de se legitimar enquanto uma escola historiográfica. Para a realização do trabalho foi necessário também mapear e caracterizar o sujeito negacionista, aquele que se utiliza dessa corrente para julgar o que a História comumente tem contato. Nessa perspectiva foi utilizado HALL (2006), como um aporte importante para pensar sobre esse tipo de sujeito caracterizando-o como um sintoma de um paradigma pós-moderno. A corrente negacionista ganha força e adeptos, por estar centrada em um ambiente favorável à fragmentação e à volubilidade. Ela se define em saberes efêmeros, pois tudo nesse contexto é moldável, inclusive normas, regras e concepções. A pós-modernidade é um espaço que permite a formação de “tribos” e “clãs”. Nesse âmbito, emergem pequenas narrativas, que são fragmentos de reconfigurações das grandes narrativas. Tudo isso reverbera na sociedade atual que busca soluções para os problemas em espectros de ideologias fracassadas. Tal fato pode ser notado, contemporaneamente, no ressurgimento de um discurso conservador que ganha força no âmbito político e social em várias regiões do mundo.

Palavras-chave: Editora Revisão, Holocausto, Negacionismo, Representação, Pós-Modernidade.

Abstract

AVILA, Felipe Alves Pereira: **Revisão Publisher company and the representations of holocaust negationism in Brazil**. 2019. 117f. Thesis in master degree. Master (degree in History)(Bachelor in Arts). Post-Graduation Program in History, Human Sciences Institute, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Considering the topics related to Nazi Germany, we necessarily have to provide voice to the reverberation of sense effects it produced and still produces, until contemporaneity. From this, we have the conflict between gestures of analysis which, many times, urge to reframe or resignificate, deny, falsify – through doubtful methods – the existence of specific historical facts, like Shoah. This thesis of dissertation comes up from a historiographical analysis, which defend the inexistence of the Holocaust, from the already extinguished Revisão publisher. This publisher, however, still hosts a dynamic website on the internet, edited by anonymous people, on purpose of spreading negationist material and e-books, hosted on sites and blogs. In this piece of work some elements, taken from the material previously commented, were considered, like the doubt about the gas chambers and, consequently, about the Holocaust itself. This thesis encounters methodological support in Document Analysis based in Cellard (2012). In order to cover Representation concept, we based on Chartier (1990) the necessary thought to understand and comprehend the representation of the negationism in its attempt to validate itself as a genuine historical field. In order to conduct this thesis, we considered necessary to map and characterize the negationist subject, the one who bases their beliefs in this pseudo-theoretical flow to judge what History as a science normally considers. On this perspective, we based our studies on Hall (2006), as an important theoretical background to think of this kind of subject, depicting them as a symptom of a post-modern paradigm. This negationist flow encounters strength and supporters mainly because it is centered in an environment which is favourable for fragmentation and volubility. This flow defines itself in ephemeral knowledge, because everything in this context is moldable – including norms, rules and conceptions. Post-modernity is a room which allows the constitution of “tribes” and “clans”. In this scenery, minor narratives, which are fragments of wider narratives, emerge. These kind of organization and discourses reverberates in our current society, which is seeking for solutions in already failed ideology *spectra*. This can be noticed, currently, in the re-emerge of a conservative discourse which strengthens itself in the political and social field in many parts of the world.

Keywords: Revisão Publisher, Holocaust, Negacionism, Representation, Posmodernity.

Introdução

A presente proposta de dissertação tem por objetivo analisar materiais da extinta Editora Revisão Ltda, sediada em Porto Alegre, que tinha por objetivo a negação do Holocausto e a apresentação de versões diferentes de fatos da Segunda Guerra Mundial. Para isto, a análise contará com a metodologia da análise documental, desenvolvida por Cellard (2012), para a observação destes materiais e com conceitos que abarcam as definições de representação, conforme Chartier (1990), para refletir a respeito do negacionismo na contemporaneidade, além dos conceitos de pós-modernidade, a partir dos autores Lyotard (2005), Dufour (2013) e Hall (2006) para pensar sobre o sujeito negacionista e sua constituição fluida e fragmentada.

Acredita-se que com esse arcabouço se possa construir uma reflexão acerca de um tema que não se findou com o término da Segunda Guerra e com o fim no nazismo. De antemão, é possível perceber que esses discursos ganharam força e novas representações e se mantêm vivos na sociedade contemporânea, e por isso, merecem destaque acadêmico.

A Editora Revisão foi fundada por Siegfried Ellwanger Castan (1928 – 2010) em 1985, sendo responsável pela propagação do discurso negacionista, através da publicação de vários livros contendo material antissemita.

Além de Castan, a Editora possuía outros três colaboradores ativos: Sérgio Oliveira, Marcopollo Giordani e Hélio de J. Oliveira. Para esta dissertação dar-se-á destaque maior a Sérgio Oliveira pelo fato de ser um escritor pelotense e também por ser o autor que mais se conseguiu e informações a respeito através de uma entrevista cedida pela sua filha.

A entrevista de Oliveira assim como as suas obras e os demais colaboradores da Editora serão expostas mais a frente deste trabalho.

Antes, porém, de prosseguir com a escrita, apresento minha formação acadêmica. Sou licenciado em Letras (2010), mestre em Linguística Aplicada com ênfase em Análise do Discurso de Linha Francesa (2013) e Doutor em Letras, Análise do Discurso (2017). Atualmente, a partir da defesa desta dissertação, no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, sou mestre em História.

Durante o primeiro mestrado, concluído em 2013, o foco de estudo foi a contradição presente em enunciados de perfis neonazistas hospedados no site de rede social Orkut, sob o

viés do materialismo histórico (ŽIŽEK, 2007) e das teorias do discurso (COURTINE, 2009).

Já no processo de doutoramento, finalizado em abril de 2017, o eixo foi o discurso midiático. À ocasião, foi proposto um dispositivo de interpretação que intercala elementos como a noção de Acontecimento, Memória e História.¹ O *corpus* de análise foram os jornais: *O Globo*, *O Diário Carioca*, *A Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*. O recorte de análise abrangeu o período que vai do atentado a Carlos Lacerda em 5 de agosto de 1954, até 24 de agosto de 1954, com o suicídio de Vargas.

Durante o ano de 2016, quando opto por tentar a seleção para o mestrado em História, percebo um grande aumento de conceitos e discursos de ódio, principalmente vinculados ao *impeachment* de Dilma Rousseff, em agosto daquele ano. Os constantes incentivos de violência da extrema direita e a legitimação do ódio fazem com que eu pense em propor uma nova pesquisa. A ideia, então, foi a de analisar materiais que foram conseguidos ainda em 2011, quando na pesquisa sobre neonazismo e redes sociais, através do acesso aos livros digitalizados da editora Revisão. Sendo assim, a intenção foi de buscar, agora sob o prisma da História, reflexões acerca de uma bibliografia que ainda se mantém ativa e se propõe a fomentar o ódio de grupos como, por exemplo, os de extrema direita.

Retomando meu tema de debate, cabe dizer que existem outros trabalhos que auxiliam na atual reflexão como, por exemplo, de Lucas (2011). Sua tese, na área de História, aborda a questão de como foi formado e como se estruturou o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul durante o governo Vargas. Também o trabalho de Vieira (2012) é um importante meio para pensar a questão do antissemitismo no contexto nacional dos anos de 1930, através da Ação Integralista Brasileira. A pesquisa ainda mostra a influência de Gustavo Barroso, que se destacou por comandar a corrente antissemita no partido. O pensamento de Barroso aumentou a produção de conteúdo antissemita, e teve grande repercussão, contribuindo para gerar mais adeptos ao movimento.

Um dos trabalhos que mais se aproxima da presente proposta é o de Narcizo (2012), que em sua dissertação de mestrado analisa a forma como os negacionistas administram a história do Holocausto, seus resquícios e os mecanismos que utilizam para fazer História. O autor vale-se das obras de Paul Rassinier (1981) e Robert Faurisson (1980) para questionar a posição do negacionismo.

¹Os conceitos de memória e acontecimento advém da teoria de Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux.

Autores como Gertz (2012), Carneiro (1988), Dietrich (2007) e Salem (2012), também produziram obras importantes que evidenciam a questão neonazista, sob o ponto de vista da composição de um sujeito da contemporaneidade.

Como justificativa do trabalho destaca-se a importância de refletir sobre a conservação do discurso nazista no Brasil pós II Guerra Mundial, e a necessidade de dar visibilidade aos efeitos que esses movimentos negacionistas têm para a formação de novas subjetividades.

Questionar o negacionismo é analisar o início da propagação de materiais que se voltam para sustentação de um discurso intolerante. Consequentemente, esse movimento exige revisitar a História do Nazismo e as influências dele no Brasil, principalmente durante a época de Getúlio Vargas, que era simpatizante dos regimes fascistas, especialmente na deflagração do golpe de 1937, realizado com apoio dos integralistas. Porém, a posição do Brasil muda em 1942² e Vargas acaba se aliando aos Estados Unidos, rompendo relações com a Alemanha Nazista.

Estudar o nazismo se torna importante, pois ele se mantém com o suicídio de Hitler, ele segue tendo reverberações, sob nova(s) nomenclatura(s), como afirma Kershaw (2001, p. 14):

O legado de Hitler pertence a todos nós. Parte deste legado é a obrigatoriedade contínua em tentar entender como Hitler foi possível. Apenas através da história nós podemos aprender para o futuro. E nenhuma parte da história é mais importante nesse sentido do que a era dominada por Adolf Hitler.

Ainda em Kershaw, também é importante verificar o seu questionamento, ou seja, “como Hitler foi possível?”, para acrescentar-se uma nova indagação: como “Hitler ainda é possível?”, reinventando-se constantemente com o movimento do neonazismo.

Sendo assim, torna-se relevante revisitar o passado para entender certas mudanças e permanências. É imprescindível que o historiador busque no passado respostas para suas inquietudes, tomando certos cuidados, pois esse reconstrói a memória da humanidade com

² A partir de 1942 teve início o processo de desarticulação do Estado Novo. Certamente o envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial, aliando-se por razões de ordem econômica aos Estados Unidos e rompendo com a Alemanha nazista, contribuiu para o enfraquecimento do regime. Como justificar a manutenção da ditadura, se soldados brasileiros lutavam na Europa em prol da democracia? Em novembro de 1945, Getúlio foi deposto da presidência da República. Extinto, o Estado Novo deixava uma forte herança histórica e matéria-prima para pesquisa e reflexão nas décadas seguintes (PANDOLFI, 1999).

objetivo de ampliar a compreensão da condição humana. Como afirma Harley (1953)³: “o passado é um país estrangeiro. Lá, as coisas são feitas de maneira diferente”, por lá todas as histórias são, ao mesmo tempo, uma história da história. Eis por que, em cada época, a história deve ser escrita sob novas perspectivas.

As fontes da Editora Revisão são constituídas especialmente por livros, que têm por objetivo caracterizarem-se como uma historiografia através da negação do Holocausto⁴, conforme já evidenciado.

Apontar-se-ão questões de antissemitismo no cenário brasileiro durante a Era Vargas, e a ressignificação desse tema durante os anos de 1980, momento no qual começam as pesquisas mais aprofundadas sobre o período, assim como a propagação do discurso negacionista através das obras da Editora Revisão e seus efeitos na atualidade.

Considera-se importante o questionamento: se o Holocausto é uma farsa e os campos não existiram, porque práticas de trabalho forçado de mesma característica aconteciam em vários lugares no mundo? Nos Estados Unidos, por exemplo, os Campos de Manzanar, na Califórnia, instalaram aproximadamente 120 mil pessoas, a maior parte delas de imigrantes japoneses, durante o período da II Guerra Mundial. No Brasil, durante esse período, essa prática também foi implementada.

Em todo o Brasil, existiram no contexto da Segunda Guerra Mundial oficialmente onze campos de concentração, espalhados por oito estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Este número, adotado na historiografia acerca do tema, corresponde ao discurso oficial que nomeava assim determinados estabelecimentos prisionais. Além desses, aos quais as autoridades referiam-se nominalmente, existiram outros locais de confinamento, alguns dos quais têm tido sua história emersa apenas recentemente, enquanto outros possivelmente, ainda permanecem submersos, aguardando novas pesquisas (MACEDO, 2007. p. 192).

Para Carneiro (1988), no Brasil pairam questionamentos sobre o primeiro governo de Getúlio Vargas, que no período de 1930 a 1945, sinalizou um caráter antissemita alicerçado em escolhas políticas. Vargas tinha uma postura contraditória com relação a entrada dos imigrantes judeus e a forma de selecionar os navios que aqui chegavam. Enquanto alguns

³ Essa é a frase de abertura e também uma síntese do livro *O Mensageiro de L.P. Hartley*. Nome original em inglês (The Go-Between)

⁴ Não há um discurso explícito a respeito da imposição como uma produção legitimada. Porém o trabalho entende que as formas de visão sobre o passado fazem com que implicitamente essa produção busque seu espaço.

entravam, outros não recebiam permissão. Muitas vezes, essa seleção era dada através do interesse econômico: se em uma determinada embarcação houvesse judeus com recursos, a entrada lhes era permitida.

Quando foi decretado o Estado Novo, em novembro de 1937, as autoridades brasileiras tentaram bloquear a imigração dos judeus refugiados da Alemanha nazista e dos que escaparam dos campos de extermínio. Indiferente às consequências e as trajetórias vividas pelos judeus na Europa, o governo do Brasil preferiu optar por uma postura política de imigração restritiva. Municiando-se de saberes antisemitas, conclui-se que essa imigração era um problema, uma ameaça à unidade étnica e religiosa da nação, imaginada como branca e católica. Membros do Estado Novo defendiam que a pobreza e a exploração do homem trabalhador poderiam ser evitadas, desde que o Estado fosse o responsável pela seleção do emigrante.⁵ Adotaram-se, então, no Brasil, regras para a emissão de vistos com base nas doutrinas racistas que eram vigentes na Europa desde o século XIX, como o arianismo, o darwinismo social, o evolucionismo social e a eugenia. Somou-se a esta ideologia racista, a corriqueira certeza de uma pureza de sangue herdada de Portugal e disseminada durante o Brasil Colonial. Iludidos pelo efeito de progresso que alcançaram os países de regime antidemocrático, muitas áreas políticas e diplomáticas brasileiras mostravam-se adeptas de posturas antisemitas, que uniram os nazistas na busca da consolidação do mito de uma raça pura.

Segundo Carneiro (1988), o governo acreditava que, não sendo bloqueada a entrada de judeus no Brasil⁶, se estaria contribuindo para a proliferação de doutrinas danosas à segurança nacional, como, por exemplo, o comunismo e o socialismo. Não sendo restringida a política de imigração, pressupunha-se que o país estaria sujeito a receber pessoas que não se encaixavam na matriz de uma raça, na época, considerada superior. O governo varguista pensava que só se poderia lograr o equilíbrio social, racial e político através da intervenção direta do Estado sob a liderança de Getúlio Vargas (1897-1954), que se mostrava capaz de transformar o Brasil numa nação forte e estável, construída por um “novo homem” brasileiro.

⁶ “A partir do século XIX novas modalidades do pensamento europeu – positivismo, darwinismo social, evolucionismo – renovaram o pensamento nacional, sustentadas por uma vasta literatura pseudocientífica. As teorias racistas emergiram como parte integrante deste conhecimento, oferecendo fundamentação para a construção de um racismo científico utilizado, por um lado, para justificar como “naturais” as atitudes de discriminação e dominação do homem branco europeu sobre as outras raças”. (CARNEIRO, 2001, p. 84).

⁶ Circular secreta de nº 1.127 de 7 de junho de 1937, que proibia a entrada de algumas pessoas de origem semítica; 1.323, proibia a concessão de visto temporário a estrangeiro de origem semítica; 1.328, excetuava semitas franceses, canadenses, ingleses e americanos; 1.498 suspendia a concessão de visto temporário a semitas e seus descendentes. A 1.249, que substituiu a 1.127. Carneiro, 2001.

Como demonstração de políticas oficiais, apresentam-se, nas Figuras 1, 2 e 3, a circular que determinava as formas de entradas dos judeus no Brasil à época aqui comentada:

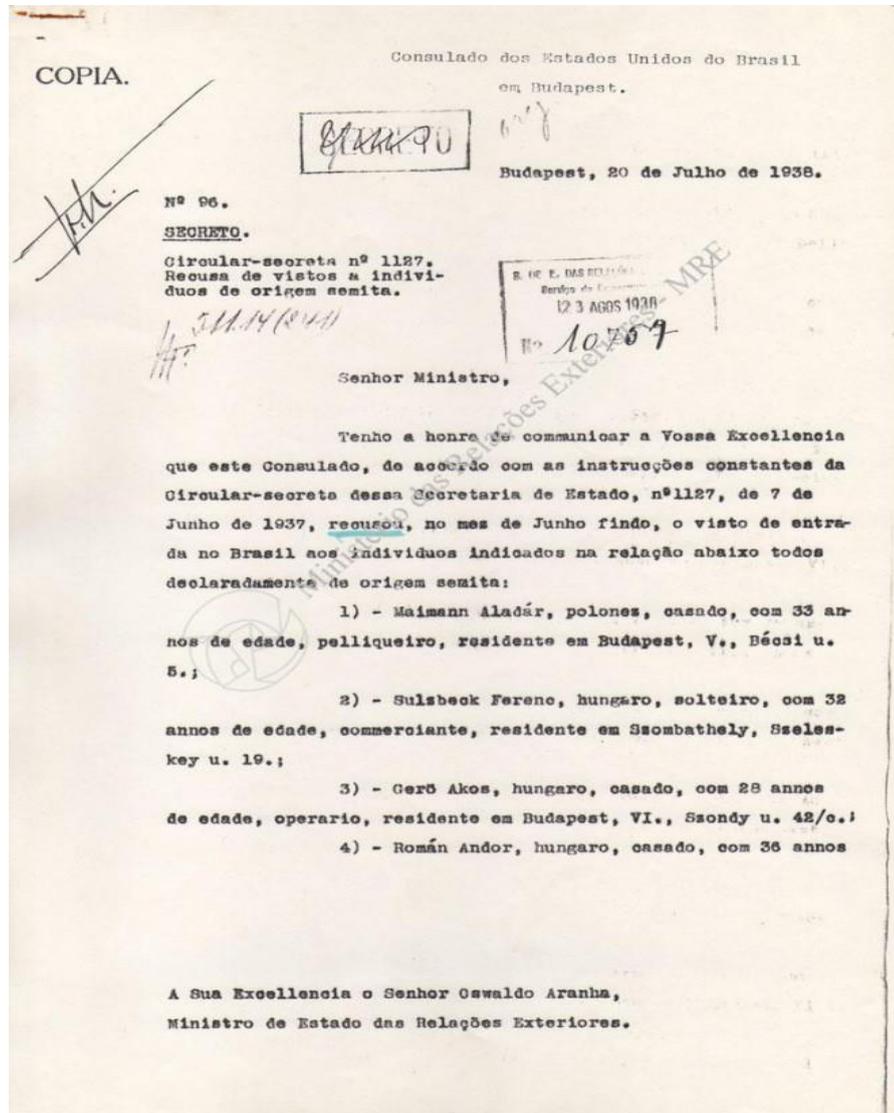


Figura 1 - Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil⁷

⁷ As Circulares estão disponíveis no Arquivo Virtual do Site Arqshoah. Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/index.php/arquivo/549-arq-539-circular-secreta-n-1127-recusa-de-vistos-a-individuos-de-origem-semita-06-1938>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

COPIA.

Cons, Budapest/Secreto/96/1938. 2

annos de idade, operario, residente em Budapest, I., Kléh István u. 7.III/18.;

5) - Hadl Andor, hungaro, solteiro, com 29 annos de idade, operario, residente em Budapest, VI., Isabella u. 41.I/9.;

6) - Rapaport Antal, hungaro, solteiro, com 50 annos de idade, empregado no commercio, residente em Budapest, VII., Sip u. 16. I/5.;

7) - Arst Imre, hungaro, casado, com 37 annos de idade, joalheiro, residente em Budapest, Kisdiófa u. 7.;

8) - Samu Zoltán, hungaro, solteiro, com 21 annos de idade, dentista, residente em Budapest, III., Pacsirtameso u. 28. II/9.;

9) - Bodánsky György, hungaro, solteiro, com 20 annos de idade, serralheiro, residente em Budapest, VI., Dob u. 102. II/19.;

10) - Kohn Jenő, hungaro, casado, com 38 annos de idade, pelleteiro, residente em Budapest, XIII., Diós u. 3.;

11) - Eibenschütz Ignác, hungaro, casado, com 44 annos de idade, curives, residente em Budapest, XIII., Eszék László u. 66.;

12) - Zirner József, hungaro, casado, com 40 annos de idade, empregado no commercio, residente em Budapest, VIII., Népszínház u. 38. III/5.;

13) - Ranki István, hungaro, solteiro, com 19 annos de idade, estudante, residente em Budapest, VI., Isabella u. 76.;

14) - Horvát László, hungaro, solteiro, com 19 annos de idade, electrotechnico, residente em Budapest, VIII., Rákóczy út 47. I/10.;

15) - Haas Alfréd, hungaro, solteiro, com 21

Figura 2 - Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil⁸

⁸ As Circulares estão disponíveis no Arquivo Virtual do Site Arqshoah. Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/index.php/arquivo/549-arq-539-circular-secreta-n-1127-recusa-de-vistos-a-individuos-de-origem-semita-06-1938>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

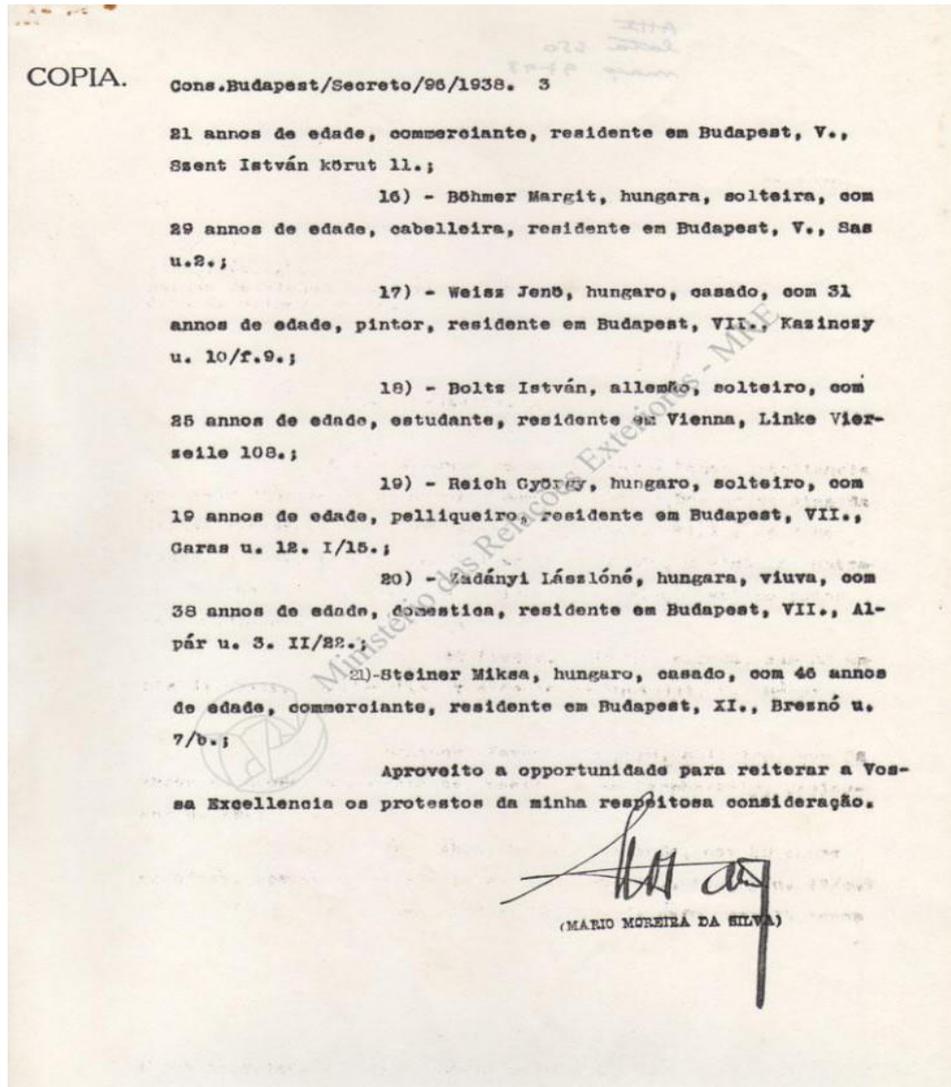


Figura 3 - Circular Secreta que proibia a entrada de judeus no Brasil⁹

Para elucidar o antissemitismo brasileiro busca-se Cytrynowicz, para quem:

O antissemitismo esteve presente nos anos 1930 e 1940 em importantes círculos do governo, especialmente o Itamaraty, e sua mais grave consequência foram as circulares secretas que restringiram a imigração de judeus ao Brasil a partir de 1937. Este antissemitismo produziu episódios terríveis, como a história dos três mil vistos a católicos não-arianos que o Vaticano solicitou ao governo brasileiro e que, em sua maior parte, acabaram sendo recusados (CYTRYNOWICZ, 2002, p. 2).

Neste contexto, através de ações preventivas e punitivas, Vargas apoiou uma política de imigração antissemita visando a garantir, sob sua óptica, uma imigração saudável e civilizada. O discurso de intolerância adotado pelos adeptos do nacional-socialismo alemão

⁹ As Circulares estão disponíveis no Arquivo Virtual do Site Arqshoah. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/index.php/arquivo/549-arq-539-circular-secreta-n-1127-recusa-de-vistos-a-individuos-de-origem-semita-06-1938>. Acesso em: 5 jun. 2019.

foi ressignificado à realidade brasileira, servindo como pretexto político para impedir a entrada daqueles denominados indesejáveis, entre estes os judeus e os japoneses, por exemplo. Cabe ressaltar que os refugiados judeus eram, em sua maioria, profissionais liberais, comerciantes, intelectuais e ativistas políticos excluídos da sociedade alemã e dos países ameaçados de ocupação pelos nazistas desde 1933.

Segundo Bauman (1998), a ojeriza aos judeus no período moderno pode ser melhor concebida não como um sentimento de ódio diante do outro, mas como uma forma de inquietude frente aqueles que não se enquadram na conjectura de um mundo organizado, que não podem ser encaixados em arquétipos pré-estabelecidos entre o “nós” e o “eles”. Essas contradições de comportamento evidenciam as vulnerabilidades e as falhas na busca de um paradigma de vida social ordeira, previsível e sem riscos.

Com relação ao período varguista, um dos primeiros a buscar resposta nessa área foi Robert Levine, na obra “O Regime Vargas: os anos críticos, 1934-1938”, publicada em 1980. Mesmo sem ter o material que estava sob a guarda do Itamaraty, Levine já chamava a atenção para a perseguição antissemita na forma de prisões, que eram realizadas pelo comando da Polícia Federal em meados dos anos de 1930, período marcado pela perseguição aos comunistas. Durante sua análise, apontou momentos em que a prática do antissemitismo emergia como mais uma diretriz do aspecto autoritário que auxiliou no golpe de 1937, cometido por Getúlio Vargas.

Durante o processo de composição deste trabalho, surgiram algumas dificuldades na abordagem do tema e na realização da pesquisa. A análise dos livros permitiu encontrar dados biográficos de alguns autores. Chamaram, sobretudo, a atenção alguns dados referentes ao nome de Sérgio Oliveira, oriundo da cidade de Pelotas. Por isso, iniciou-se a busca por mais informações. Encontrou-se, inclusive, um familiar muito próximo que permitiu uma entrevista. Por evidente, o trabalho não se propõe a avaliar ou julgar a posição do autor mencionado ou de qualquer pessoa entrevistada.

A busca por documentos foi de extrema importância na reflexão do trabalho. A visita ao acervo da Academia Sul-brasileira de Letras, sediada em Pelotas, possibilitou o contato com a história e a trajetória do escritor da Revisão, bem como sua participação na sociedade local. Por se tratar de um escritor da mesma cidade, houve a expectativa de um encontro direto, que logo se desfez, ao ser constatado que o mesmo morrera no ano de 2014. Conseqüentemente, a busca por informações voltou-se aos seus parentes e amigos próximos. Com isso, se faz necessário buscar em Bosi (1994) o conceito de memória compartilhada para

entender melhor o que é ofuscado e o que é compreendido do que foi esse escritor. Para a autora, a memória compartilhada é tanto forma de controlar o tempo, vivendo-o plenamente, como empuxo que nos leva à ação, constituindo uma estratégia muito valiosa nestes tempos em que tudo é transformado em mercadoria possuindo valor de troca. Isso cabe no referente trabalho, pois durante o processo de busca do autor, as informações foram muito escassas e quase nulas entre pessoas ligadas à literatura da cidade. Sendo assim, com o passar do tempo, o colaborador da antiga Revisão mantinha sua imagem associada à editora apagada. Com relação à sua bibliografia, parte dela pode ser encontrada na Biblioteca Pública Pelotense com muita facilidade. Os livros não possuem nenhuma ressalva quanto à comercialização proibida, e a retirada para leitura pode ser feita normalmente.

Todo o processo descrito acima (pesquisa, entrevistas, ir a campo, ir ao acervo) foram de grande valia para esta Dissertação e para a construção de uma maior criticidade com relação ao tema. Foi possível perceber que para algumas camadas da sociedade, o nazismo é apenas um espectro estanque no passado. Muitos não se dão conta de que esse espectro, com o tempo, adquire força e conquista espaços na sociedade.

Para finalizar, é importante salientar o que virá ao longo deste trabalho. Para isso, se faz necessária uma breve descrição dos capítulos e os tópicos neles desenvolvidos.

O primeiro capítulo será dividido em três subcapítulos e terá por objetivo discutir a metodologia e alguns conceitos que são considerados importantes para o entendimento do tema proposto. Para isso, três partes são julgadas necessárias para a devida abordagem: (a) o primeiro subcapítulo, denominado “Negacionismo como Sintoma da Pós-Modernidade”, tem por objetivo pensar, através de conceitos de pós-modernidade, que sujeito é esse que se impõe como detentor do saber, as novas nuances, as contradições e os desvarios ideológicos que se formam na atualidade através desse sujeito efêmero e fragmentado. São apresentados exemplos que atestam a descentralização do sujeito e a formação de identidades desconexas e contraditórias; (b) o segundo, “A representação da Negação do Holocausto”, surge como importante elo com o capítulo anterior, pois, a partir dessa análise, pode-se verificar as diferentes narrativas acerca do que foi o Holocausto para os negacionistas que questionam, principalmente, a existência das câmaras de gás; (c) já o terceiro, “A Descrição da Mentira: O Relatório Leuchter”, aborda um dos materiais mais utilizados pelos negacionistas, um suposto relatório de um pesquisador que sem qualquer conhecimento vai ao campo de Auschwitz e colhe amostras para uma análise própria. Aqui, é importante salientar que os negacionistas buscam em outros campos do saber - como a área das ciências exatas - uma linguagem que

lhes dê um efeito de verdade inquestionável. Para isso, se utilizam de fórmulas químicas e cálculos matemáticos a fim de defender a inexistência das câmaras de gás.

No segundo capítulo, quatro subcapítulos farão a composição: (a) iniciar-se-á com o denominado “A produção da Editora Revisão”. Nesse capítulo, considera-se de grande valia descrever algumas obras consideradas importantes da editora de Castan e apresentar ao leitor livros que tenham por objetivo questionar fatos ligados à Segunda Guerra e, principalmente, ao Holocausto; (b) o segundo subcapítulo da segunda parte, “A Editora Revisão na *Web*” tem por propósito atentar para a influência e o impacto que a internet proporciona na divulgação e propagação da editora. É importante salientar que, mesmo com a decisão judicial de extinguir a Revisão, seus materiais encontram na internet um espaço útil e dinâmico através de blogs, sites e portais específicos à manutenção desse saber; (c) o terceiro subcapítulo, “Crime ou Liberdade de Expressão”, tem como mote os desdobramentos da condenação de Castan e como se desenrolou a defesa da Editora, que tenta propor a ideia que judeu viria a ser uma etnia, e não raça, e por esse motivo, Castan não poderia ser condenado por racismo. A tese defensiva também alega que está amparada pela liberdade de expressão, direito garantido constitucionalmente. Assim sendo, suas obras não poderiam ser objeto de censura. Porém, existe um preconceito que está associado a um grupo e isso não pode ser defendido enquanto liberdade de expressão. Também durante a escrita, considerou-se importante apresentar os votos dos ministros e dar destaque para os magistrados que consideraram o voto positivo à Castan; (d) o quarto e último subcapítulo, chamado de “O Nazismo e a Perseguição aos Judeus”, aborda historicamente como a cultura do ódio e a intolerância chega ao extremo com os judeus. Apresentam-se, também, algumas propagandas antisemitas que atestam o ódio nazista e a criação dos campos de concentração.

Ainda como apontamento de reflexão, entende-se este trabalho como importante, uma vez que a atual conjuntura política está favorável à construção de um discurso extremista. É possível perceber evidências nos discursos de políticos e partidos que contemplam o cenário atual. O que causa mais preocupação é a forma como grande parte da sociedade compreende tais discursos e os afirmam como solução para os problemas atuais. Tal fato é perigoso, pois legitima o ódio e a violência como um mecanismo ordinário que se atrela ao sujeito que, sem a devida crítica, o reproduz sem se dar conta. Atualmente, é possível perceber várias figuras políticas que, por causa desses discursos de ódio, abandonaram o país, como, por exemplo, Márcia Tiburi, Jean Wyllys, Chico Buarque. Por isso, deve-se entender que o ódio não é um

instrumento democrático, mas um mecanismo para os extremistas disseminarem o medo e criarem espectros irreais a serem combatidos.

2 O Nazismo e a Perseguição aos Judeus

A cultura do ódio e da intolerância chega ao extremo com a perseguição aos judeus declarada por Hitler, que gerou uma mudança significativa no cenário mundial durante o regime nazista. Essa mudança, de forma direta ou indireta, ainda reverbera na contemporaneidade, resultando em conflitos que abrangem setores religiosos, e até econômicos. Preconceitos como intolerância religiosa e étnica em relação aos judeus, julgar semitas como “detentores do grande capital” (de forma pejorativa e vista como duvidosa), são exemplos de ressonância dessa cultura de hostilidade perpetuada em relação ao povo judeu. Além da intolerância em relação ao povo judeu, é possível encontrar reflexos de uma política segregadora e altamente conservadora na contemporaneidade contra os grupos que constituem minorias políticas e sociais, como mulheres, negros, pessoas de baixa renda, homossexuais, por exemplo. Além disso, sintomas de xenofobia têm se fortalecido cada vez mais, já que a globalização proporciona uma maior possibilidade de interação cultural, o que pode levar, ao mesmo tempo, ao estreitamento da compreensão em relação às diferenças.

O início da perseguição que levaria ao extermínio de mais de 6 milhões de judeus não está ligado diretamente ao aparecimento de Hitler como expoente do cenário alemão das décadas de 1920 e 1930. O ditador defendeu de imediato a propaganda antissemita. Inicialmente, Hitler, em seus discursos, associou os judeus aos problemas econômicos alemães, comprometendo-se a solucionar essa questão, que vinha sendo enfrentada pela Alemanha desde o fim da Primeira Guerra. Em 1933 inicia-se a construção do primeiro Campo de Extermínio, Dachau.¹⁰

Com relação à conduta com os judeus, Hitler investe com afinco na propaganda antissemita. Para Herf (2008, p. 62), esse tipo de discurso se torna um “mandato para o genocídio”.

¹⁰ O projeto deste campo de concentração, o primeiro dos nazistas e projetado pelo Kommandant Theodor Eicke, foi o modelo para os outros campos construídos. Dachau chegou a abrigar mais de duzentos mil prisioneiros de mais de trinta países e, a partir de 1941, foi usado para o extermínio de cerca de trinta mil pessoas. Muitas outras pessoas pereceram em virtude das condições do campo. O campo chegou a possuir uma câmara de gás

Através das propagandas, o nazismo consegue popularizar o pensamento de uma raça pura e superior, pregando a inferioridade das demais, especialmente dos judeus. Toda essa propaganda teve amparo planejado e maldosamente reestruturado em um discurso imagético de propaganda nazista.

Com relação à propaganda antissemita,

A propaganda nazista transformou a suposição de uma conspiração mundial judaica de assunto discutível que era, em principal elemento da realidade nazista; o fato é que os nazistas agiam como se o mundo fosse dominado pelos judeus e precisasse de uma contraconspiração para se defender (ARENDETT, 2011, p. 412).



Figura 4 - Propaganda antissemita elaborada pelos nazistas¹¹

O antissemitismo já pairava na Europa bem antes do século XIX. As perseguições em Portugal e Espanha também são um exemplo de violência contra o judeu. A motivação dessa intolerância muitas vezes surge por questões econômicas: os judeus eram tidos como sujeitos obscuros nas questões financeiras. Na leitura de algumas sociedades, não eram confiáveis. Conforme traz Carneiro:

Fortaleceu-se em toda a Europa e América um conceito de ‘estrangeiro indesejável’, manipulado com certo fanatismo pelas classes dirigentes que, no meio da crise, sentiram necessidade de apontar o causador de todos os males que atingiam a nação, indicando uma solução para o problema. Como bode expiatório apontou-se o judeu, que carregava consigo o triplo estigma de ‘comunista’, ‘indesejável’ e de ‘raça impura’ (CARNEIRO, 1988, p. 52).

¹¹ Disponível em: <<https://thesocietypages.org/socimages/2010/02/03/nazi-anti-jewish-propaganda/>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

O plano para erradicar os judeus foi batizado de “Solução Final”. A investida nazista tinha como propósito retirar os judeus de todo território alemão e transportá-los para campos de extermínio, onde trabalhariam em condições subumanas até a sua morte. Para os campos ainda eram levados eslavos, comunistas, testemunhas de Jeová, homossexuais e desertores da nação.

Com relação ao projeto “Solução Final”, têm-se em Kershaw (2010, p. 734)

Consistira mais em autorizar do que em dirigir. E as diatribes cheias de ódio, embora sem par em sua desumanidade profunda, continuaram no nível das generalidades. Não obstante, não pode haver dúvidas: o papel de Hitler foi decisivo e indispensável no caminho para a solução final. Se em 1933, em vez dele, tivesse subido ao poder um governo nacionalista-conservador, talvez uma ditadura militar, é bem provável que, mesmo assim, uma legislação discriminatória contra os judeus tivesse sido introduzida na Alemanha. Mas, sem Hitler e o regime peculiar que chefiou, a criação de um programa para exterminar fisicamente os judeus da Europa teria sido impensável.

O método mais utilizado de extermínio era pelo gás Zyklon B, utilizado nas câmaras de gás. Cabe, porém, ressaltar que esse não era o único meio de morte nos campos. Havia, também, o fuzilamento e a cremação em fornalhas. Como exceção, tem-se campo de Sobibór, onde as vítimas eram queimadas em fogueiras ao ar livre. Após tal ato, seus corpos eram jogados em valas, e suas cinzas, dispersas.

Por sua dimensão, o Holocausto ganha o cenário histórico de uma forma muito acintosa. Esse genocídio foi um assassinato intencional de milhões de pessoas, em larga escala. Guiados por uma ideologia racista que considerava o judeu inferior e o adjetivava de “porco”, “verme”, “parasita”, etc., os nazistas tinham como objetivo exterminar os judeus do mundo. Os seguidores de Hitler sentenciavam a culpa da crise europeia a todos os judeus que lá estavam. Para os nazistas, os judeus tinham a intenção de dominar o mundo sob a sua própria óptica. Mais tarde, os negacionistas valer-se-iam desse mesmo paradigma para defenderem e propagarem suas ideias.

Os problemas raciais ocupavam o centro do cenário político, os judeus imediatamente foram ajustados como alvo pelas ideologias, e doutrinas que definiam grupos humanos por laços de sangue e por características genéticas familiares. (ARENDR, 1990, p. 298)

Hitler tinha convicção de que era um pensador sério e que suas ideias partiam de um fundo intelectual próprio. Através desse devaneio, concluiu que as características, as atitudes e a conduta social do sujeito eram apontadas pela sua “origem racial”. Para ele, cada grupo social carregava consigo características que eram inalteráveis e que perpassavam de geração para geração. Ninguém poderia sobrepujar as qualidades congênitas, como se pode ver em “Mein Kampf”

Com assombrosa clareza ela demonstra, que, em toda mistura de sangue entre o ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador. A América do Norte, cuja população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente, o efeito da fusão de raças. O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue (HITLER, 1925, p. 150).

As teorias ligadas à ideologia racial advêm do Darwinismo Social¹² do século XIX. Igualmente, como os darwinistas sociais, os nazistas acreditavam que os homens poderiam ser categorizados coletivamente como raças. Cada raça apresentaria peculiaridades diferentes das demais. Essas características, recebidas da geração anterior, relacionavam-se não apenas a aparência e estrutura física, mas, também, construía o intelecto da pessoa, seu pensamento, comportamento, competências criativas, etc. Para Carneiro:

[...] A persistência de um espírito positivista, voltado para a crítica ao racionalismo abstrato e às especulações metafísicas, propiciou a divulgação de todo e qualquer conhecimento apresentado como científico (CARNEIRO, 1988, p. 84).

Os nazistas também se utilizaram da abordagem social darwinista para a teoria da evolução relacionada à “lei do mais forte”, na qual apenas se perpetuariam os que fossem puros e fortes geneticamente.

Através desse meio, Hitler começou a investir na propaganda antissemita de forma mais feroz. Os nazistas trataram de caracterizar e espalhar uma imagem negativa do povo

¹² Darwinismo social é a teoria da evolução da sociedade. Recebe esse nome uma vez que se baseia no Darwinismo, que é a teoria da evolução desenvolvida por Charles Darwin (1808-1882), no século XIX. Este estudo social foi desenvolvido entre os séculos XIX e XX pelo filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), que antes de Darwin pensou no tema da evolução.

judeu, que foram vítimas de inúmeras perseguições. Com isso, muitos perderam seu direito de cidadão, passando a serem vistos como não pertencentes à Alemanha.

Com as Leis de Nuremberg, de 1935, os judeus perderam a condição de cidadãos¹³, foram expulsos de funções públicas, proibidos de exercer profissões, e de participar da atividade econômica. Foram alvos de uma propaganda fortemente discriminatória. Poucos não-judeus alemães objetaram essas medidas. Tais restrições foram mais tarde intensificadas, particularmente após a operação antisemita de 1938, conhecida como *Kristallnacht*, “A Noite dos Cristais”.¹⁴ O termo faz alusão às inúmeras janelas e vitrines de casas e estabelecimentos comerciais de judeus que foram depredados pelos nazistas e pela população alemã. A organização paramilitar nazista, conhecida também como “SA”¹⁵ comandou grupos que destruíram todas as sinagogas alemãs. Essas eram o foco principal da violência. Integrantes do partido nazista destruíram e pilharam casas e lojas de judeus. Esses acontecimentos reprisavam-se em cidades da Alemanha e da Áustria e contavam com membros do partido nazista e das tropas de choques juntamente com os civis. Os fatos acabaram quando Heinrich Himmler, receoso com o impacto internacional dos fatos, ordenou que as “SS”¹⁶ parassem com a investida.

Para Gellately (2001, p. 109) “os campos de concentração aos poucos se tornaram um mundo à parte”, principalmente na questão da perda da identidade do judeu que era colocado em uma condição sub-humana de vida. Segundo Levi:

Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-los, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. [...]meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo (LEVI, 1988, p. 25)

Infelizmente, os nazistas obliteraram vários documentos que poderiam auxiliar nas reflexões a respeito dos campos. Pouco restou de materiais que pudessem atestar o funcionamento e a rotina destes lugares. Porém, os relatos de sobreviventes e alguns campos

¹³Lei de Nuremberg de 14 de julho de 1933 “A Lei de Desnaturalização revoga a cidadania de judeus naturalizados e "indesejáveis." “

¹⁴ Informações retiradas do United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005681>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹⁵ Foi a milícia paramilitar durante o período em que o Nazismo exercia o poder na Alemanha. Seu líder era Ernst Röhm, capitão do exército e notório por seu senso de organização e sua capacidade de comando.

¹⁶ Inicialmente era uma pequena unidade paramilitar, posteriormente agregou quase um milhão de homens e conseguiu exercer grande influência política no Terceiro Reich.

que são utilizados como pontos turísticos devem ser levados em consideração e usados contra o discurso negacionista. Assim sendo, é fundamental que se evidencie as investidas negacionistas de representar o Holocausto como uma farsa.

2.1 O Espectro de uma ideologia: o neonazismo no Brasil

A pretensão de manter ativo ou conservar fielmente o nazismo é proposta do neonazismo. Após o fim da Segunda Grande Guerra, o julgamento de Nuremberg¹⁷ foi o responsável por sentenciar os crimes praticados pelos nazistas durante o antigo regime. Porém, as sentenças de morte não foram suficientes para impedir a manutenção e ou (re)significação da doutrina que, agora, portando o prefixo “neo”, traz consigo vários novos saberes, readaptando o nazismo ao contexto atual.

O Holocausto era tratado em segredo na Alemanha nazista. Grande parte das ordens era transmitida verbalmente. Os nazistas se preocuparam ao máximo em não deixar rastros a respeito da ação genocida. Os documentos que relatavam o assassinato em massa foram destruídos durante a crise do Reich. Mesmo com relatos de sobreviventes e a própria construção do Campo, os negacionistas encontram o que pensam ser motivos para questionar a existência do genocídio, cujo principal objetivo é negar o genocídio e tentar mostrar ao mundo um discurso vitimista e gratuito por parte dos judeus. Para os negacionistas, esse tipo de conduta é utilizado como argumento desde a formação do Estado de Israel.

Realmente, toda a organização nazista com os campos impedia que se tivesse a real dimensão daquilo que estava acontecendo. Como objetivo, o governo de Hitler queria tornar o extermínio algo mais ágil, mantendo os judeus totalmente desinformados do que aconteceria com eles no destino final. Além disso, Hitler sabia que aquela conduta não seria aprovada por todos e seria um fardo extremamente negativo à imagem da Alemanha perante a sociedade internacional. Tratou, então, de manter em segredo toda e qualquer ação relativa às mortes nos campos.

¹⁷ O Tribunal de Nuremberg foi uma série de julgamentos realizados, entre 1945 e 1949. Entre os acusados estavam oficiais do Partido Nazista e militares de alta patente, bem como empresários, advogados e médicos que colaboraram ativamente com o projeto nazista.

No cenário brasileiro, as ideias neonazistas ganham força no final da década de 1970, início dos anos 1980. O contexto brasileiro mostrava o fim do “milagre econômico” e o regime de repressão militar alimentava o questionamento do futuro da nação. Esse concerto favoreceu a incorporação de jovens ao movimento neonazista, que internacionalmente ganhava força com o sucesso político da vertente ultraconservadora britânica. O contexto social brasileiro dos anos de 1980 era delicado, pois vivia-se o final de uma ditadura que perdurou por vinte e um anos, constituindo-se em um cenário perfeito para o surgimento de grupos extremistas, a exemplo dos “Carecas do Subúrbio” (COSTA, 2000. p. 73). Os carecas eram um grupo que possuía particularidades muito semelhantes aos grupos britânicos. Eles tinham como convicções o nacionalismo, a união e fraternidade. (COSTA, 2000. p. 75)

No Brasil, especialmente em São Paulo, onde há maior concentração de pessoas, existem várias células neonazistas (DIETRICH, 2007, p.65). Destacam-se, ainda, as concentrações situadas no Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Distrito Federal e Espírito Santo. Essas células são divididas em duas vertentes: uma delas é intelectualizada e se dedica à política e à produção de materiais e manutenção destes na internet; de outro lado, há um grupo considerado mais violento, que frequentemente pratica atos contra grupos de nordestinos, negros, etc., por motivos ideológicos, ou, até mesmo, pela diretriz do ódio que se constitui característica marcante dessas células. Os grupos podem ser considerados pequenos, porém desenvolvem uma forma particular de organização e de manutenção do discurso nazista. Esse dado deve ser visto com cautela e cuidado, pois, mesmo que o número de adeptos não seja impactante, seus discursos ecoam e reverberam na atualidade. É possível perceber, não apenas no Brasil, mas em muitos países da Europa, que o discurso neonazista vem se remodelando e se reestruturando dentro de uma matriz de aceitação social, ou seja, tal discurso aparece travestido de solução e eficácia para a sociedade. Além disso, não se pode esquecer que na matriz ideológica desses grupos é possível encontrar discursos de ódio como a xenofobia e o racismo. Nas palavras de Salem (2012, p. 37)

[...] Os neonazistas podem estar mais organizados e estruturados em todo o mundo do que há uma década, mas ainda assim não passam de pequenos grupos, se comparados com as demais forças políticas nos respectivos países onde atuam. Mas nem por isso são menos perigosos. Sobretudo se levarmos em conta que constituem parte de uma realidade histórica e filosófica muito mais ampla. Uma realidade de intolerância, de rejeição às diferenças, talvez endêmica a própria história da humanidade [...]

Os grupos brasileiros direcionam seu discurso com base no totalitarismo ultranacionalista, racista e xenofóbico, e defendem o uso da violência como método social. O que se percebe é uma ressignificação do neonazismo europeu para enfrentar o que entendem como problemas nacionais. É possível analisar, por exemplo, que o nordestino é acusado de ser o “judeu brasileiro”, pois alguns neonazistas, principalmente os de São Paulo, alegam que o povo nordestino, procura o Estado de São Paulo para roubar as oportunidades de trabalho dos paulistas, discurso semelhante ao dos nazistas com relação aos judeus. O fato de os nordestinos saírem de sua região e se dirigirem para São Paulo, por exemplo, é usado pelos neonazistas como um estigma que enfraquece a raça. O êxodo, por outro lado, contribuiria para o aumento da criminalidade registrado nas grandes capitais. Discurso igual é facilmente encontrado durante a Alemanha nazista, momento no qual se afirmava que todo judeu era um parasita, que por onde quer que passasse, envenenaria e impediria a evolução da mítica raça ariana. Os neonazistas brasileiros também fazem oposição ferrenha ao sionismo¹⁸, aos comunistas e à esquerda como um todo. Contraditoriamente, na atualidade, uma vertente de pseudo-intelectuais, bolsonaristas, tenta mostrar pontos do nazismo alemão que o caracterizariam como um regime de esquerda. Na verdade, esse discurso advém de uma extrema-direita que tenta desqualificar governos de esquerda que já governaram o país, assim como partidos que tenham posição de esquerda.

A influência das mídias e a popularização da internet nos anos de 1990 foram essenciais para o crescimento de simpatizantes da doutrina nazista no país. Foi através dos meios de comunicação que tomaram conhecimento das ações do partido de extrema direita, e de outros declaradamente simpatizantes do nazismo.

A corrente negacionista, não raramente contraditória, defende a ideia da inexistência dos campos e, ao mesmo tempo, a ideia de que eles existiram, mas não como máquina de morte, e sim, como campos de reclusão para trabalho escravo. É provável que muitos que negam o Holocausto queiram, na verdade, uma abertura para que os discursos totalitários na contemporaneidade se tornem palatáveis e sejam aceitos na sociedade como uma nova estrutura de poder. Porém, essa estrutura advém de uma cultura do ódio. A formação de grupos extremistas tem no seu cerne o ódio e a negação ao outro que não detém o mesmo pensamento. Segundo Lebrun (2008, p. 22)

¹⁸ O sionismo, que surgiu como movimento de libertação nacional judaico, anticolonialista e com aval europeu, é paradoxalmente visto nos meios intelectuais e acadêmicos da extrema esquerda europeia de hoje como a última versão do colonialismo europeu (MILGRAM, 2009).

O ódio emerge cada vez que não reconhecemos que o outro é somente outro como nós - ele também recheado por toda parte, com apenas uma aparência de consistência e de solidez -, e que isso não nos impede de ter a dizer, mas que nosso dizer não é senão uma metade de dizer, um mi-dire como dizia Lacan, um dizer que aceita que ele não diz tudo, nem completamente.

Como se vê, os negacionistas pretendem criticar e questionar a existência do Holocausto como fato histórico. Eles buscam legitimidade intelectual para serem aceitos no cenário da historiografia, assim como suas fontes e metodologias – duvidosas. Qualificam-se também, como detentores da imparcialidade. Consideram-se ainda, aptos a descristalizar os efeitos da História Oficial. Não raramente, viajam em campos do saber dos mais variados, como filosofia, biologia, física, química e matemática, para demonstrar que o genocídio é uma farsa.

Deve-se levar em consideração, na realidade, que a posição dos negacionistas está em disseminar o ódio e a propaganda racista e antissemita, assim como descartar os dados históricos como se estes não tivessem o mínimo valor.

3 O negacionismo como sintoma da Pós-modernidade

O Negacionismo eclode no fim da II Guerra Mundial com os textos dos franceses Maurice Bardèche e Paul Rassinier, e do estadunidense Harry Elmer Barnes. Essa corrente difunde-se, em 1978, através da criação de uma instituição nos Estados Unidos, denominada *Institute for Historical Review* (IHR), que se propôs a disseminar o negacionismo, o antisemitismo e o conspiracionismo.

No seu site oficial¹⁹ é possível ver que o Instituto, para atrair a atenção geral, apresenta-se como um centro educacional independente que produz trabalhos voltados à promoção da paz.²⁰ O Instituto, fundado pelo historiador Mark Weber, em 1978, em Orange Country, Califórnia, se autointitula não-partidário, não-ideológico e não-sectarista. Alega, em

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ihr.org/main/about.shtm>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

²⁰ O Instituto de Revisão Histórica é uma editora e centro educacional independente que trabalha para promover a paz, a compreensão e a justiça através da conscientização do grande público em relação ao passado, e especialmente de aspectos sócio-políticos relevantes da história moderna. Nós nos empenhamos particularmente em aumentar o entendimento das causas, da natureza e das consequências da guerra e do conflito. Nós defendemos a liberdade de fala e a liberdade de investigação histórica. Informação retirada do site do Instituto de Revisão Histórica. Disponível em: <<http://www.ihr.org/main/about.shtml>>.

sua defesa, que sofre constantes investidas de grupos judaicos, que teriam ameaçado seus membros de morte, realizado ataques à sede do instituto e até mesmo promovido uma afronta que culminou na queima do estoque do instituto.

O Instituto tem sido alvo de verdadeiros grupos de ódio. Isso tem se dado através de diversos ataques sofridos da Liga de Defesa Judaica – identificada como um grupo terrorista pelo FBI. Em 4 de julho de 1984, a Liga de Defesa Judaica destruiu o escritório e o estoque do Instituto em um incêndio criminoso. A estimativa de perda de propriedade foi de mais de 400.000 mil dólares, incluindo dezenas de milhares de livros, documentos raros, arquivos irreparáveis e uma extensa gama de equipamentos de escritório. Esse ataque a bomba foi o resultado de uma campanha de meses da Liga de Defesa Judaica, que incluiu numerosas ameaças de morte por telefone e email, um prejuízo extenso de propriedade, outros cinco ataques a bomba relativamente menores, um ataque a tiros com um carro em movimento e duas agressões físicas.²¹

No relativo à questão da negação do Holocausto, o instituto argumenta (entre aspas), que não “nega” o genocídio, e que não tem “posição” a respeito de qualquer fato histórico.

“De fato, o Instituto de Revisão Histórica como tal não possui uma ‘posição’ sobre qualquer evento ou capítulo da história, exceto para promover maior consciência e compreensão, e para encorajar investigações mais objetivas”²².

Interessante destacar o uso das aspas nas expressões “negar” e “posição”. Essas duas expressões estão modalizadas à Holocausto que, por sua vez, está ligada ao genocídio judaico, assim como toda uma memória que impulsiona os sentidos negativos de violência, extermínio e assim por diante. As aspas, segundo Authier-Revuz (2004), pertencem ao mecanismo discursivo denominado “Heterogeneidade Discursiva”, através do qual se denota o discurso do outro. Uma vez aspeando as palavras em questão, o enunciador está deslocando seu sentido e se afastando do que diz, e, conseqüentemente não se filiando aquele discurso.

Porém, mais adiante no site, é possível encontrar um jornal que funcionou de 1980 até 2002, chamado de *The Journal of Historical Review*²³. Durante seu período de atividade, o periódico contou com 21 volumes. Dentre esses volumes, mereceram destaque os nomes mais recorrentes, que são de Robert Faurisson, Mark Weber, Arthur Butz, David Irving e Fred Leuchter, todos negacionistas.

²¹ Tradução feita pelo autor. Informação retirada no site oficial do Instituto. Disponível em: <<http://www.ihr.org/main/about.shtm>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

²² No original: The IHR does not “deny” the Holocaust. Indeed, the IHR as such has no “position” on any specific event or chapter of history, except to promote greater awareness and understanding, and to encourage more objective investigation. Tradução feita pelo autor.

²³ Disponível em: <http://www.ihr.org/jhr/volumeindex>. Acesso em: 2 de março de 2018.

Abaixo, segue um quadro referente aos expoentes acolhidos pelo *The Journal of Historical Review*, que trataram de defender teses sobre a negação do Holocausto:

Ano – Edição	Arthur Butz	David Irving	Fred Leuchter	Mark Weber	Robert Faurisson
1980 – 1	3	X	X	1	3
1981 – 2	1	X	X	3	3
1982 – 3	2	X	X	2	1
1984 – 4	X	X	X	2	X
1985 – 5	1	X	X	X	1
1986 – 6	X	X	X	X	1
1987 – 7	X	X	X	1	2
1988 – 8	X	X	X	2	1
1989 – 9	1	X	X	X	2
1990 – 10	2	3	X	2	1
1991 – 11	1	X	X	1	1
1992 – 12	11	X	1	11	1
1993 – 13	50	2	X	50	2
1994 – 14	20	1	X	20	1
1995 – 15	44	3	X	44	2
1996 – 16	17	X	X	17	8
1997 – 17	15	X	X	17	3
1998 – 18	9	1	X	15	3
1999 – 19	10	1	X	10	4
2000 – 20	5	1	X	5	4
2001 – 21	2	1	X	2	X

Quadro 1 - Autores e Publicações do IHR

O recorte é apenas dos mais famosos defensores do negacionismo que tiveram publicações no jornal. Através do informativo, percebe-se que Robert Faurisson e Mark Weber possuem mais publicações. O primeiro, falecido em 2018, era professor da Universidade de Lyon, um dos maiores defensores da inexistência do Holocausto judaico. Mark Weber, o idealizador, propôs manter ativo o periódico negacionista. Cabe, ainda, o registro de que todos os autores aqui citados são pensadores que têm o Holocausto como tema

de pesquisa e servem de fonte fidedigna para os negacionistas²⁴.

O Instituto e, conseqüentemente, seu jornal, que apregoam não serem defensores da negação, provam o contrário no instante em que abrem espaço unicamente a pesquisadores que defendem o chamado “Holoconto²⁵”.

O Instituto ainda defende a ideia de que revisar a História é essencial para nossa era, porém, na verdade, essa entidade se torna um repositório de autores que descreem na história do genocídio judeu praticado pelos nazistas.

No Brasil da década de 1980 surgiram quatro livros que denunciaram a simpatia de Vargas pelo fascismo europeu e pela violência institucionalizada sustentada pelo Estado Novo: “Morte no Paraíso: a Tragédia de Stefan Zweig”, de Alberto Dines (1981); “Olga: A Vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas”, de Fernando Morais (1983); “O Inimigo Eleito: Judeus, Poder e o Antissemitismo”, de Júlio José Chiavenatto (1985), e “A imigração judaica no Brasil e o antissemitismo no discurso das elites”, de Natália dos Reis Cruz (2009).

Já durante a década de 1990, a obra “Skins: As Tribos do Mal”, da autora Helena Salem, discute o racismo, antissemitismo e nacionalismo xenófobo que surgiram na Europa e no mundo após a II Guerra Mundial. Salem apresenta também o surgimento dos “Carecas do Subúrbio” no Brasil, e aponta as diferenças - de tempo e de espaço- entre os nazistas alemães do III Reich e os neonazistas de hoje, evidenciando que a intolerância, a violência e o despeito à humanidade continuam o mesmo.

Em um contexto mais específico, relacionado ao sul do Brasil, René Gertz, em seu livro “Neonazismo no Rio Grande do Sul” (2012), alerta para a visão de concepções que julga equivocadas sobre neonazismo e sobre uma parte expressiva da população desse Estado que pode ocasionar conflitos étnicos. Para Gertz (2012), a história dos últimos 100 anos evidencia que esses conflitos do século XX são os mais violentos que aconteceram. Assim, o livro se torna uma tentativa de acautelar sobre os perigos subjacentes ao julgamento equivocado sobre aquilo que significa o neonazismo.

Ainda durante o período de 1980, surge a Editora Revisão. Localizada em Porto

²⁴ Os negacionistas se utilizam de adeptos dessa teoria para citações e argumentos de autoridade.

²⁵ Alguns sites que defendem a negação do Holocausto utilizam a expressão para diminuir o Genocídio judaico. Um dos exemplos é o Canal do Youtube denominado “Verdade SS” que hospeda o vídeo “Sobreviventes do holoconto dizendo a verdade”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hspMyYOR4YE&bpctr=1557866994>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Alegre, no Rio Grande do Sul, tinha como particularidade a literatura antissemita, mais especificamente, antissionista e negadora do holocausto. Era encabeçada por Siegfried Ellwanger Castan, que alimentou o discurso da violência e da intolerância como sendo uma visão alternativa – e completamente distorcida – de fatos relacionados ao III Reich. Castan, através da Revisão, expressou opiniões que contradiziam a veracidade do Holocausto. Tal vertente, que tenta se abrigar no revisionismo²⁶, propõe rever certos acontecimentos da II Guerra. Esse movimento deve ser chamado de negacionista, pois o principal objetivo de seus seguidores é a defesa do antissemitismo e a negação do Holocausto. Nesse contexto, a Editora Revisão é tida como o principal meio de propagação do negacionismo no Brasil.

Os que se enquadram nesse movimento afirmam evidenciar o que chamam de verdadeira história da II Guerra Mundial, que estaria sendo corrompida pela “História Oficial”, dedicada a esconder os saberes que a configuram. Os autointitulados revisionistas, que rejeitam o Holocausto, não raramente usam a internet para propagar seus ideais e recrutar adeptos. Dessa forma, diferentemente do que acontecia até meados dos anos 1980, o material negacionista está acessível a qualquer pessoa ligada à *web*, nos mais variados idiomas, como, por exemplo, o blog <http://88southern.blogspot.com.br/>, que em sua seção de “livros”, possui em português e espanhol, manuais e livros publicados pela editora Revisão, como em especial os livros de Castan como: “*Acabou o Gás*”, “*Holocausto: Judeu ou Alemão?*”, dentre outros títulos²⁷.

Na atual conjuntura política mundial, o discurso conservador ganha mais força, autorizando que alguns conceitos possam ser reconfigurados, mesmo que sob técnicas e reflexões de origem duvidosas. É o caso do questionamento, por exemplo, do “nazismo de esquerda”. Segundo Dufour (2013), o Holocausto aconteceu num ambiente que, até então, ninguém acreditaria que pudesse acontecer (no coração da Europa). Essa marca negativa serve de campo para debate entre a direita e a esquerda. Em 2018, um vídeo da Embaixada Alemã no Brasil gerou polêmica ao afirmar o nazismo como uma ideologia de direita, porém, alguns brasileiros incrédulos, e talvez com pouco conhecimento, alegaram que o nazismo foi uma

²⁶ O revisionismo histórico contemporâneo não é algo novo e também não foi originalmente brasileiro. Surgiu no continente europeu na esteira de processos econômicos e sociais de larga envergadura, como a crise do “socialismo real”, a crise do keynesianismo e do Welfare State, além de toda a ascensão ao poder da direita em torno da ideologia neoliberal. Um último tema que provocou muito debate na Europa foi o revisionismo do episódio do holocausto contra os judeus, simplesmente negado. Ao que tudo indica, a pequena comunidade dos historiadores sofreu outro “choque” com a negação de sua existência e sentiu a necessidade de cunhar um termo pejorativo para designá-lo. Nasceu então a palavra negacionismo, uma “variante minoritária” e radical do revisionismo histórico (FERNANDES, 2016).

²⁷ Essas publicações serão analisadas na segunda parte desta dissertação.

política de esquerda, ancorados principalmente na questão de o nome do partido possuir a palavra “socialista”²⁸ ²⁹. As tentativas de desconstrução desse saber servem para legitimar e defender uma linha teórico-política como melhor, ou mais aceitável que a outra.

Atualmente, principalmente no contexto nacional, caracterizar o nazismo como uma política de esquerda consiste em demonizar governos passados e alimentar uma extrema-direita revanchista que se sustenta através de um discurso de ódio e que cada vez mais vem se consolidando na sociedade. Alguns momentos desse debate na atualidade fazem com que seus adeptos apelem para todo tipo de questão, e, inclusive, usem a própria nomenclatura para justificar que o nazismo seria uma ideologia de esquerda. Conforme debatido, sucede que o nacional-socialismo (NASDAP), também conhecido como Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, carrega consigo a expressão “Socialista”. Isso faz com que se tenha a ideia de que o nazismo esteja vinculado à ideologia socialista. Porém, segundo as teorias linguísticas e do discurso, cabe ressaltar que o sentido não está preso à palavra, e, sim, à matriz ideológica de quem a utiliza. Por este prisma, percebe-se que o efeito de sentido de transparência da palavra surge através de um efeito de objetividade que concomitantemente apaga o processo de construção hegemônica de uma determinada interpretação. A afirmação de que o nazismo é de esquerda, por exemplo, não significa apenas calcar um saber, mas sim e, além disso, apagar e ou desconstruir o sentido primário de que o nazismo é uma política de extrema-direita.

É importante ressaltar essa questão da palavra, pois, no discurso, é possível perceber que o sujeito que enuncia não se dá conta e, através de um efeito de consciência e imparcialidade, evidencia sua posição ideológica. Para elucidar a questão do efeito de consciência, busca-se em Pêcheux o conceito desenvolvido de esquecimento, que nas palavras do autor:

O “esquecimento nº 1” é aquele em que o sujeito se coloca como origem de tudo o que diz. Esse esquecimento é de natureza inconsciente e ideológica: o sujeito procura rejeitar, apagar, de modo inconsciente, tudo o que não está inserido na sua formação discursiva, o que lhe dá a ilusão de ser o criador absoluto de seu discurso. (PÊCHEUX, 1988, p. 64)

Ao trabalhar com essa questão na dissertação, considera-se importante avaliar as

²⁸ Vídeo da embaixada alemã. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R7GiXWZBgOw>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

²⁹ Site El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html>. “Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães”. Acesso em: 15 mai. 2019.

reverberações dos sentidos que são oriundos de filiações esquecidas, ressignificadas, silenciadas e apagadas; originadas, portanto, do poder das ideologias dominantes. A partir desse olhar, tem-se como consequência as contradições, lapsos e inúmeras interpretações previstas nos sujeitos, que são inevitáveis na narrativa. É importante considerar o movimento entre as estruturas e os acontecimentos, as regularidades e as dispersões, os ditos e não-ditos, enfim, tudo aquilo que constitui e consolida a organicidade das redes de sentido. Isso é necessário, pois, de alguma forma, o próprio recorte teórico feito pelo analista já estabelece um ato de interpretação. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender o funcionamento da representação do Holocausto judaico na atualidade.

A partir dessas construções, é possível perceber a importância do tema na contemporaneidade. O nazismo historicamente acaba em 1945³⁰, porém, após esse período, ele se reconstrói, agora regido por novos saberes atrelados ao prefixo neo-, que, graças a essa partícula, gera não apenas uma nova palavra, mas, sim, novas subjetividades e novos saberes, que reverberam até a atualidade e não se limitam apenas a Alemanha.

Para refletir a respeito do sujeito contemporâneo, será proposto o debate entre três teóricos. Considera-se essencial discutir quem é esse sujeito, quais as suas motivações e quais elementos e pistas em seu discurso apontam para a manutenção do discurso negacionista. Para isso, é de extrema importância trazer à baila nomes como de Michel de Certeau, Stuart Hall e Roger Chartier. Essa reflexão auxilia a dissertação, que tem por objetivo analisar o negacionismo e sua busca por uma historiografia legitimada. Entende-se, assim, como necessário, expor a importância desses três autores. De Certeau, em relação à violência, Hall ao refletir a respeito do sujeito pós-moderno, e Chartier para descrever a representação desse discurso. Esses conceitos foram selecionados por se constituírem importantes meios de análise, atuando na compreensão dos efeitos de sentido advindos do negacionismo. Vale ressaltar que, para o desenvolvimento desta Dissertação, outros autores também serão citados em momentos oportunos para complementarem o trabalho. A proposta de entrecruzá-los tem por finalidade mostrar a violência que está presente no discurso negacionista, que, por vezes, passa despercebida por adotar um frágil discurso de veracidade a respeito do genocídio judaico. Deve-se levar em consideração que nenhum discurso é neutro. Portanto, faz-se necessário expor a representação do negacionismo, analisá-la e apontar as contradições resultantes desse discurso.

³⁰ Os três *Reich* foram: Império Alemão (1871-1918); República de Weimar (1918-1933); Alemanha nazista (1933-1945).

A partir do pensamento dessa tríade de autores, pode-se considerar que os mecanismos presentes na constituição da representação negacionista beiram o *nonsense*, e apontam um sujeito contraditório que se filia a ideais que defendem uma vertente de pensamento que possui o ódio, a violência e a falsificação de saberes em sua constituição. Através da representação, é possível compreender a apropriação do uso das formas dissimuladoras da violência que se apresentam explícita ou implicitamente nos materiais negacionistas, transformando o emprego de expressões e ideias, que em seu uso comum, possuem outro tipo de valor semântico. Essas ressignificações têm o objetivo de apresentarem-se enquanto teoria legitimada.

No caminho traçado através do conceito da representação, percebe-se a materialização de saberes que, não pertencendo ao espaço negacionista, interessam para sustentar seus pressupostos. Também é possível verificar a presença de elementos no discurso que possam estar a serviço do encobrimento do “real” do assujeitamento do sujeito negacionista, no momento em que esse se propõe a ser o detentor da dita verdade histórica.

Através da reflexão de Hall, a respeito da composição de um sujeito cuja formação é fragmentada, é possível pensar que o negacionismo histórico pode ser sintoma da necessidade de ordem subjetiva, de uma ordem que lhe dê sustentação, que possibilite a sensação de estabilidade e unificação, visto serem, na contemporaneidade, as subjetividades fragmentadas, em função da provisoriedade e da variabilidade que as estão constituindo. Nas palavras de Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 13).

Busca-se o conceito de sintoma em Žižek (1996), que faz uma análise sobre a reflexão de Lacan a respeito da formação da noção de sintoma. Tal premissa advém de Marx, que a teria definido de forma parecida com a que foi abordada na psicanálise freudiana. Para Žižek, “existe uma homologia fundamental entre suas respectivas análises da mercadoria e do sonho” (1996, p. 27). O autor definirá esse conceito como uma formação cuja própria consistência implica em um certo não-conhecimento por parte do sujeito, que só pode “gozar” à medida que essa ideia lhe escapa. O sintoma é algo que surge para desmontar um discurso

universal. Nas palavras dele, “esse pensamento aparece através de certa fissura, um desequilíbrio patológico que desmente o universalismo dos direitos e deveres dos burgueses” (1996, p. 306). Através dessa ideia, entende-se que o sintoma é importante, pois, no momento em que se evidencia a ideologia dominante, formadora da dita História Oficial, tem-se a fissura, inerte ao funcionamento ideológico, necessária para o desencadeamento do negacionismo.

Os efeitos de sentido advindos das várias formas de representação do Holocausto permitem o surgimento da fissura que rompe com o discurso hegemônico, acarretando, assim, a propagação dos pressupostos negacionistas. Juntamente com essa fissura, cria-se um efeito de cristalização da representação negacionista, e, assim, o discurso de falsificação ganha uma blindagem que age na tentativa de tornar o negacionismo legítimo e inquestionável.

Para debater sobre a ideologia negacionista, é necessário compreender as subjetividades que compõem a contemporaneidade. Segundo Dufour, existe uma transformação histórica na formação humana que está se formando “diante de nossos olhos, nas nossas sociedades” (DUFOUR, 2013, p. 23). O autor dá indícios que o sujeito vive uma “grave crise” que atinge diretamente a juventude que perdeu o espírito de ideal e atualmente tem sua composição efêmera e individual. Dufour recorre a outros autores e cita Lyotard com relação à caracterização desse novo período. Para Lyotard:

Entramos, há algum tempo, numa época naturalmente dita pós-moderna – (1979), um dos primeiros a apontar esse fenômeno, entendia com isso evocar uma época caracterizada pelo esgotamento e pelo desaparecimento das grandes narrativas de legitimação, notadamente a narrativa religiosa e a narrativa política. (LYOTARD, 2005, p. 25).

É importante apontar que existe um período onde acontece o enfraquecimento de pressupostos ancorados na “Modernidade Clássica”. Além de certas ideologias, aconteceu o apagamento de lideranças, ícones que detinham uma estrutura forte, servindo de aporte para a sociedade. A individualização do sujeito, a dissociação do poder do Estado, as constantes mudanças culturais à superexposição, a limitação da história ao imediatismo do fato, e a fácil propagação da informação auxiliariam na composição desse novo contexto. Para o autor, esses e outros mecanismos “Tendem a indicar que o surgimento da pós-modernidade não deixa de ter relação com o surgimento do que hoje chamamos de neoliberalismo” (DUFOUR, 2013, p. 25). Dufour ainda diz que: “essa situação nova, a ausência de enunciador coletivo

que tenha crédito, cria dificuldades inéditas para o acesso a condição subjetiva e pesa sobre todos, particularmente sobre os jovens”. O autor também indaga: “quais seriam os efeitos, para o sujeito do desaparecimento dessa instância que interpela e se dirige a todo o sujeito, à qual ele deve responder e que a história sempre conheceu e colocou em operação, notadamente através da Escola?” (2005, p. 26).

Na pós-modernidade, a internet atua diretamente nas mudanças no que se refere à composição de novas subjetividades. Percebe-se, então, a modelagem de um sujeito “precário, acrílico e psicotizante, “[...] aberto a todas as flutuações identitárias e, conseqüentemente, pronto para todas as conexões mercadológicas”. O cerne do sujeito, progressivamente, dá lugar ao vazio do sujeito, um vazio aberto a todos os ventos (cf. DUFOUR, 2013, p. 21-22).

O ambiente virtual é importante na formação de subjetividades negacionistas, seja no recrutamento ou na manutenção e distribuição de materiais dessa vertente. A internet é um ambiente que proporciona o desenvolvimento de diferentes representações. Nela, muitos sujeitos expõem o seu imaginário constituinte. Como conceito de imaginário percebeu-se a importância de evidenciar através do campo da psicanálise. Para Lacan:

O imaginário é um registro psíquico correspondente ao ego (eu) do indivíduo. O indivíduo busca no Outro (pessoas, amor, imagem, objeto) uma sensação de completude, de unidade. No entanto, o Outro não existe para desenvolver a imagem com que o ego (eu) quer ser sustentado. (LACAN, 1975, p. 247)

A principal marca dessas práticas é a mutabilidade de sentidos, uma manobra que permite um rearquitetar-se constante do sujeito, e que gera um efeito de autonomia. Essa forma de estruturação pode ser vista na organização de grupos, como os negacionistas. Os adeptos dessa vertente se utilizam desse meio, pois os principais materiais negacionistas são vinculados à Editora Revisão, que tem seus conteúdos proibidos de serem impressos e comercializados, embora estejam disponíveis na internet³¹ para acesso e propagação. Esses elementos servem para refletirmos a respeito da vitalidade desse movimento, e para que possamos apreender, mediante representações, como a violência é simbolizada nesse espaço, e como essa corrente tenta se enquadrar na História.

Ainda com relação à composição do sujeito fragmentado, característico da pós-modernidade, busca-se um diálogo com os movimentos culturais que ganharam força no final

³¹ Cabe salientar que algumas obras dessa editora foram acessadas facilmente durante pesquisa na Biblioteca Pública Pelotense.

dos anos de 1960 e acabaram ecoando, também, nas universidades que, nesse momento, necessitam repensar sua posição para se adaptar e receber as novas culturas, que eram até então desconhecidas do ambiente acadêmico. Forma-se, então, dentro desse ambiente, uma disputa de poder entre a cultura dos eruditos *versus* a cultura de massa. Através desse embate, emerge a seguinte dualidade: restringir a entrada ou aceitar a pluralidade cultural? Com a abertura para o universalismo plural, a universidade se vê forçada a se reinventar, o que gera efeitos, como a criação de novos cursos, e a reconsiderar a postura do professor com o aluno, abrindo espaço para o diálogo mais direto entre as partes. Com isso, percebe-se uma metaforização da língua; é necessário que o professor universitário conheça a pluralidade dos alunos que, ao entrarem no contexto universitário, carregam consigo sua cultura. Tal fato acaba por evidenciar o despreparo docente, uma vez que os professores da época não tinham conhecimento da cultura de massa, e se depararam com grupos que antes não tinham acesso à universidade. Esse choque gera um contradiscurso, que para o autor é sensível à linguagem, apontando que esse é um fator violento e uma via para a violência.

De Certeau (2003), para tratar de violência, aponta que é através de um discurso irônico, refalsado, que a linguagem da violência se faz presente. Ao defender um discurso de paz, de justiça e liberdade a violência passa imperceptível, pois ela se faz presente num estrato que a auto justifica como linguagem. A violência não deve e não pode ser compreendida como um objeto observável e nem oferecida a um observador. Ela é elemento presente no lugar de fala dos sujeitos, é parte significativa da composição da subjetividade.

Nas palavras de Austin (1965), é uma linguagem enferma. A visão linguística traçará que a linguagem não descreve os elementos, não é a transparência do mundo, mas sim é opaca e dependente direta de uma ideologia que apontará a uma determinada representação. A linguagem, então, se torna um lugar complexo que organiza e permite determinadas atividades. Sendo assim, todos esses indícios de violência na linguagem são e podem ser perceptíveis, porém, uma vez instaurados no universo da significação, tal ato acarretará em seus efeitos, pois é nesse universo que a reverberação da violência irá se instaurar. Uma vez fora dali, tornar-se-iam impotentes. Esse tipo de linguagem pode ser oculta, mas a sua consequência sempre será sensível.

A violência é entendida como manifestação da linguagem. Seus atos propõem-se a romper e desmascarar a economia alienante do meio e o totalitarismo da identidade. Dessa forma, a violência se torna um gesto, pois as palavras e os sentidos delas foram solapados, gerando outra forma de manifestação: quando um ato de vandalismo é proferido, um novo ato

simbólico é gerado. A violência tem um alvo invisível, não perceptível enquanto objeto, mas uma abstração associada ao poder ideológico, esse ataque tem como peculiaridade ser uma forma de tratar a linguagem, ela não une, ela rompe, é uma efêmera forma de abordá-la, pois ela se esvai. No momento em que é realizada, emerge como algo ilógico, excita o êxtase naqueles que se encaixam em certo determinismo social, mas estão impossibilitados de perceber o que poderá acontecer após esse finito jogo ao qual violência os reduziu. De certa forma, o gesto violento marca a incursão de um grupo, legitima a existência do indivíduo enquanto identidade e pertencimento a uma comunidade que tenta se formar em um universo no qual ela é excedente porque ainda não se impôs. A violência deve ser vista como uma mudança na rota da percepção do sujeito. É necessário perceber que a violência e o seu gesto carregam uma importante dualidade, o embate de dois discursos hegemônicos que medem forças numa disputa de poder. Seja através de uma linguagem simbólica ou não, apenas o embate pode ser responsável por aquilo que os efeitos da violência se contentam em exprimir e fazer dela uma articulação entre forças. A desconstrução da linguagem pela violência resulta numa real e factual luta, comprometida com os reprimidos que preservam e promovem a diferença.

Para manter um paralelo com De Certeau, considera-se importante para o desenvolvimento deste trabalho o diálogo com Stuart Hall. O autor em seu livro, “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, aborda a questão do sujeito e a sua relação com a pós-modernidade, no qual Hall explica que, durante esse período, o sujeito irá se caracterizar por sua composição fragmentada. Hall aduz o quanto a identidade é volúvel, passiva de transformações. Durante o capítulo 2, “Nascimento e morte do sujeito moderno”, Stuart Hall aponta que durante a modernidade o sujeito era validado por sua postura identitária imutável e racional, resultante da vertente de pensamento iluminista. Tal visão influenciou diretamente as ciências sociais até meados do século XX. Porém, esse paradigma é questionado no momento em que diferentes áreas do conhecimento criticam o pensamento do sujeito moderno.

O primeiro elemento a ser elencado é o viés marxista, que descreve os indivíduos pela sua formação subjetiva por meio de sua operação e seu papel nas relações sociais. Para Marx, a identidade de um sujeito está associada ao modo de produção da vida material contemporânea em certa sociedade. Já através de Freud, a ideia do inconsciente entrará em choque com a razão que pertencia ao molde cartesiano. O psicanalista defendia, então, a ideia de que os desejos habitam a área do inconsciente, e que é a partir deles que surgem as ações do homem. Lacan abordará a questão psicanalítica do sujeito através da ideia de que a criança

em sua constituição é diretamente dependente do relacionamento com outras pessoas para que, a partir daí, possa se desenvolver. Lacan exemplifica, através da metáfora do espelho, que a criança se nota pertencente ao mundo através do olhar do outro, iniciando seu processo de construção enquanto sujeito. O próximo paradigma advém da linguística de Saussure. Para o linguista, o sujeito não é a fonte daquilo que diz ou dos significados que se expressa na língua. As representações do pensamento são direcionadas e balizadas pelo vernáculo existente no idioma. O próximo paradigma vem de Michel Foucault: para o filósofo, os indivíduos são regidos e policiados por esferas de poder.

Com essas novas formas de pensamento, o sujeito centralizado, de identidade fixa, se esvai, surgindo um novo sujeito de uma época, um sujeito onde sua característica se dá pela formação de uma identidade incompleta, contraditória e fragmentada. Hall ainda traz outro paradigma para complementar a crítica à modernidade e a descentralização do sujeito: o feminismo, que trouxe consigo questionamentos com relação ao público e privado, indagou temas como sexualidade, família, gênero e assim por diante. Tal corrente lutava não apenas pelos direitos da mulher, mas também de outros grupos como gays e lésbicas, auxiliando no surgimento de uma política de identidade.

Stuart Hall elencou cinco pontos³² de partida para mostrar a crise do sujeito moderno, que, antes de receber essa pluralidade de ideologias, detinha uma identidade estável e centrada. Porém, é através da reverberação dos sentidos da era moderna, emboscada por tantas mudanças sociais, culturais e políticas, que se formou uma identidade fragmentada. O sociólogo descreve a “morte” do sujeito e a criação de um novo sujeito, na medida em que aponta a subjetividade da contemporaneidade, configurando um sujeito desprendido de normas, um sujeito que não está preso, estanque a uma ideologia. A subjetividade hoje é vista sob um novo prisma, sem um molde previamente formado a ser seguido. Porém, ressalva-se que esse sujeito, embora tenha certa liberdade intrínseca na sua fragmentação, deve seguir determinadas regras para ser funcional dentro de uma sociedade.

A proposta dessa dissertação, como se vê, é propor o negacionismo como um elemento da contemporaneidade, espaço efêmero, que permite a mutabilidade dos sentidos e a criação de grupos de acordo com o contexto. O sujeito caracterizado como clivado, fragmentado e descentralizado busca uma utópica sensação de unidade. Muitos grupos procuram através do discurso de ódio e violência ancorarem-se a práticas ultrapassadas, como o caso do discurso

³² Os cinco pontos elencados por Hall (2003) são: o Marxismo, a Psicanálise, a Linguística, a Filosofia Foucaultiana e o Feminismo.

nazista, para solucionar os problemas atuais. Acreditam que a centralização do poder em uma figura única seria o reflexo da modernidade. Através disso, podemos perceber o crescimento mundial de líderes políticos pertencentes a uma extrema direita radical e revanchista, que ganham a simpatia e a confiança de sujeitos que buscam essa unidade. Percebe-se o sujeito negacionista, como sendo um sujeito que, numa bibliografia duvidosa, encontra políticos e escritores que tentam mostrar um suposto e distorcido lado positivo do nazismo, e assim, trespalam sentimentos de ódio que se potencializam com o passar do tempo. Pelo contrário, esses sentimentos de ódio potencializados pelo sujeito da pós-modernidade ganharão novas e perigosas ressignificações.

No Brasil e no mundo, o negacionismo é uma realidade. O sujeito pertencente a essa ideologia semeia o ódio e a intolerância que ganha cada vez mais força perante a sociedade e atinge várias esferas políticas e sociais. É necessário que esse tipo de discurso seja combatido e que não ganhe o estatuto de corrente historiográfica. Caso contrário, se permitirá que a violência e as perseguições, enfim, os horrores do nazismo, aumentem e se tornem algo natural. A historiografia é entendida como a construção narrativa dos resultados da pesquisa histórica, efetivada através de um método de investigação empírica e de crítica documental. É essa ciência que configura os elementos empíricos em históricos, inserindo-os na vida prática, depositando sentidos e significados. O significativo é que, apesar dos ensaios de separar a objetividade e narratividade, chegando ao extremo de alegar a diametral oposição entre ambas, a narratividade histórica, em si mesma, apresenta “elementos de objetividade”, tornando possível que se a caracterize como um produto intelectual do historiador:

Existe algo na construção narrativa chamada “história” que não pode ser inventado, pois é previamente dado e tem de ser reconhecido como tal pelos historiadores a interpretação histórica não pode ir além dos contornos da experiência quando tenha por intenção enunciar o que ocorreu no passado (RÜSEN, 2001, p. 94).

É perturbador crer que, não apenas no Brasil, mas também em vários países com realidades e histórias tão diferentes, muitos partilham deste ponto comum, ou seja, a presença de um movimento organizado que carrega como diretriz saberes da ideologia nazista. Além disso, negacionistas (des)constroem um outro tipo de pesquisador: um historiador que se autolegitima como interlocutor de investigações que toma por objeto o nazismo, o neonazismo e suas práticas.

Também como fonte de análise do negacionismo, destaca-se que, no discurso de

Mao³³, abordado por Žižek, a contradição é inerente ao processo de criação universal, do início ao seu fim, readquirindo o que estava nos pensamentos de Marx e posteriormente em Lênin. Essa é a universalidade e a particularidade do absoluto que se debate na obra. Cabe ao trabalho que será realizado nesta dissertação, buscar esse conceito da contradição como auxiliador na interpretação do sujeito negacionista. Foi a partir da tese “O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos” de Courtine, que a contradição nos moldes marxistas é introduzida e utilizada para questões de Análise do Discurso. A contradição é a origem da constituição das formações discursivas (FD³⁴). Diz o autor:

[...] uma FD é heterogênea a ela mesma: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de uma vez por todas, separando um interior de um exterior, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se move em função dos interesses da luta ideológica (COURTINE, 1981, p. 4).

Isto posto, as contradições podem ser acessadas no interior da FD. O autor ainda destaca que, ao invés de se considerar a FD em si, apartada, deve-se realçar as suas interações com outras FD, porquanto que ela é contraditoriamente formada e dividida. Para esse fim, é fundamental analisar os engendramentos entre elementos da ordem do pré-construído, formados no exterior da Formação Discursiva, são (re)significados, (de)negados, ou ainda apartados por ela. Desse modo, uma FD deve ser concebida como contraditória e, portanto, clivada e heterogênea.

Considera-se importante para o trabalho o conceito de violência que é veiculado por Žižek (2011). O autor chama de violência objetiva aquela invisível, escondida através de eufemismos, metáforas e elementos que (re)configuram o saber. Nas palavras do autor, “normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento”. Tratando-se do presente trabalho, considera-se a violência nesse nível como um elemento que incita e cria um contexto que se faz latente, imperceptível, mas que, disfarçada de literatura historiográfica, exprime em materiais de diversos gêneros, o preconceito e o antissemitismo.

Entender a realidade como opaca não é o mesmo que entendê-la como inatingível, mas, sim, uma descrição verossímil da realidade. Porém, cabe ressaltar que o negacionismo descreve o indício a partir de uma abstração inverossímil, baseada na falsificação ancorada em um recorte que ele entende como real, construindo indícios onde não existe uma

³³ Em 1949 organizou a República Popular da China e em 1966 liderou a chamada Revolução Cultural chinesa.

³⁴ Conceito criado por Foucault (1969) e utilizado por Pêcheux e Courtine (1981)

representação. Nesse sentido, a Editora Revisão, como forma de justificação de seu discurso, ancora-se no método de apropriação e interpretação livre do discurso científico para dar sustentabilidade às suas ideias. Não raramente, Castan critica as fontes oficiais, destacando que, segundo ele, devem ser lidas de maneira minuciosa, pois sua produção foi feita pelos países vencedores da Segunda Guerra, “[...] falando e opinando de maneira mentirosa, apenas pelo lado vencedor, deformando os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial [...]” (CASTAN, 1989, p. 75). Através das palavras de Castan, deve ser questionada a importância de criticar o Negacionismo histórico e a(s) forma(s) como essa vertente tenta se encaixar socialmente. Não deve ser possível aceitar uma teoria que não tem um método e nem uma prática analítica fundada em pressupostos que lhe garanta acesso ao passado. O Negacionismo deve ser considerado uma vertente de deturpação da história, ocupando o lugar social da falsificação, pois visa à criação de um passado alternativo, onde a argumentação mais forte é baseada em “invenções do sionismo internacional”.

O presente trabalho busca, através da questão da representação do Holocausto, a compreensão de como esse termo transita entre a História e o negacionismo. Com isso, cabe o questionamento: é possível representar o Genocídio judaico durante o nazismo? O problema da questão são as diferentes representações que orbitam o objeto. Quando se trata do negacionismo, as interpretações beiram o *nonsense* e abrem espaço para uma vertente que se diz detentora da verdade, mas que ressignifica e constrói uma nova realidade, por vezes embasada em elementos rasos e sem credibilidade. Para isso, tem-se em Chartier (1990, p. 17):

[...] Por um lado a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro a representação como exibição de uma presença como apresentação pública de algo ou alguém. No primeiro sentido, a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por sua imagem, capaz de o reconstruir uma memória e de o figurar tal como é. Uma relação compreensível é, então, postulada entre signo visível e o referente por ele significado – o que não quer dizer que seja necessariamente estável e unívoca. (CHARTIER, 1990, p. 17).

O autor aponta para a importância de que seja analisada a diferença entre o que se representa e o que é representado. Conquanto, tal representação pretende substituir algo na impossibilidade de sua presença. Assim sendo, a representação é o relacionamento de uma imagem presente a um objeto ausente, o qual essa toma o lugar. Para o negacionismo, cria-se

uma nova representação, através de falsificações e negações da história, visando a tomar e se manter nesse lugar social como uma historiografia verdadeira.

3.1 A fragmentação na contemporaneidade: deslocamentos de sentido

Uma das características da Pós-modernidade é a constituição fragmentada do sujeito. Hall (2006, p. 07) admite que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Nossa época se desenvolveu sob o impacto da ciência, da tecnologia e do pensamento racional, que tiveram origem na Europa dos séculos XVII e XVIII. A cultura industrial ocidental foi moldada pelo Iluminismo – pelos escritos de pensadores que se opunham à influência da religião e do dogma e desejavam substituí-los por uma abordagem mais racional à vida prática (GIDDENS, 2010, p. 13-14)

Assim acontecem, pois, as mudanças estruturais na sociedade, “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2006, p. 09) foram sendo fragmentadas.

Mas como pensar um sujeito negacionista na contemporaneidade? Devemos inicialmente entender a dessubjetivação do sujeito e fazer um paralelo entre o que seria o sujeito hipotético nazista com o sujeito hipotético neonazista/negacionista.

O sujeito nazista seria aquele vinculado a uma imagem de um líder. Alguém por quem ele deve ancorar e se alienar, esse sujeito é caracterizado como um sujeito de identidade única e fechada, estancada em um líder, Hitler. Mas e o neonazismo não teria essa imagem de Hitler como seu guia? Sim, porém essa imagem aparece como um *zeitgeist*³⁵. Esse espectro beneficia a formação de novas teias de representações. Esses novos sentidos são porosos, fluidos, conflitantes e, sobretudo, efêmeros.

É necessário, para esse novo sujeito, um contexto favorável para atuação da sua matriz ideológica. Com isso, saberes são apagados e ou ressignificados para aceitação e identificação

³⁵ *Zeitgeist* “O espírito de uma época” é uma palavra de origem alemã e seu conceito foi introduzido por Johann Gottfried Herder e outros escritores românticos alemães. Em 1769, Herder escreveu uma crítica ao trabalho do filósofo Christian Adolph Klotz, introduzindo a palavra *Zeitgeist*.

na ideologia. O nazismo não termina em 1945, ele é reformulado, reconfigurado. Essa ressignificação apenas atrelou diferentes saberes com o passar dos tempos. Atualmente, através dessa composição fragmentada do sujeito, é possível encontrar novos grupos neonazistas com diferentes formas de auto identificação. Como é o caso do grupo chileno *Movimiento Veganista Emergente*³⁶, grupo de extrema-direita que utiliza como estratégia o veganismo para se instalar socialmente. Tal método pode ser entendido como uma tentativa de recrutamento de jovens a esses grupos que se utilizam desse saber veganista como cenário para passar ideais extremistas.



Figura 5 - Símbolo do Movimento Veganista Emergente

O aspecto contraditório vigente nesse grupo serve de exemplo para refletirmos os rumos hipotéticos da constituição do sujeito. Para Freud (1927-1996, p. 15) é extremamente complicado tentar achar uma explicação para "o destino que a civilização espera e quais as transformações que esta está fadada a experimentar". Ainda mais se tratando do sujeito em questão, em constante mutação e bombardeado de significações efêmeras.

No caso da negação da *Shoa*³⁷, essa fragmentação e esse efeito efêmero de construção é percebido quando os negacionistas resgatam elementos de outras ordens do saber para explicar e justificar seu argumento, em uma estratégia de resistência com outros saberes se afastando da realidade e reconfigurando uma nova ordem, lugar do saber onde sua subjetividade faz sentido. Com relação ao conceito de resistência, Lagazzi (1988, p. 57) alerta que "a resistência é a batalha do sujeito pelo direito de se colocar, de não aceitar a coerção, é a batalha por 'um lugar no qual o sujeito se encontre um poder de dizer', com ou sem o

³⁶ Estrategia Veganista. El Movimiento Veganista es la actualización de un Nacional Socialismo bajo una NUEVA FORMA RÚNICA inspirada en la Sabiduría Hiperbórea. La estrategia Veganista está concebida como una Estrategia Psicosocial Colectiva e individual de Liberación que consiste en la expresión colectiva de la mística rúnica que la inspira. Disponível em: <<http://sabiduria-hiperborea.blogspot.com/p/movimiento-veganista.html>>.

³⁷ Sinônimo de Holocausto.

respaldo da hierarquia”. Essa batalha é caracterizada pela história do sujeito, sendo única da relação que ele determina com o seu discurso e com o discurso do outro. Esse sujeito (negacionista) que fala advém de um determinado lugar social, caracterizado com um lugar que não é aceito socialmente, e para se estabelecer e sair desse lugar, ele entra em contradição com o discurso do outro e, é a partir dessa contradição, desse choque de sujeitos ideológicos, que se criam os sentidos. Por contradição toma-se Foucault (1969) e Courtine (1982), quando afirmam que a contradição é a própria lei de existência do discurso, em outras palavras, a contradição é um elemento fundamental na construção do sujeito.

Como já citado, considera-se importante para o trabalho explorar a questão do sintoma. Para isso, evocar-se-á a área da psicanálise. Para Lacan, sintoma é oriundo de Karl Marx. Conforme Lacan, Marx teria sido inventor do conceito moderno de sintoma:

É importante salientar que historicamente não reside aí a novidade de Freud, a noção de sintoma, como várias vezes marquei, e como é muito fácil observar na leitura daquele que por esta noção é responsável, é de Marx (1970, p. 220).

Trazendo a reflexão para a proposta do trabalho, o sintoma é o gatilho fundamental para o discurso negacionista saltar à materialidade. Assim, entende-se que no momento em que se evidencia a ideologia que compõe o negacionismo, tem-se a fissura, inerte ao funcionamento ideológico, necessária para o desencadeamento de novos saberes/novas histórias. Isso é possível pois a sua característica pós-moderna possibilita flutuação dos sentidos, facilitando a composição de um sujeito que se filia ao contexto que for propício para a afirmação de seu discurso. Essa fissura sintomática aliada à composição permeável gera um efeito de inquestionabilidade na ordem do discurso negacionista. É importante destacar que para os adeptos dessa ideologia, é imprescindível que a inexistência do Holocausto seja uma verdade absoluta, ao menos na exterioridade.

As fissuras e contradições provocadas pelo sintoma geram formas equivocadas do dizer. Atualmente, quando se trata de temas ligados à II Guerra, volta-se ao questionamento, por exemplo, da posição política do nazismo. “O nazismo de esquerda” é um exemplo de sintoma, pois ele causa uma inquietude no discurso, fazendo com que se crie uma nova ordem de possibilidades e de representações acerca não apenas do nazismo, mas sim de todos os regimes fascistas.

Um dos maiores acontecimentos do século XX foi o genocídio judaico praticado pelos

nazistas durante o período de Hitler, e essa sina é carregada pela extrema-direita, que, de alguma forma, necessita se desvencilhar desse saber. Para isso, seus adeptos procuram desconstruir as ideologias políticas e atrelar o Holocausto aquilo que os negacionistas entendem por esquerda, usando sob pretexto os campos soviéticos. Da mesma forma, tentam fazer a dessimbolização usando como exemplo moedas do período nazista que continham a foice e o martelo (signos ligados ao comunismo); ou até mesmo, o nome do partido nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) como justificativa.

O sentido não está na palavra ou no símbolo e sim como ele é significado, como ele é abastecido por aquele(s) que o utilizam. É extremamente perigoso fazer uma análise dicionarizada da palavra, quando na verdade os sentidos advêm de questões muito mais complexas. Não se deve ficar apenas no nível da decodificação, é necessário ir além e perceber quais as motivações para aquela interpretação estar sendo apresentada, quais elementos estão sendo apagados ou ressignificados. Deve-se analisar o contexto do sentido por três características, segundo Orlandi (1988): o inteligível da língua que se apresenta pela “atribuição de um sentido automatizante, denominado codificação”, o interpretável, que é a “atribuição de sentido, levando-se em conta o contexto linguístico (coesão)”, e o compreensível, que é a “atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se em relação enunciado/enunciação”. Orlandi ainda completa: “compreender a perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação” (1988, p. 115).

O que deve ser levado em conta na pós-modernidade é que o sujeito visa a completar um vazio em sua subjetividade. Tal vazio pode ser considerado como um sintoma pós-moderno que faz com que o sujeito busque alicerçar-se em figuras e narrativas históricas ultrapassadas como referências.

Para a extrema-direita, o ódio aparece ancorado em conceitos que parecem funcionar como um ideal de ordem como exemplo na linguagem religiosa e na patriota. Mas para esses saberes vigorarem é necessária uma investida direta na desconstrução – redução – da esquerda e, para isso, o método é associar erroneamente e sem o mínimo senso crítico esses discursos à violência de sistemas passados, como é o exemplo da associação do nazismo à esquerda. Para refletir a respeito dessa redução busca-se em Tiburi (2015, p. 26) a devida observação:

Para destruir o outro é preciso destruir a política. Para destruir a política é preciso destruir o outro. Destruir o outro garante o fim dos sujeitos de direito e o fim do direito dos sujeitos. É preciso humilhar e aviltar pessoas e populações evitando assim a realização da democracia que propõe uma sociedade inclusiva para todos. Ao mesmo tempo, nesses contextos é útil usar a palavra democracia magicamente, como se já estivesse realizada.

No Brasil, a realidade atual é a de um ódio evidente e, assustadoramente, autorizado. Basta a evidência desses saberes nos discursos presentes no perfil pessoal do líder do PSL e a forma como este emerge ao poder, através do aniquilamento das minorias, do discurso hostil e segregador. Vejamos, como exemplo, a forma de atuação do governo, via rede social, de agressividade com o discurso do outro:



Figura 6 - Perfil pessoal de Eduardo Bolsonaro comentando o “nazismo de esquerda”

Um grande erro é realizar uma análise anacrônica. Eduardo Bolsonaro, ao realizar sua reflexão, traz como suporte o Estado Mínimo do liberalismo como fundamentação para defender que o nazismo não poderia ser de direita. Porém, o que é usado aqui é um conceito atual de liberalismo, e tem-se como consequência uma interpretação errada da ideologia, que desconsidera totalmente o contexto da época. Assim, defender que a nacionalização das indústrias não poderia ser uma diretriz da direita, é ignorar todo o período pré-1939 que a Alemanha vivia. Afirmar que o nazismo é de esquerda é uma estratégia para “purificar” a direita do mal que ela carrega, é livrar-se das heranças negativas do nazismo. Da mesma forma, enraíza a questão do Holocausto como um saber da esquerda, além de legitimar-se como um movimento salvador. Isso parece funcionar no momento em que se percebe, na contemporaneidade, o ressurgimento de uma direita extremista, militar e revanchista.

Atualmente, é possível perceber um discurso alienante na sociedade. A violência e a intolerância tornaram-se fatores comuns, banais, permitindo o aumento de grupos extremistas, que se utilizam de discursos brutais e creem numa composição política retrógrada e totalitária como solução dos problemas socioestruturais.

A estratégia do deputado ao postar uma imagem de Hitler e afirmar que o nazismo é uma ideologia de esquerda é a de associar o que foi o nazismo aos partidos de esquerda. Isso se torna claro quando ele cita no penúltimo parágrafo de sua postagem partidos como PT, PSOL, PCdoB e PSB, caracterizando as ideologias esquerdas brasileiras ao nazismo. Sendo assim, sua estratégia de acusação é falha, mas, talvez eficiente, uma vez que ele cita apenas uma parte desconexa do programa do Partido Nazista.

Sendo assim, retomando a questão do sujeito pós-moderno, que possui sua composição através da fluidez dos contextos e das efemeridades dos conceitos, a subjetividade é afetada. Negar o Holocausto torna-se uma forma não mais política-ideológica, mas sim identitária-ideológica. O Negacionismo surge como um fetiche do sujeito, uma forma de autoafirmação. Para Žižek (1996, p. 308), o aspecto essencial do fetichismo repousa no “desconhecimento estrutural”, por meio do qual uma rede de relações se transfigura no valor imediato de um elemento considerado isoladamente. Esse isolamento é a estruturação de um ideal que carrega saberes que transfiguram efeitos de verdade. Cria-se uma nova constituição ideológica, fragmentada que lhes dá a devida sustentação social. A partir daí, os negacionistas tentam, com o auxílio da negação e da falsificação, travestidas de discursos verossímeis, deslocarem-se para um lugar social onde sua vertente ideológica possa ser validada.

Fazer uma afirmação através de um excerto deslocado e fazer uma interpretação a seu bel-prazer é, além de violento, extremamente antidemocrático, o que beira a uma interpretação de um discurso fascista. Segundo Tiburi (2015, p. 27), “não há maneira melhor de destruir a política do que fazendo uso do ódio”.

Em face disso, necessário se faz avaliar os movimentos e os olhares sobre as estruturas históricas, o que é aparente e o que é ofuscado, enfim, todas as peças de um quebra-cabeça que tenta justificar as redes de configuração negacionista.

4 A representação da negação do Holocausto

Cabe questionar, inicialmente, o que é essa manifestação, qual o tipo de linguagem usada e quais as consequências que resultam desse confronto. Esse tipo de clã (que defende o Holocausto) se organiza através de conceitos urdidos no âmbito da violência. O ódio é o fator principal de agregação desses sujeitos, que têm como alvo os segmentos mais frágeis da sociedade, e que se configuram de acordo com o panorama de uma época e de um lugar³⁸. Em algum momento, as vítimas já foram os judeus, homossexuais, indígenas, negros. No caso brasileiro, ao se tratar de grupos extremistas, o principal alvo ressignificado é o negro e o nordestino. Esses movimentos extremistas procuram criar uma ilusória unidade de povo, com base em um nacionalismo extremo, atrelado a um ufanismo delirante, que prega uma falsa defesa de identidade, enquanto devaneio de nação soberana e pura. Estudar esses movimentos na contemporaneidade é de suma importância. Esses grupos se inspiram em políticas ultrapassadas que se legitimaram mediante golpes e ditaduras, como no caso nazista, que se consolidou através da propaganda racista e da eugenia³⁹, resultando no extermínio de milhões de pessoas. Por isso, é relevante evidenciar os resquícios que remontam a permanência nazista na atualidade.

O neonazismo, por exemplo, representa a redescoberta do nacional-socialismo. O movimento tem suas raízes nos preceitos de supremacia racial, vinculados à questão da superioridade do mito da raça ariana. Os adeptos dessa doutrina proferem o discurso da elitização de uma raça que privilegia o paradigma do mitológico homem ariano.

A questão da representação interessa aos objetivos desta dissertação, tendo em vista o objeto de análise: a atribuição de sentido a uma corrente que habita o lugar social da falsificação, assim como, também, se consideram as determinações ideológicas que modelizam a caracterização de um grupo que se alimenta através da linguagem do ódio.

Considera-se importante o debate sobre a memória, por entendê-la como um dos mecanismos para a representação do negacionismo. Assim, ao se abordar a história e a

³⁸ Na contemporaneidade, por exemplo, os grupos neonazistas são contrários aos asiáticos.

³⁹ Eugenia é um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), significando "bem-nascido". Na biologia, é a teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas.

memória, não se pode desconsiderar o fato de que a memória é configurada por esquecimentos e lacunas, ditos e não-ditos, assim como silêncios. No entanto, como representação e cognição, na perspectiva fenomenológica, a memória é a “minha/nossa lembrança”, que pode ser passiva, uma evocação, um aparecimento espontâneo, ou pode ser uma conquista através de um trabalho sobre a memória. Com isso, é importante, para elucidar, trazer o autor Pierre Nora, que em sua reflexão sobre memória e História acredita que a história é uma narrativa viva, contada em uma contínua renovação. Segundo o autor:

Estamos em uma aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (NORA, 1993, p. 7).

Para Reis (2010), a memória está voltada para a realidade anterior. A “anterioridade” é a marca da memória, onde há “distância temporal” determinável, “profundidade temporal”. A memória é do passado, é o fenômeno da presença de uma coisa ausente, mas que esteve anteriormente aí. Tal anterioridade é proveniente de lembranças que são ocorrências que produzem um efeito de verdade ao objeto. Para Candau,

Para toda manifestação da memória há uma verdade do sujeito, diferenças recuperadas entre a narração (a memória reconstituída, as maneiras de ‘ter por verdadeiro’) e a realidade factual: se podemos dizer que a verdade do homem é o que ele oculta, o fato de ocultar é também sua verdade (CANDAU, 2014, p. 72).

Recorrer à memória e (re)configurar saberes se torna uma árdua, porém, importante etapa. Para esse fim, cabe analisar qual ou quais representações do Holocausto são criadas através do neonazismo e do negacionismo. Para isso, buscar-se-á em Roger Chartier o aporte necessário para tal reflexão.

O historiador salienta como o pesquisador deve direcionar a atenção para o objeto. O olhar para o negacionismo deve ser de forma incisiva sobre aquilo que representa e o que é representado. Não obstante, a representação se propõe a construir algo quando não se faz possível sua presença. Essa representação forma-se através de algo externo ao objeto, porém proporcionado por ele. Essa relação entra em conflito com a representação construída pelos

adeptos aos movimentos de ódio. O atrito de representações gera, como efeito, novos saberes que se vinculam nas subjetividades e na composição de pertencimento e identidade de grupo. A representação deve ser entendida como resultante de um grupo. Os grupos tentam, de alguma forma, construir uma representação que os coloquem em posição hegemônica. Os embates entre eles se dão no campo simbólico e têm por finalidade enraizar as subjetividades de um grupo em um determinado período e lugar.

Para questionar a negação do Holocausto cabe a pergunta: qual a motivação de um grupo chegar à conclusão de que o Holocausto não existiu, utilizando-se da falsificação ou simplesmente da negação? Aqui, também vale como ressalva do trabalho não o questionamento de como o nazismo foi possível, mas como ele ainda é possível na representação do discurso negacionista. O capítulo tem por objetivo refletir como esse grupo almeja se legitimar, não através de um embate teórico, mas tentando nortear pistas que remetam às causas que direcionam seus materiais e suas conclusões. Essa inquirição tem por finalidade abordar as intenções do negacionismo. Dar visibilidade ao negacionismo torna-se de suma importância, pois, aliada à tentativa de provar a inexistência do Holocausto, está a descriminalização do Nazismo. Tal proposta pode ser evidenciada no instante em que esse feito torna uma maneira de remontar o fascismo como uma forma de solução política. Portanto, o discurso negacionista, além de carregar uma fala de ódio, traz problemas graves para a sociedade no instante em que pode ser meio de fortificar os partidos de extrema-direita.

Para dialogar com o trabalho, outros autores abordam a questão do negacionismo como uma forma impresumível de vê-los enquanto parte da história. Segundo Luis Millman:

O negacionismo numa perspectiva estritamente historiográfica, não é uma interpretação alternativa, nem reacionária, nem mesmo nazistófila, do hitlerismo. Ele é a construção ideológica de aparência histórica e, nessa condição não suscita problemas do nível da compreensão do Holocausto e de suas consequências o desafio que os negacionistas nos apresentam é de outra natureza: na medida em que constroem uma versão fictícia da história e que essa versão produz efeitos políticos, os Negacionistas obrigam-nos não somente a refutá-los, mas a fazermos uma reflexão sobre a relevância do papel da História e memória para a educação humanista (MILLMAN, 2000, p. 115).

O trabalho não é a respeito do Holocausto, mas, sim, sobre a maneira como ele é utilizado pelos negacionistas para se inserirem na História. A representação do discurso sobre o genocídio parte, em especial, de dois grupos distintos, que são: os Intencionalistas e os Funcionalistas. Os primeiros creem que a ação dos nazistas para com os judeus já estava

programada; para os outros, o Holocausto era uma consequência da Guerra. A grande questão a ser abordada é referente às representações de um mesmo fato, em especial, as que pensam ser representações do real. Uma representação que afirma que a realidade deve ser questionada.

Chartier (1990) aponta a forma de olhar para o objeto que deve ser analisado. Uma discriminação radical entre o que representa e aquilo que é representado, conquanto tal representação pretende comutar algo quando não é possível sua presença. Assim, a representação é a relação havida entre uma imagem presente e um objeto ausente, cujo lugar é ocupado por aquela representação. A representação está atrelada a uma disputa por uma dominação simbólica. Dessa forma, os que defendem a negação do Holocausto estão medindo forças em um jogo de representações. O que Chartier propõe é que se deve terminar com debates fictícios que sugerem a existência de uma divisão entre o real e a representação. A representação pode ser o molde do discurso dado, para que esse oriente as ações, na tentativa de estruturar um mundo na contradição das sociedades.

O historiador não tem por finalidade remontar o passado, ou configurá-lo fielmente através de uma representação, mas verificar a relação das representações na formatação desse real, para medir quais efeitos de sentido podem ser evidenciados e examinados no presente. Dessa forma, o historiador percebe que também é atuante nesse jogo de tentativas de controle do simbólico. Assim, cabe o retorno à questão negacionista, que defende o Holocausto como a grande mentira do século e que a única forma de história verdadeira estaria vinculada ao negacionismo, pois, pelo seu prisma, seria o lugar social no qual se encontraria a verdade aliada à imparcialidade. Por isso, deve se entender que a representação negacionista é apenas uma dentre um leque vasto de representações. É importante que se tenha ciência de que essa vertente almeja que a sua representação seja suprema. Pelo fato de se alojar no lugar social da falsificação, necessita de atenção e cuidado.

Mas, quando o negacionismo ganha força? Segundo Roudinesco (2000), o negacionismo se modifica quando Robert Faurisson se torna colaborador dessas ideias. Faurisson é um ex-professor de literatura francesa da Universidade de Lyon. Ele foi adepto da teoria de que as câmaras de gás não existiram nos campos de extermínio e de que o genocídio nada mais é do que uma farsa. O antigo professor foi o elo entre as ideias negacionistas com a população através da escrita de artigos em jornais de informação da época. A participação do intelectual muda o cenário negacionista, que deixa de ser algo panfletário para adentrar o ambiente acadêmico.

Questionar a existência das câmaras de gás, o número de mortos ou se realmente o fato ocorreu faz com que se pensem em diversas representações para um mesmo fato. E a partir disso, o trabalho questiona: pode-se representar o Holocausto? Tentar representar o genocídio é levantar inúmeras interpretações que gerarão muitas representações. O principal equívoco da representação da negação é que ela se mostra como uma representação do real. Os negacionistas acreditam, através de seus mecanismos, no fiel resgate histórico. Para eles, a história foi modificada de acordo com a ideologia do vencedor, ou melhor, com a ideologia judaica.

Para refletir sobre a proposta, considera-se importante uma diferenciação a respeito do fato e da representação. Assim, o ponto inicial se dará em Ginzburg que aponta:

Nas ciências humanas fala-se muito, e há muito tempo, de “representação”, algo que se deve, sem dúvida, à ambiguidade do termo. Por outro lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e por tanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar (GINZBURG, 2001, p. 25).

O autor trabalha com a ideia de que a representação sempre está ligada ao real. Os negacionistas, ao tentarem representar o real, acabam evocando a sua ausência, fazendo com que se crie uma nova representação e uma nova realidade. Com isso, cabe destacar que se a representação é produto de um grupo, não deve ser refutada a presença de várias outras representações. O que se deve fazer é exigir que essas representações tenham mecanismos teóricos que a credenciem a fazer uma análise historiográfica do passado, o que não é o caso do negacionismo, que constrói a representação de acordo com uma imposição de um ponto de vista, visando a instaurar-se numa posição de privilégio no cenário historiográfico. Um dos grandes problemas dessa vertente é a sua gênese, que tenta defender ações e ideologias totalitárias que acabam por se ressignificar ao longo do tempo mantendo o ódio e a violência como princípios norteadores.

É importante salientar que o jogo de representações faz parte de um complexo campo, no qual as várias representações entram em choque, objetivando um poder simbólico. Através desse embate, irão se construir novas subjetividades e identidades de grupo em um determinado recorte temporal. Esse processo de embate de representações não é muito

sensível, pois é algo que se desenvolve em um período de tempo longo, como descrito por Chartier (1990, p. 23):

[...] É no processo de longa duração, de erradicação e de monopolização da violência, que é necessário inscrever a importância crescente adquirida pelas lutas de representações, onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social. Trabalhando assim sobre representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio (ser apreendido) constitutiva da sua identidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

A reflexão de Chartier colabora para a ponderação de que a representação da negação do Holocausto está em embate com outras representações, que disputam o campo de domínio simbólico. No caso, o embate visa à obtenção da credencial necessária para o ingresso no campo de uma historiografia legitimada. Aqui, se tem a ilusão do real, a ilusão do que os negacionistas imaginam ter sido o Holocausto. O historiador ainda mostra que se deve criticar e olhar sob o prisma da dúvida toda e qualquer metodologia que venha imaginar que se pode visitar o passado e apontar o fato tal qual aconteceu. Nenhum pesquisador tem a incumbência de edificar o passado em sua totalidade. A análise deve ser consciente de que é impossível tal feito. Representar o Holocausto é possível dentro de uma gama de representações possíveis, em contrapartida, os negacionistas propõem que a representação defendida por eles é a que carrega a imparcialidade, a veracidade e a totalidade dos fatos. Tal proposição deve ser refutada, pois anula toda contradição de representações que existem no campo simbólico. Permitir a corrente negacionista como historiografia é entender que a História é uma disciplina que apenas narra os eventos do passado, e que os historiadores e pesquisadores são simples difusores de saberes. Com isso, acaba-se ignorando o complexo modo de trabalho do historiador e o propósito da História, a partir de um ponto de vista acadêmico e científico, pois os negacionistas não possuem embasamento teórico-acadêmico e nem se utilizam de métodos críticos para explorar as fontes.

Em uma tentativa de construção intelectual, os negacionistas formam bibliografias e inventam diversos materiais e aparelhos dos mais diversos gêneros textuais. Nessa tarefa, o principal embaraço que encontram, no relativo à credibilidade, diz respeito às provas e demais argumentos partidários que não se submetem a uma comprovação isenta. Ou seja, para servir a dogmas ideológicos, e com o objetivo de confirmar um resultado pré-estabelecido, os

negacionistas elaboram dados com os quais pretendem confrontar o trabalho do historiador que se vale de pesquisas, indícios, conceitos teóricos e materialidades sujeitas a uma metodologia independente. Ancoram-se na ideia de que as mortes nas câmaras de gás são verdades construídas em boatos e que não há o menor indício do que aconteceu. Para isso, eles se utilizam do “Relatório Leuchter”, que comprovaria fisicamente a inexistência de mortes em massa nos campos de concentração. O historiador, contudo, não tinha conhecimentos científicos para embasar suas conclusões. Ademais, a comprovação do holocausto é fartamente documentada, seja por fotografias da época, seja pelo testemunho de sobreviventes. Depoimentos de oficiais nazistas, colhidos em Nuremberg, também comprovam a política do extermínio em massa. Existem, ainda, testemunhos de sobreviventes não-judeus, como André Rogerie, membro da resistência, que passou por vários campos de concentração. Rudolf Höss, oficial nazista, comandante em Auschwitz, em seu livro de memórias, de modo inquestionável, também relata o extermínio de judeus através das câmaras de gás.⁴⁰

Por sua vez, o Brasil, nos anos de 1980, ganha sua personagem negacionista de maior expressão: Siegfried Ellwanger Castan, fundador da Editora Revisão LTDA. Responsável por todo material produzido em sua editora, Castan vertia suas obras para o inglês, alemão e espanhol, e fazia traduções de livros para a língua portuguesa. O acervo da editora Revisão ainda hoje é revisado e editado no meio digital, o que corrobora com a divulgação da disseminação do ódio e da violência, não só contra o povo judaico, mas contra as minorias de modo geral. Os elementos do nazismo (hoje neonazismo) encontram significações e ressignificações na contemporaneidade que abarcam um sujeito clivado⁴¹. Esses saberes, reestruturados, de maneira velada e ou explícita, servem de base para discursos de ódio dos quais se valem pequenos grupos e personalidades políticas do cenário nacional.

A Editora Revisão detinha seu espaço no cenário social: participações na Feira do Livro de Porto Alegre, até 2003, ano de sua condenação. Além disso, seus escritores participavam de academias literárias e possuíam espaço em colunas de jornais locais.

⁴⁰ Como referências, expõem-se os seguintes trabalhos: (a) sobre fotografias de prisioneiros e campos de concentração, além da coleta de relatos de sobreviventes, documentos oficiais e publicações: SCHOENBERNER, Gerhard. *A Estrela Amarela: A perseguição aos judeus na Europa. 1933-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 1999; (b) depoimento de um sobrevivente judeu que trabalhou nos fornos de incineração: VENEZIA, Shlomo. *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

⁴¹ Durante o período conhecido como terceira fase da Análise do Discurso de linha Pêcheutiana, o sujeito é visto como complexo e está em uma disputa de poder entre inconsciente e consciente. Essa disputa fará com que o sujeito não possa declarar consciência em suas falas.

Graças a essas exposições e a esses espaços na sociedade, a editora conseguia criar, ainda que não de forma válida, a permanência de discursos que atestam que a sociedade não se encontra livre dos espectros que culminaram na construção dos Campos de Concentração. Era comum que alguns escritores trocassem livros e até presentassem amigos com obras da Revisão. Essa prática era recorrente em ambientes sociais nos quais os membros da Editora fossem participantes. Sem a mínima responsabilidade acadêmica, a Editora, ainda, expunha um selo de um Centro criado pelos próprios idealizadores. Através desses mecanismos de veracidade, um leitor leigo ajuíza que essas obras possuem legitimidade e reconhecimento, por serem marcadas com a autenticação de um órgão que deveria dar reconhecimento às obras.

4.1 A Descrição da Mentira: o Relatório Leuchter

A problemática de estudo também orbita na reflexão acerca da configuração de processos ideológicos relacionados à violência e à intolerância, a partir da observação bibliográfica que envolve a contradição ideológica presente no discurso negacionista, que serve de fonte para vertentes neonazistas, e seus desdobramentos no cenário da nação brasileira. Vale ressaltar que, não raramente, os neonazistas revelam-se contraditórios, e muito dessa contradição é evidenciada através do discurso negacionista que refuta a violência praticada pelos nazistas aos judeus. Assim, os negacionistas se apropriam de discursos outros, pertencentes a campos do saber científico, como os da Filosofia, Antropologia, História e Biologia, etc., para vinculá-los a um discurso do campo político, engendrado por supostas relações, muitas vezes, antagônicas. Como, por exemplo, o Relatório Leuchter, publicado pela primeira vez em 1988 pela editora canadense Samisdat Publishers e pela Editora Revisão em 1989, que se utiliza das áreas da química, física e matemática para explicar a inexistência das câmaras de gás. O recurso de utilização de ciências exatas acontece, pois, para atestar sua alegada inquestionabilidade. Como outra amostra exemplar, apresenta-se a Figura 7, excerto de uma publicação de Castan sobre as instalações nos campos de extermínio:

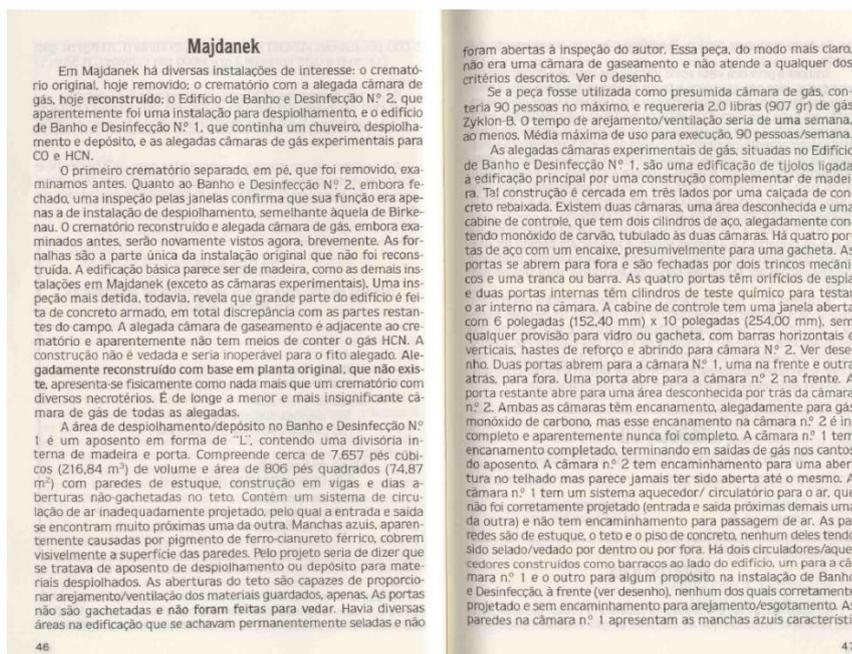


Figura 7 - Páginas do livro "Acabou o gás: o fim de um mito"
Fonte: Castan (1989, p. 46 e 47).

A fim de somar à imagem, cabem as seguintes exposições: Majdanek era um campo de concentração nazista criado em 1941 localizado na Polônia. Seu propósito inicial era apenas o de manter prisioneiros de guerra, porém em 1943 ele se tornou um campo de concentração geral.

A II Guerra Mundial pôs dezenas de países num conflito armado. A guerra, que tem seu começo em 1939, foi iniciativa de Adolf Hitler, ditador que gozava de grande poder no momento. Sua tentativa de reconstruir a Alemanha passava pela eliminação de um povo que considerava prejudicial ao futuro de sua nação e da humanidade: os judeus⁴². Graças a sua ideologia totalitária, iniciam-se um dos maiores massacres e uma das maiores perseguições da história. O ímpeto em eliminar os judeus para abrir espaço para a raça ariana resultou na morte de mais de seis milhões de pessoas, um extermínio sem precedentes na história da humanidade, que ficou conhecido como Holocausto Judeu, embora o termo não seja o mais adequado, e esteja em constante discussão. Para elucidar o conceito de violência e totalitarismo, tem-se em Arendt:

A distinção decisiva entre o domínio totalitário, baseado no terror, e as tiranias e ditaduras, impostas pela violência, é que o primeiro volta-se não apenas contra os seus inimigos mas também contra os amigos e correligionários, pois teme todo o poder, até mesmo o poder dos amigos. O clímax do terror é alcançado quando o Estado policial começa a devorar os seus próprios filhos, quando o carrasco de ontem torna-se a vítima de hoje. É este o momento quando o poder desaparece inteiramente (ARENDDT, 1985, p. 30).

Durante o pós Segunda Guerra, historiadores⁴³ debateram a respeito do genocídio promovido pelos nazistas. Após a etapa de observações preliminares sobre o Holocausto, vieram novas interpretações para o fato com os chamados revisionistas. Esses almejavam novas posições a respeito do evento histórico a partir da descoberta de novas fontes, com mais precisão, visando à imposição de uma verdade. Durante a década de 1980, contudo, surgiu na França o negacionismo, que defendia a ideia de que o Holocausto teria sido uma farsa. Essa vertente tinha por objetivo minimizar, negar ou omitir o extermínio ocorrido durante o conflito internacional. Nesse cenário, Robert Faurisson era um dos principais defensores da inexistência do Holocausto.

⁴² Os nazistas também perseguiram e assassinavam outros grupos considerados inferiores. A estimativa aproximada de mortes, segundo bibliografia da área: Testemunhas de Jeová - 6.000 mortos (PELLECHIA, 1994); ciganos - 500.00 mortos (FILHO, 2014); homossexuais - 10 mil mortos, (ARAÚJO, 2018).

⁴³ Como exemplo de debatedores do Holocausto: Carlo Ginzburg (2007), Hayden White (2006), Raul Hilberg (2016), Saul Friedländer (2012), Martin Broszat (1985).

O Negacionismo do Holocausto basicamente argumenta que não havia uma política oficial de perseguição aos judeus na Alemanha e que os nazistas não se valiam de métodos de extermínio em massa. Argumenta, ainda, que o número de mortes propagado, cerca de seis milhões, seria um exagero. Nas palavras de Castan:

O número de 6 milhões de judeus que teriam sido assassinados pelos alemães, em câmaras de gás, surgiu pouco tempo após o término da II Guerra Mundial. Esse mágico e diabólico número de propaganda foi usado para funções específicas: a) Justificativa aliada para as destruições e os crimes cometidos contra o povo alemão durante e após a guerra; b) Pressão sionista para indenizações de guerra; c) E, o mais importante, a “vitimização” permanente e definitiva do povo judeu, com a finalidade de desestimular, pelo estigma do “anti-semitismo”, objeções ao plano político-ideológico de denominação mundial do sionismo (CASTAN, 1992, p. 14).

Os negacionistas não aceitam o termo negacionismo para caracterizá-los. Optam por se autointitular revisionistas. A escolha semântica não se dá por acaso, pois o revisionista (e não o negacionista) estaria credenciado a visitar o passado e, assim, “corrigir” a história, que, segundo esse movimento, é constituída por uma falsa narrativa sobre o Holocausto. Além do mais, o impacto negativo dos nazistas na história mundial e os crimes que foram cometidos criam barreiras que dificultam a propagação negacionista. Por isso, parte deles, nega o Holocausto sob o viés do revisionismo, que lhes emprestaria certa legitimação social. Porém, seus opositores se recusam a chamá-los de revisionistas, por respeito aos historiadores legitimados, que se valem não apenas de documentos históricos, mas de toda uma relação entre metodologia e prática criteriosa para citar e fundamentar mais informações a respeito do crime cometido pelos nazistas. Ou seja, os negacionistas são constantemente acusados de estruturarem seus argumentos sem qualquer preocupação teórico-metodológica. Os negacionistas sugerem que o Holocausto é uma farsa, uma conspiração com fins de promoção de um lado da História. Eles questionam, inclusive, as mortes divulgadas, afirmando que foram utilizadas para o recebimento de grandes indenizações e para sustentar a formação do Estado de Israel, bem como para justificar o avanço dos judeus sobre territórios palestinos no Oriente Médio. Nas palavras de Castan⁴⁴:

⁴⁴ Entrevista de Castan a Orestes de Andrade Júnior do “Jornal das Missões” (1998). Entrevista coletada no site inacreditavel.com. Castan é questionado se o número de 6 milhões não é verdadeiro.

Esse número é irreal. Aliás, nós, no ano de 1994, lançamos um prêmio de esclarecimento no valor de 6 milhões de cruzeiros reais, para a primeira testemunha ocular judaica que provasse a morte não de 6 milhões, mas de um único judeu morto em câmaras de gás. O resultado? Não apareceu ninguém. Porque eles podem ser mentirosos, mas eles não são burros.

Atualmente, muitos neonazistas se munem de conceitos ligados ao negacionismo, tentando explicar, através de livros e de argumentos de autoridade da área, as suas posições ideológicas. Apesar da prática preconceituosa, os “neonazis”, em parte, não se denominam racistas, e chegam a promover debates com ideologias opostas, no intuito de tornar o movimento mais aceitável. Não raramente, planejam reuniões com a finalidade de induzir os jovens a participar desse movimento, que se utiliza de uma impactante propaganda doutrinária. Assim, se destaca que o neonazismo e os elementos que o constituem são a própria ideologia nazista agora ressignificada. Há, então, no pós-guerra, uma apropriação dos símbolos, dos ideais vividos anteriormente, preservando-se, assim, os principais elementos constitutivos da ideologia nazista em detrimento de todas as outras raças, subjugadas e consideradas inferiores. Preserva-se, ainda, o ódio contra negros, judeus, homossexuais e comunistas, e, no caso brasileiro, inclui-se ainda o ódio contra nordestinos (DIAS, 2006).

Após essas considerações, retoma-se o relatório Leuchter. Um dos principais mecanismos utilizados pelos negacionistas e também por Castan é o *Leuchter report*. Segundo Castan:

Após passar em revista e averiguar todo o material e inspecionar todos os locais em Auschwitz, Birkenau e Majdanek, este autor verifica que as provas são esmagadoras. Não houve câmara de gás para execução em qualquer desses locais. A mais completa opinião do autor é a que as alegadas câmaras de gás, nos locais inspecionados, não poderiam ter sido então, nem poderiam ser agora, usados ou seriamente levadas em conta para funcionar como câmaras de gás para execução (1988, p. 49).

O “Relatório Leuchter” foi publicado em forma de livro pela editora Revisão em 1988. Originalmente, o relatório era composto por 192 páginas, porém, na edição da Revisão, conta apenas com 51, incluídos os comentários de Siegfried Ellwanger Castan.

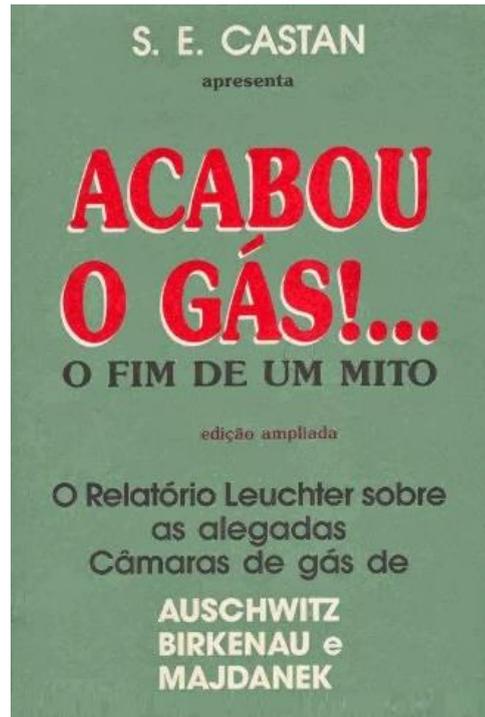


Figura 8 - Livro *Acabou o Gás*, de S.E. Castan, que possui parte do relatório Leuchter

Uma das curiosidades desta obra é que Leuchter não é um perito forense e muito menos pode julgar se realmente o Holocausto existiu ou não. Na verdade, Fred Leuchter teria ido ao Campo de extermínio apenas para coletar o material das câmaras (raspas de concreto das paredes). A análise teria sido feita por um Laboratório que não foi avisado sobre a origem do material, e nem informado sobre a sua finalidade. Leuchter é historiador, formado em 1964, pela Universidade de Boston. Seu nome ganha o cenário quando é chamado para organizar um relatório que seria atrelado no julgamento do negacionista Ernst Zündel, canadense julgado em 2007⁴⁵ e condenado a cinco anos de prisão por negar o Holocausto e pregar o ódio racial, além de manter um site na internet que fazia apologia a negação do Holocausto. Na Figura 9, vê-se a capa da publicação original organizada por Leuchter.

⁴⁵ Ernst Zündel condenado à prisão. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/negador-do-holocausto-%C3%A9-condenado-a-cinco-anos-de-pris%C3%A3o/a-2352188>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

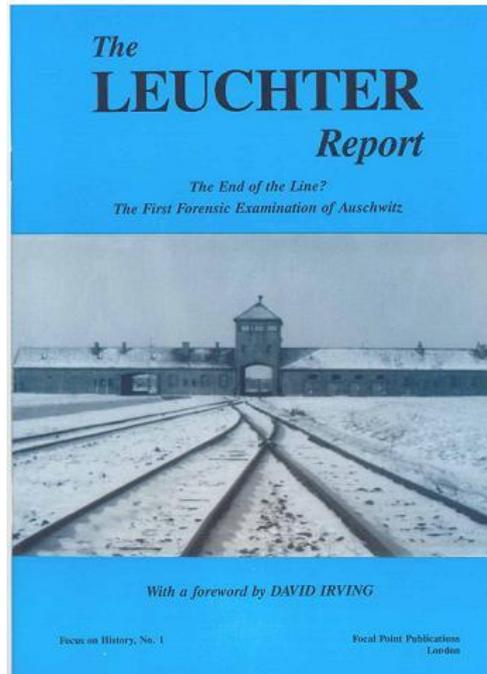


Figura 9 - Capa original do Livro “O Relatório Leuchter”

O relatório anteriormente citado ainda é utilizado como argumento de autoridade dos que defendem a inexistência do Holocausto, inclusive Castan, que assim diz:

O Relatório Leuchter é um desses raros e preciosos documentos. Preparado e escrito por Fred A. Leuchter Jr., consultor nos Estados Unidos da América quanto ao projeto, construção e manutenção de câmaras de gás para execução de seres humanos, o Relatório apresenta a metodologia e as descobertas da primeira investigação forense dos locais reais na Polônia onde se alega que tais execuções pelo gás foram efetuadas. A conclusão de Leuchter, após haver inspecionado os locais e analisado amostras tiradas das paredes e pisos, à procura de teor de cianureto, não deixa margem pela dúvida; as alegadas câmaras de gás não poderiam ter sido usadas, àquela época ou hoje, como câmaras de gás para execução (CASTAN, 1989, p. 52)

Tal pressuposto se torna válido a partir dos efeitos de sentido que são criados através da utilização de um discurso de autoridade advindo da área das exatas. O relatório se utiliza de nomenclaturas do campo do saber da química, física e matemática para provar que tudo seria uma farsa. Observam-se, nas Figuras 10 e 11, a construção de um discurso travestido de suposta autoridade para falsear dados históricos. É importante atentar à apresentação alegadamente criteriosa da metodologia aplicada e das características físico-químicas das substâncias listadas.

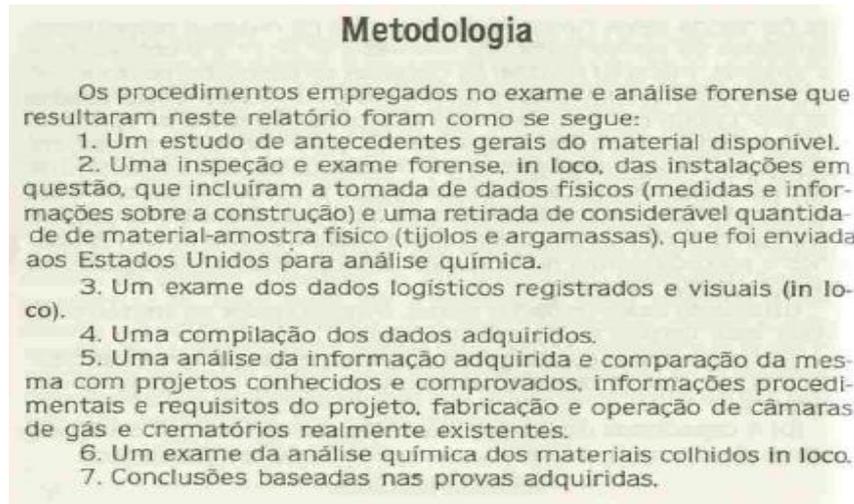


Figura 10 - Metodologia do Relatório Leuchter

Tabela I (Especificações para o HCN)		Critérios de Projeto para Instalação de Fumigação	
NOME:	HCN, ácido hidro-cianúrico; ácido prússico.	<p>Uma instalação para fumigação, quer seja um edifício ou uma câmara, tem de obedecer aos mesmos requisitos básicos. Deve ser hermética, aquecível, ter tanto circulação como capacidade de exaustão para o ar, deve ter uma chaminé suficientemente alta para a exaustão (ao menos 13 metros) ou um incinerador para a exaustão e um meio de distribuir o gás uniformemente (como o material Zyklon-B).</p> <p>Em primeiro lugar, se uma câmara for usada em nossos dias, deve ser um vaso soldado e testado quanto à pressão, pintado com tinta neutra (epoxy) ou revestido de aço inoxidável ou plástico (PVC). As portas devem ser gachetadas com material resistente ao HCN (asbestos, neoprene ou Teflon (R)). Se for uma edificação, deve ser de tijolos ou pedra e revestida tanto por dentro como por fora com tinta neutra (epoxy), alcatrão ou asfalto. As portas e janelas devem ser gachetadas ou seladas com lona de borracha ou picadas e seladas com selador de neoprene ou alcatrão. Em qualquer caso, a área deve ser extremamente seca. A expressão "selar" tem dois sentidos. Primeiro, para impedir mecanicamente o vazamento partido da instalação; segundo, tornar impermeáveis as superfícies porosas expostas à impregnação pelo gás Zyklon-B.</p> <p>Em segundo lugar a câmara ou construção deve ter um gerador de gás ou sistema de distribuição para o Zyklon-B, que force o ar aquecido sobre o Zyklon-B ou o gerador (este pode ser aquecido por água, se estiver vedado) e circular o ar quente e gás. A mistura necessária para a fumigação é de 3200 partes por milhão (ppm) ou 0,32% do volume total de HCN. A câmara deve estar isenta de obstruções e ter uma capacidade do fluxo de ar constante, abundante e forte.</p> <p>Em terceiro lugar a câmara ou edificação deve ter meios para evacuar a mistura venenosa de ar/gás e substituí-la por ar fresco. Em geral isso é feito com um ventilador de exaustão ou entrada, tendo válvulas de exaustão ou válvulas de entrada ou palhetas inclinadas de dimensão suficiente para permitir uma troca razoável de ar por hora. Geralmente um ventilador com suficientes pés cúbicos por minuto (pcm) e abertura de entrada e exaustão deve permitir a troca completa do ar em meia hora e deve funcionar pelo menos duas vezes mais que o tempo requerido, uma hora, ou seja, por duas horas. Quanto maior a instalação, tanto menos praticável isso se torna</p>	
PONTO DE FERVURA:	25,7°C/78,3°F a 760 mm Hg		
GRAVIDADE ESPECÍFICA:	0,69 a 18°C/64°F		
DENSIDADE DE VAPOR:	0,947 (ar = 1)		
PONTO DE FUSÃO:	-13,2°C/8,2°F		
PRESSÃO DE VAPOR:	750mm Hg a 25°C/77°F 1200mm Hg a 38°C/100°F		
SOLUBILIDADE NA ÁGUA:	100%		
ASPECTO:	claro		
COR:	levemente azulado		
ODOR:	amêndoa amarga, muito leve, não irritante (o odor não é considerado método seguro de determinar a presença do veneno)		
Riscos:	<ol style="list-style-type: none"> 1. Instável com calor, materiais alcalinos e água. 2. Explode se misturado a 20% de ácido sulfúrico. 3. Polimerização (decomposição) ocorre com violência ao calor, material alcalino ou água. Uma vez iniciada, a reação é autocatalítica e incontrolável. Explodirá. 4. Ponto de brilho: -18°C/0°F 5. Temperatura de auto-ignição: 538°C/1000°F 6. Limites flamáveis no ar <ul style="list-style-type: none"> volume - % mínimo - 6 máximo - 41 		
Fonte: Hydrogen Cyanide, publicação Dupont, 7-83			

Figura 11 - Páginas do Livro *Acabou o Gás*, de S.E. Castan.

As páginas do livro em destaque, *Acabou o Gás*, apresentam a interpretação de conceitos advindos de outros campos do saber. Aqui, cabe a ressalva do uso da química para tentar comprovar que não era possível que as instalações de Auschwitz não poderiam matar o número defendido pela História oficial. Para muitos negacionistas, a linguagem dos números atesta a verdade e os auxilia a construir – falsificar – a verdade que querem defender. Para

Castan e os demais adeptos da sua vertente ideológica, desconstruir o Holocausto é uma afirmação. É deslocar a sua teoria do lugar social da mentira e da falsificação para aceitação historiográfica.

Mas, qual motivação levaria um grupo a chegar à conclusão de que o Holocausto não existiu? Onde o negacionismo representaria um equívoco de boa-fé, ou uma falsificação endereçada a uma construção ideológica que serviria a uma visão conveniente e partidária? Nesse ponto, vale como ressalva não o questionamento de como o nazismo foi possível, mas de como ele ainda é possível na representação do discurso negacionista. A reflexão aqui proposta orbita pelo modo como esse grupo procura se legitimar. Procura-se, com esse trabalho, encontrar evidências que remetam às causas e intenções que orientam o material e as conclusões negacionistas.

Castan, ao tratar das câmaras de gás e mortes de judeus, afirma, de forma vulgar:

A população judaica aumentou, e não diminuiu no período da guerra. O próprio presidente do congresso mundial judaico, o seu Naum Goldman, reconheceu isso. Tu conhece algum judeu burro? Não, né. É muito raro. Tu achas que eles iriam deixar matar 6 milhões de judeus, nem tinha 6 milhões, cacete. E ainda mais em câmara de gás. Nunca existiu câmara de gás. A única câmara de gás que há no mundo é nos EUA. Eles não conseguem nem recompor no Museu do Holocausto como seria uma câmara de gás. (INACREDITÁVEL, 2012).

E ainda para justificar uma possível conspiração sionista universal, em entrevista, Castan expõe:

Exatamente. É só ler os Protocolos dos Sábios de Sião. Tu já leste? Tem que ler pra entender o que eu estou falando. Senão tu vai achar que isso é balela. Este ano até, eles estão festejando 100 anos desse apócrifo, como eles chamam. E o que está previsto nele está realmente se realizando em detalhes. É tudo excelente, para o domínio deles, mas um desaforo contra a humanidade. É eles, e só eles. E como eles são organizados, têm dinheiro, o pessoal se submete, veja por exemplo as livrarias de Porto Alegre, que não vendem meus livros por medo de sofrerem boicotes da comunidade judaica. É uma barbaridade! (INACREDITÁVEL, 2012).

É possível, através do discurso de Castan, perceber o cerne ideológico da revisão. Castan se baseia em documentos que não são fiéis a história como relatório Leuchter e os Protocolos do Sábio de Sião⁴⁶. Materiais que não possuem respaldo acadêmico, e muito

⁴⁶ é uma obra antissemita que descreve um alegado projeto de conspiração por parte dos judeus e maçons de modo a atingirem a "dominação mundial através da destruição do mundo ocidental.

menos, metodológico, para defender suas teorias. Esse artifício é perigoso, pois reúne sentidos e pode funcionar a favor de transpor uma interpretação errada dos fatos, gerando mais distorções e falsificações.

No contexto nazista, esses entendiam os judeus como agentes do mal. Porém, o que é de destaque para este trabalho é a maneira como o judeu é desconstruído e apresentado como molde importante para os negacionistas: tal grupo se utiliza da ideia do judeu enquanto conspirador mundial, imaginário proveniente dos Protocolos de Sábio Sião. Tal publicação, apesar de ter sua veracidade desconsiderada pela maior parte dos historiadores, ainda serve de inspiração para grupos que defendem o nazismo na contemporaneidade.

A respeito da utilização desse livro, tem-se em Arendt uma importante reflexão:

Em outras palavras, se o número de pessoas que acreditam na veracidade de uma fraude tão evidente quanto os “Protocolos do Sábio de Sião” é bastante elevado para dar a essa fraude o foro do dogma de todo um movimento político, a tarefa do historiador já não consiste em descobrir a fraude, pois o fato de tantos acreditarem nela é mais importante do que a circunstância (historicamente secundária) de se tratar de uma fraude (ARENDR, 1999, p. 23)

A filósofa, quando aborda a problemática da utilização dos “Protocolos”, faz referência direta ao nazismo, porém, é possível transpor a reflexão para o negacionismo contemporâneo e a forma como ele se utiliza desse material. Assim sendo, no que tange essa obra, o que se considera de maior importância não é nem mais a sua veracidade, mas, sim, a forma como ela vem servindo de mote para o negacionismo, que o aborda como verídico, e as consequências disso.

A seguir, na parte 2 desta Dissertação, serão abordados os livros, os autores da antiga Editora Revisão, sua divulgação na *web* e a perseguição nazista aos judeus.

5 A Produção da Editora Revisão

São poucas as informações a respeito da Editora Revisão Ltda. Após resultado judicial do Supremo Tribunal federal (STF) favorável à condenação de Castan, ficaram escassos os materiais disponíveis. A partir daí, qualquer informação sobre a produção da editora restringiu-se a referências indiretas, fornecidas por trabalhos acadêmicos dos integrantes dos próprios grupos que defendem a negação do Holocausto⁴⁷. Atualmente, porém, com as facilidades propiciadas pela *web*, é possível encontrar livros e informativos da Revisão em vários sites e blogs.⁴⁸

Antes de iniciar a reflexão acerca dos livros da Editora, cabe salientar que os procedimentos metodológicos tiveram como suporte o conceito de análise documental, conforme preconizado por Cellard (2012). Tal metodologia se faz importante para esta dissertação, pois através dela é possível caracterizar elementos que necessitam ser analisados durante o percurso de investigação da pesquisa documental. São levados em consideração o contexto, os escritores, a relevância, a credibilidade, o conteúdo da obra. Esses elementos elencados pela metodologia são essenciais para a descrição dos livros da antiga Editora, uma vez que o teor do tema abordado é considerado bastante delicado. Assim, o uso da análise documental auxilia na interpretação desses materiais e na sua representação, que também se faz presente nesta pesquisa. Pelo exposto, traz-se Cellard, que afirma que:

[...] Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador das ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstrução referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2012, p. 295).

Após introdução metodológica, inicia-se a apresentação de alguns autores e suas obras, a partir das informações que constam nos próprios livros.

⁴⁷ Os trabalhos da Revisão serão abordados mais à frente.

⁴⁸ Os blogs southern - <http://88southern.blogspot.com.br> e o Blog Editora Revisão - <http://editorarevisao.blogspot.com/> são exemplos de onde os livros podem ser encontrados.

1) **Siegfried Ellwanger Castan**: natural de Candelária, Rio Grande do Sul. Nasceu em 30 de setembro de 1928 e faleceu em 11 de setembro de 2010. Foi Fuzileiro Naval voluntário, no Rio de Janeiro. Em 1948 foi para Porto Alegre onde fundou sua própria empresa de tubos galvanizados. Após fechar sua empresa⁴⁹, Castan fundou a editora Revisão em 1980, posteriormente registrada como Revisão Editora e Livraria Ltda. Em 1992, criou o Centro Nacional de Pesquisas Históricas. Esse centro não possui nenhum respaldo acadêmico e oficial, assim como carece de maiores informações a respeito de sua criação. O selo funcionou apenas na teoria, se limitou a aparecer apenas nos livros da Revisão e nunca recebeu a devida credibilidade acadêmica. Sendo assim, tal centro apenas se propôs a ser mais um veículo de divulgação e propaganda antissemita no Brasil, inclusive chegando a premiar escritores que desenvolviam essa temática em publicações. A seguir, na Figura 12, duas capas de livros com a chancela do Centro Nacional de Pesquisa Histórica criados pela Revisão.

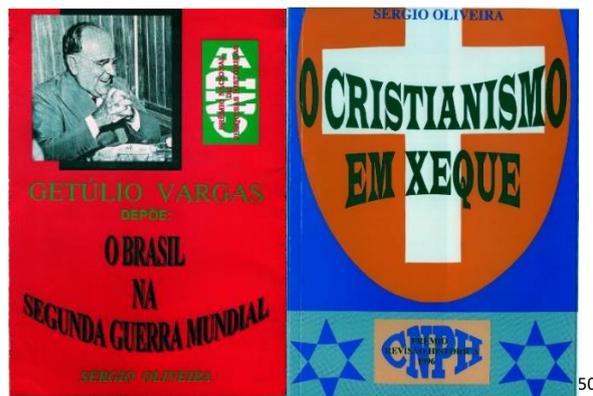


Figura 12 - Livros da Editora Revisão Com Selo do Centro de Castan

a) **“Holocausto judeu ou alemão” (1987)**: Castan inicia seu livro com as Olimpíadas de Berlim (1936) e, inicialmente, aborda a questão do velocista Jesse Owens; se Hitler teria ou não o cumprimentado. Após, destaca as consequências do Tratado de Versalhes para a Europa, o início do Partido dos Trabalhadores Alemães e a invasão nazista à Polônia. Com relação aos campos, aponta que, em 1960, o Dr. Kubovy, diretor do Centro Mundial de Documentação Judaica Contemporânea de Tel-Aviv, admitira que não houve nenhuma ordem para o extermínio de judeus emitida por Hitler, Himmler, Heydrich ou Goering. Portanto, careceria documentação comprobatória sobre a participação de Hitler no extermínio.

b) **“Acabou o gás... o fim de um mito” (1989)**: Nesta obra, Castan aborda a

⁴⁹ Os motivos que levaram Castan a fechar sua empresa não foram encontrados. Sugere-se que Castan teria fechado seu negócio para fundar a Editora Revisão. Disponível em: <<http://trovoadasp.blogspot.com/2013/07/quem-foi-siegfried-ellwanger-castan.html>>

⁵⁰ Livros do autor Sérgio Oliveira premiados pelo instituto de Castan, o Centro Nacional de Pesquisa Histórica.

negação de mortes de judeus em câmaras de gás respaldado no relatório Leuchter, que sugere a impossibilidade físico-química da existência de câmaras de gás para execução de pessoas nos campos de concentração de Auschwitz, Birkenau e Majdatiek.

c) **“S.O.S para Alemanha” (1990):** Constitui-se em um compilado de artigos, notícias, documentos e debates de TV a respeito do Genocídio Alemão. Em sua conclusão, contesta o número oficial de mortes causadas pelo Nazismo, alegando que tal contagem não teria fundamento. Além disso, o autor estranha o fato de os norte-americanos, que supostamente ganharam o cenário mundial por seus conhecimentos gerais e científicos, não revelarem habilidades necessárias para lidar de forma correta com computadores, estatísticas e números. Esse suposto desconhecimento acabaria por gerar os valores incorretos de execuções oficialmente divulgados. Nessa obra, Castan ainda afirma que os compartilhadores de suas ideias são acusados de produzirem livros contra judeus, alegando que, na verdade, tais escritores apenas seguem produzindo obras para comprovar que a editora Revisão está lutando contra um determinado grupo sionista denominado Sionismo Moderno⁵¹.

d) **“O Catolicismo traído: a verdade sobre o “Diálogo-Católico-Judaico no Brasil” (1999):** Ainda na temática conspiratória de dominação mundial, Castan diz que “o judaísmo transformou o mundo a partir da metade do século XX drasticamente” (CASTAN, 1999, p.33). Além disso, complementa sua afirmação alegando a influência judaica em todas as esferas sociais, inclusive no cinema, citando Spielberg, diretor de “A Lista de Schindler”, numa tentativa de impor uma determinada verdade. Castan inclusive afirma que os fiéis católicos deveriam refletir profundamente a respeito da criação de novos mitos e novos líderes fabricados por uma propaganda midiática, que viria a ser o caso dos judeus: vítimas e heróis, criados pelo mito judaico-cristão envolto na esfera do Nazismo.

e) **“A implosão da mentira do século” (1997):** Nesta publicação, Castan exalta a exatidão e a inquestionabilidade da ciência matemática, alegando que os números não podem ser manipulados, diferentemente da História, ciência que, segundo o autor, permitiria essa prática. Após exprimir sua opinião acerca da diferença metodológica entre as duas áreas, ele apresenta seus dados estatísticos acerca das mortes ocorridas durante o Holocausto, pondo em xeque a História oficial. Castan alega que o número de mortes divulgado oficialmente alimentaria um ato conspiratório sionista visando à obtenção de polpudas indenizações. Para

⁵¹ Castan se apropria das ideias de Theodor Herzl (1860 – 1904), fundador do sionismo moderno. A teoria articulou-se e desenvolveu-se especialmente a partir da segunda metade do século XIX, em especial entre os judeus da Europa Central e do Leste Europeu, que viviam sob a pressão das perseguições e massacres sistemáticos provocados pelo antissemitismo crônico destas regiões.

ele, o mais importante seria a vitimização permanente e definitiva do povo judeu. Por fim, manifesta que toda menção a judeu, feita em suas publicações, se refere apenas aos que teriam manipulado a opinião pública e mundial.

2) Sérgio Oliveira: natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Nasceu em 29 de maio de 1937 e faleceu em 26 de junho de 2014. Coursou o Instituto Militar de Engenharia, no Rio de Janeiro, onde se graduou e se especializou como Tecnologista em Física. Foi 1º tenente do Exército Brasileiro e membro da Academia-Sul-Brasileira de Letras. Autodidata, foi um dos colaboradores mais cultos da Editora Revisão. Sua trajetória será discutida de forma mais aprofundada em seguida.

a) “O Massacre de Katyn”⁵² (1989): essa obra havia, inicialmente, sido rejeitada por outras editoras, sob a alegação de que abordava um tema controverso e em contrariedade às “versões oficiais”. Nesse livro, o autor alega possuir conhecimento suficiente para questionar os fatos ocorridos no Campo de Katyn e atribuir as mortes aos russos. Para Sérgio Oliveira, os alemães não seriam responsáveis pela barbárie, como até então se afirmava. Com efeito, alguns pesquisadores russos, em 1989 apontaram que Stalin havia dado a ordem para que o massacre ocorresse. Já em 2010⁵³, o governo russo atribui a Stalin a ordem do massacre e admitiu que a NKVD⁵⁴ havia executado os poloneses, confirmando haver mais dois locais de sepultamento (Mednoye e Piatykatky), além da floresta de Katyn.

b) “O Cristianismo em Xeque” (1996): nesse livro, são elencadas questões que tentam explicar o motivo pelo qual o cristianismo é alvo de infiltrações judaico-maçônicas e porque esses movimentos teriam intenção de destruir o cristianismo. Para o autor, é possível a existência de um plano que teria como foco transformar o catolicismo num aparelho a serviço daqueles que, contrariando e desafiando os ensinamentos cristãos, articulam, através dos tempos, o domínio dos povos. Esse grupo dotar-se-ia de estratégias, tais como: o domínio da imprensa, pressões contra opositores, conquista de adesões, manipulação das leis, suborno, agressões físicas e morais, difusão de utopias ideológicas. Essas diretrizes teriam sido traçadas por aqueles que o autor denomina de “conquistadores do mundo”.

c) “O livro branco sobre a conspiração mundial” (1998): nessa obra, o autor parte do princípio de que existe uma conspiração judaica contra o restante do mundo. Mais uma vez, o escritor busca sua argumentação na união judaico-maçônica como fonte

⁵² O massacre também é relatado em filme. Lançado em 2009, o filme *Katyn*, de Andrzej Mularczyk.

⁵³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/11/parlamento-russo-atribui-a-stalin-massacre-de-katyn.html>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

⁵⁴ Foi o Ministério do Interior da União Soviética. Fundado em 1934.

conspiratória. Interessante destacar que, nesse livro, o autor não apresenta uma conclusão a respeito da possível conspiração judaica. Antes, preferiu fazer uma abordagem sobre o que se deve entender por revisionismo. Na oportunidade, também discorreu sobre a absolvição de Castan em julgamento⁵⁵ de primeira instância.

d) “Getúlio Vargas depõe: o Brasil na Segunda Guerra” (1996): o escritor se utiliza de um diário do ex-presidente Getúlio Vargas com o intuito de demonstrar como ocorreram as relações do Brasil com o Eixo e as consequências desse ato, que levou o Brasil a abandonar sua neutralidade política na época. Sérgio traça o cenário anterior à Segunda Guerra, o rompimento da neutralidade e suas consequências. Essa obra também avalia o caso do afundamento do navio brasileiro, que, diferentemente do alegado, não teria sido um ato militar alemão, mas sim, estadunidense, que considerava o Brasil um ponto geográfico estratégico importante que deveria tomar partido no conflito. Por isso, os EUA, segundo Sérgio Oliveira, realizaram o ataque, e logo teriam divulgado que a Alemanha fora a autora da agressão. Dessa forma, os estadunidenses exerceram pressão para que o Brasil se consorciasse aos aliados. O livro de Oliveira não apresenta nenhuma materialidade como fotos, onde esse diário poderia ser encontrado e como ele teve contato. Ao trabalhar o diário, sua única referência são citações diretas.

e) “Propaganda de atrocidades é uma propaganda de mentiras” (1999): nessa obra, Sérgio Oliveira propõe a existência de cartas que comprovariam a relação de Judeus alemães com o Partido Nazista, durante o período do III *Reich*, cartas essas que evidenciariam, a partir dos próprios judeus, que a propaganda das atrocidades alemãs (violência contra os judeus) teria sido criada pelos próprios judeus, com o propósito de incriminar a Alemanha. Nesse livro, Sérgio apresenta o que viriam a ser documentos que comprovam sua tese, porém todo material apresentado está em português e não há referência aos originais. Os documentos não apresentam nenhuma característica ou símbolo que os designariam como oficial do partido nazista.

f) “Discurso em defesa da liberdade de expressão Sionismo x Revisionismo x Fantasia x Realidade” (1998): A partir das leis de liberdade de expressão dos Estados Unidos, o autor critica a postura do governo brasileiro com relação ao que ele imagina ser o revisionismo. Oliveira se utiliza de materiais jornalísticos e de matérias a respeito do direito

⁵⁵ Siegfried Ellwanger foi julgado e condenado em última instância por apologia ao nazismo no ano de 2003. Mais detalhes disponíveis em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=62411&caixaBusca=N>.

de expressão, que embasariam a livre manifestação de seu pensamento escrito. Alusão importante: na conclusão dessa obra, Sérgio Oliveira defende a ideia de que o revisionismo deva sair da esfera da Segunda Guerra e abordar todo e qualquer fato histórico que seja distorcido ou esteja distorcendo a realidade. Nesse livro, o autor baseia-se no art. 5º da constituição brasileira e em autores da própria Editora Revisão, como Castan, Pinay e Barroso (os dois últimos tendo seus livros reeditados) para defender suas ideias. Apresenta matérias de jornais locais e sua defesa parte de seus próprios argumentos.

g) “Sionismo x Revisionismo x Fantasia x Realidade” (1993): nessa publicação, o autor apresenta um depoimento sobre as razões que o conduziram ao revisionismo. Defende S.E. Castan das acusações sofridas e ataca de maneira contundente a Jair Krischke, pessoa responsável por motivar o processo judicial⁵⁶. Oliveira também tenta se ancorar em fatos jornalísticos que não apresentam o número oficial de vítimas fatais do Holocausto, e chama de “antirrevisionistas brasileiros” os que defendem que o número de mortes nesta quadra histórica tenha sido superior a 6 milhões de mortos. Na realidade, esse livro aborda a teoria defendida por Fred Leuchter, que defendia a ideia de que os campos não teriam condições de assassinar o número defendido pela História. Através desse argumento, o livro se torna um depoimento em defesa de Castan, que era alvo de censura na época.

h) “Os genocidas do século XX” (1998): Aqui, o autor pretende revelar a “verdadeira” intenção do Marxismo no mundo e como as pessoas reagem quando descobrem seus fins (que seriam escravizadores, maléficos e destruidores). Segundo ele, “a verdadeira história” (aquela baseada em fatos e documentos das altas esferas dos governos que interferiram direta ou indiretamente nos acontecimentos, e que hoje foram colocadas a público) comprovaria, sem contestação, que os judeus e comunistas estiveram sempre juntos durante sete décadas. Além disso, afirma que o marxismo saiu do papel e tornou-se realidade palpável. Nesse livro, Sérgio questiona o número oficial de 6 milhões de mortos referentes aos judeus. O autor aponta como real o número de 150 mil mortos (de acordo com sua própria interpretação), alegando que o número oficial seria tecnicamente inviável de ocorrer na época. Segundo Oliveira, tal cômputo somaria as mortes de judeus e de não-judeus. Essa remontagem teria um efeito pretendido de pesar os regimes comunistas e nazistas de forma a valorá-los e compará-los de maneira qualitativa entre si.

⁵⁶O Mopar - Movimento Popular Anti-racista é formado pelo Movimento Judeu (representado por Luis Milman e Mauro Nadvorny), Movimento Negro (liderado por Luis Francisco Barbosa, juiz aposentado, hoje advogado) e Movimento de Justiça e Direitos Humanos (na época dos fatos, Jair Krischke era o presidente). Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2004-set-10/editor_nazista_condenado_dois_anos_reclusao>. Acesso em: 15 abr. 2018.

i) **“A face oculta de Sacramento” (1993):** esse livro pretende, sob a óptica do autor, evidenciar fatos ocultados e proibidos da história mundial, que teriam sido furtados da possibilidade de revisão. Traz, novamente, o discurso do judaísmo como fonte de desconcerto na ordem mundial, citando exemplos da expulsão judaica em países como Espanha e Portugal e a participação sionista na América do Sul.

j) **“Hitler: culpado ou inocente” (1989):** o autor se propõe a refletir acerca dos fatos sobre a campanha militar nazista e os desfechos de batalhas ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, que são, por ele, consideradas falsas. Além disso, Oliveira volta a citar a inexistência das câmaras de gás. Contraditoriamente, dispõe de um capítulo no qual tenta compreender o motivo do grande número de mortes ocorridas nos campos. Aprofundando-se nesta análise, Oliveira descreve que as mortes aconteciam por várias circunstâncias, desde trabalho escravo, má-alimentação, condições de saúde, entre outras, mas nunca em crematórios ou câmaras de gás. Segundo o autor, nessa conjuntura, de qualquer modo, os alemães seriam os responsáveis pelas mortes, o que novamente se configura como uma posição contraditória ao que defendia em princípio.

3) **Marcopollo Giordani:** advogado de defesa de Castan no julgamento em primeira instância no processo de crime de liberdade de expressão movido pelo Ministério Público de Porto Alegre contra a editora Revisão. Interessante destacar que o autor também publicou uma obra de nome “Brasil Sempre”, pela editora Tchê! Ltda., em oposição ao livro “Brasil Nunca Mais”, de Dom Paulo Evaristo Arns⁵⁷.

a) **“Não à mordaza” (2002):** o livro vem a ser sobre os autos de defesa produzidos por Giordani no processo movido contra Castan, acusado de crime de racismo. Tal publicação é apenas uma compilação dos documentos judiciais que tramitaram no caso. Marcopollo Giordani se apoiou no direito à liberdade de expressão como principal argumento jurídico de defesa. Além disso, o advogado de Castan salientou, diversas vezes, que seu cliente não poderia ser condenado por crime de racismo, uma vez que “judeu” seria etnia e não raça. A acusação contra Castan era de injúria racial, o que levou com que seu advogado buscasse a argumentação de que judeus seriam uma etnia, e não raça. Sendo assim, cabe elucidar o que seria essa relação. Segundo Santos et al. (2010), raça é um termo que advém da Biologia e concerne a seres humanos. Esse termo historicamente foi utilizado para identificar

⁵⁷ Link para compra do livro de Giordani disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca?utf8=%E2%9C%93&q=brasil%20sempre&busca_es=1>. Acesso em: 08 jun. 2019.

categorias de raças humanas. Etnia, por sua vez, advém do campo sociológico e caracteriza como uma comunidade humana é definida por alguns fatores correlatos como linguísticos, culturais e semelhanças genéticas.

4) **Hélio J. de Oliveira:** Bacharel em Ciências Políticas e Econômicas, com mestrado em Administração pela Universidade de South Carolina, Estados Unidos⁵⁸. Possuía especialização em Gerência Internacional na Universidade de South Carolina, Columbia, Estados Unidos.



Figura 13 – Capa do Livro “O Elo Secreto: da Economia e da Política com a Religião e o Ocultismo” de Hélio de Oliveira

a) **“O Elo Secreto: da Economia e da Política com a Religião e o Ocultismo” (1996):** o escritor propõe uma nova interpretação da História. Segundo ele, seu livro teria um papel de denúncia, que ligaria aspectos econômicos e sociais com o ocultismo sionista e sua influência negativa na sociedade.

Para uma análise satisfatória dos materiais, é necessário conhecimento dos autores e de seus propósitos. Para mais, a observação do que é ofuscado propositalmente ou não, deve ser considerado para que não aconteçam interpretações falhas ou generalistas. Como demonstra Cellard:

⁵⁸ Informação retirada da capa do próprio Livro.

Elucidar a identidade do autor possibilita, portanto, avaliar melhor a credibilidade de um texto, a interpretação que é dada a alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderam sobrevir na reconstituição de um acontecimento. (CELLARD, 2008, p. 300).

Levando-se em consideração o anteriormente exposto sobre as obras da editora Revisão, é possível perceber que os livros têm como ponto em comum denunciar uma possível conspiração judaica. O Holocausto seria a “mentira do século”. Através dessa “mentira”, os judeus estariam assumindo uma posição de vítima, a fim de obterem indenizações de guerra e formarem o Estado de Israel. Sendo assim, as obras citadas, deliberadamente ou acidentalmente, pregam a inferioridade dos judeus como raça. Com isso, induzem a um pensamento discriminatório. Ao se ampararem em argumentos negacionistas, as citadas obras tentam negar uma série de ações praticadas contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, o principal objetivo desta dissertação de mestrado em história é analisar questões voltadas à tentativa de imposição de uma vertente historiográfica que busca seu lugar social através da negação acidental ou do falseamento direto de saberes de fontes já observadas. Tal análise torna-se importante pois evidencia que os materiais da revisão ainda estão na ativa e servem de fomento para discursos de ódio e violência.

Abaixo, uma lista de livros pertencentes a Editora Revisão. Essa lista pode ser acessada no seu site oficial⁵⁹, que se encontra hospedado nos Estados Unidos. O site apresenta o catálogo de livros da referida editora com os respectivos valores, que variam entre 5 e 120 reais.

Muitos sites de cunho neonazista se hospedam em domínios digitais dos Estados Unidos, pois a lei de liberdade de expressão permite a sustentação desta ideologia. Segundo Hutchinson⁶⁰:

A Primeira Emenda estabelece que o governo dos Estados Unidos não pode discriminar com base num ponto de vista determinado na hora de impor restrições à liberdade de expressão, explica. Se um Estado, por exemplo, decide restringir em seu território o uso de símbolos nazistas devido a sua mensagem, isto poderia constituir uma restrição à liberdade de expressão e provavelmente estaria violando a Constituição⁶¹. (BBC, 2017).

⁵⁹Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20080707235205/http://members.libreopinion.com/us/revision5/edrevision.htm>>.

Acesso em: 12 abr. 2018.

⁶⁰ Darren L. Hutchinson, professor de Direito Constitucional da Universidade da Flórida (EUA).

⁶¹ Entrevista do professor de Direito Darren L. Hutchinson, cedida à BBC em 17 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40958924>>. Acesso em: 04 mai. 2019.

Darren Hutchinson explica à BBC Mundo que isto se aplica não apenas ao discurso oral ou escrito, mas, também protege o "discurso simbólico", como exibir uma bandeira, fazer saudações nazistas ou portar qualquer elemento gráfico.

Abaixo, a lista de alguns livros da editora. Vale ressaltar que a tabela foi coletada da mesma forma que está apresentada no site.

Lista de Livros da Revisão Nº 1					
Código	Título da Obra	Autor	Pág	Valor R\$	Idioma
1	Holocausto Judeu ou Alemão	S. E. Castan	325	23	Port.
	Nos bastidores da Mentira do Século				
2	Holocausto é Judío o Alemán ? En los bastidores de la Mentira del Siglo	S. E. Castan	320	38	Esp
3	Holocaust Jewish ou German ? I Denounce: The Lie Of The Century	S. E. Castan	320	38	Ing
4	Holocaust Der Juden Oder Der Deutschen? Hinter den Kulissen der Lüge Des Jahrhunderts	S. E. Castan	445	38	Ale
5	Acabou o Gás!... O fim de um mito	S. E. Castan	99	9	Port
6	SOS Para a Alemanha. Continuação do livro Holocausto Judeu ou Alemão?	S. E. Castan	188	18	Port
7	A Implosão da Mentira do Século: O derradeiro ato da farsa do "holocausto"	S. E. Castan	118	15	Port
8	Dos Judeus e suas Mentiras: Raridade escrita em 1543	Martin Lutero	32	7	Port
9	AUSCHWITZ e o Silêncio de Heidegger: Prof. judeu desmascara o "Holocausto". Imperdivel.	Dr. Roger	32	7	Port
10	A história do livro mais perseguido do Brasil	Equipe de	91	13	Port
	Equipe do Jornal RS comenta pesseguições a S. E. Castan	Reportagem RS			
11	Massacre de Katyn: Do militar Sérgio Oliveira. Da academia Sul Bras. de Letras	Sérgio Oliveira	74	8	Port
12	Hitler Culpado ou Inocente ? Importantes fatos e novidades referentes a II Guerra Mundial	Sérgio Oliveira	144	17	Port
13	Sionismo X Revisonismo - Fantasia X Realidade	Sérgio Oliveira	44	5	Port
14	A face oculta de Sacramento: Novas revelações e segredos da História do Brasil	Sérgio Oliveira	36	5	Port
15	Os conquistadores do mundo: Os verdadeiros criminosos de Guerra "Obra de Impacto"	Louis Marschalko	214	18	Port
16	Quem escreveu o diário de Anne Frank ? Desmonta uma farsa que sensibilizou o mundo.	Robert Faurisson	85	10	Port
17	Carta ao Papa - Enviada a João Paulo II antes de visitar Auschwitz	Leon Degrelle	40	7	Port
18	Brasil Sempre: Uma contra-posição ao livro "Brasil Nunca Mais".	Marco Pollo Giordar	272	9	Port
19	O Judeu Internacional: Mais famosa obra de Henry Ford	Henry Ford	294	48	Port
20	Brasil Colônia de Banqueiros	Gustavo Barroso	134	18	Port
21	Os protocolos dos sábios de Sião	Gustavo Barroso	172	18	Port
22	História Secreta do Brasil Vol 1-6	Gustavo Barroso	184	18	Port
23	Complô contra a Igreja - Tomo I - II - III	Maurice Pinay	161	18	Port
	Lutas enfrentadas pela igreja frente a seu maior inimigo:A sinagoga judaica.				
24	O Brasil na Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas Depõe	Sérgio Oliveira	160	18	Port
25	Cristianismo em Xequê: Judaísmo - sionismo-maçonaria. Nova Era no Vaticano.	Sérgio Oliveira	165	18	Port
27	Eram Inocentes	C. W. Potter	72	10	Port
29	Minha Luta	Adolf Hitler	616	40	Port
30	¿ Murieron realmente seis millones ?	Richard Harwood	40	7	Esp
33	A Festa da Vitória (da II Guerra Mundial)	Aldo O. Mónaco	48	8	Port
34	O livro Branco sobre a conspiração mundial: Judaísmo Sionismo no banco dos réus.	Sérgio Oliveira	304	23	Port
35	Os Genocidas do século XX	Sérgio Oliveira	315	23	Port
36	Discurso em defesa da Liberdade de Expressão	Sérgio Oliveira	64	8	Port
37	O Livro Branco Alemão	Notas Oficiais do	114	15	Port
	Sobre os antecedentes da guerra com a União Soviética	Governo Alemão			
38	Cozinha Extraordinária	Ron Kelenuik		18	Port
39	O Catolicismo Traído - Uma autêntica denúncia. Prefácio de Sérgio Oliveira	S. E. Castan	108	23	Port
40	A razão da Minha Vida	Eva Perón	230	23	Port
41	A propaganda de atrocidades é uma propaganda de mentiras. Dizem os próprios judeus alem	Sergio Oliveira	304	23	
42	O Elo Secreto - Da economia e da política com a religião e o Ocultismo	Hélio F. de Oliveira	304	23	Port

Figura 14: Listagem dos livros à venda pela Editora Revisão⁶²

⁶² Lista de livros da Editora Revisão. Atenta-se que o autor desta Dissertação manteve a grafia original dos conteúdos oriundos do site. Por esse motivo, verificam-se alguns erros de grafia que não foram corrigidos, de forma proposital. Isso é uma evidência que atesta a não preocupação dos responsáveis pela manutenção do site com revisão linguística.

Alguns livros, principalmente os voltados à questão do genocídio judaico e ao nazismo, apresentam subtítulo correto, porém, em outros, no lugar do subtítulo, são expostos um comentário. Tome-se como, por exemplo, *Os protocolos dos sábios de Sião*, cujo título é acompanhado do excerto “comenta o famoso plano de dominação judaica do mundo”. Isso parece funcionar como um mecanismo de tornar os livros da Editora mais comercializáveis, associando uma imagem positiva aos temas que são propostos.

Outro fator que chama a atenção são os tópicos que a editora aborda. Qual o propósito de, entre tantos livros que se propõem a abordar fatos históricos, aparecer um livro sobre culinária, Evita Perón, Karl Marx e outros que não deveriam estar entre aqueles temas que a editora discute? O que se pode retirar dessa miscelânea de temas, além de ser um atestado de descrédito à Revisão, é a tentativa deles se desconstruírem enquanto negadores da história do Holocausto. Apresentar obras que abordem temas diferenciados e tão díspares é uma tentativa de passar uma imagem positiva e abrangente da editora. Esse recurso parece funcionar como uma blindagem dos efeitos de sentidos negativos provenientes da defesa de um ato violento provocado pelos nazistas.

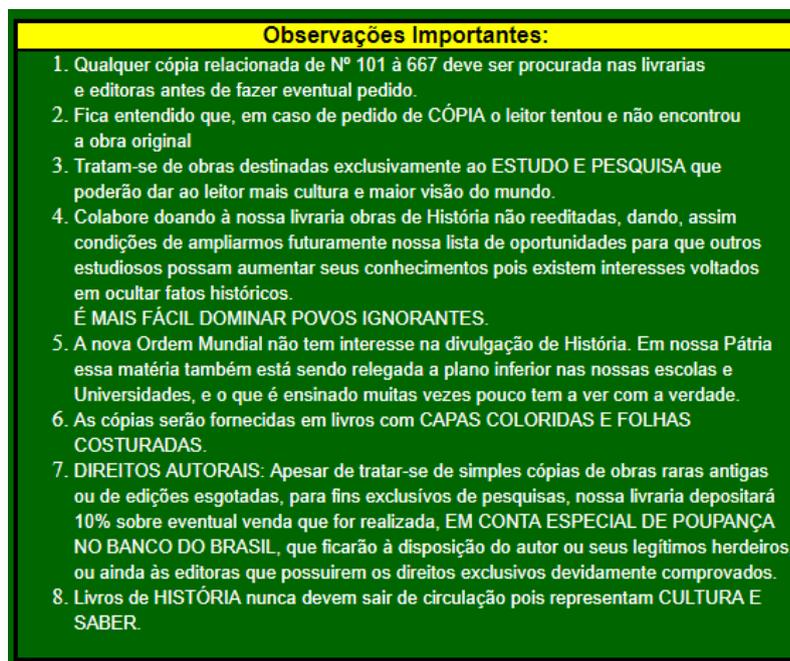


Figura 15 - quadro de observação do site da Revisão

O quadro apresenta sequências que constroem uma certa regularidade. Primeiramente, destaca-se o uso da coloração verde e amarela, que remete às cores da bandeira nacional brasileira. Nesse contexto, as cores desencadeiam um efeito de nacionalismo, uma vez que muitas obras da editora também são ligadas às questões nacionais. As expressões em caixa

alta “estudo e pesquisa”, assim como “É mais fácil dominar povos ignorantes”, tentam esquivar a editora de qualquer tipo de crítica negativa. Aqui, portanto, é criado um cristalino véu de defesa, que tenta passar o sentido de que a editora não somente está comprometida com a verdade histórica, mas também estaria preocupada em combater o que seria a “mentira do século”. O que se observa nessa regularidade é um processo de substituição, que visa a deslocar sentidos, permitindo, assim, que a Revisão seja porta-voz da nação. O objetivo desses enunciados seriam a distorção da História do Holocausto.

O item 8 do quadro “Observações Importantes” diz: “Livros de HISTÓRIA nunca devem sair de circulação pois representam CULTURA e SABER”. Esse item merece destaque, pois evidencia a forma de pensar dos editores da Revisão, que tentam elevar seus livros ao nível histórico. A Editora tenta, de todas as maneiras, legitimar sua importância acadêmica e a de seus materiais. Porém, livros como os da Editora Revisão não devem ter espaço na sociedade e aqui não se trata de fazer apologia à censura, mas, sim, de impor limites entre as relações humanas. O Holocausto ainda é um terrível fardo para a história. Permitir a venda ou a exposição de materiais que negue esse fato é minimizar a brutalidade do que os nazistas praticaram durante seu período. Finalmente, divulgar os materiais da Revisão se mostra uma perigosa publicidade para grupos de extrema-direita, que veem possibilitadas vias de alimentarem seu radicalismo com ideias violentas contra as minorias.

5.1 A editora Revisão e a cidade de Pelotas

Inicialmente, a análise dos livros para esta Dissertação era em versões digitais adquiridas em sites e blogs destinados à propagação dos materiais da Revisão. Durante as pesquisas de informações acerca dos colaboradores, um acabou por se destacar: o escritor Sérgio Oliveira.

Por se tratar de um escritor da mesma cidade na qual a dissertação estava em desenvolvimento, houve a expectativa de um encontro direto. Tal expectativa logo se desfez, pois constatou-se que o autor havia morrido no ano de 2014. Consequentemente, a busca por informações voltou-se aos seus parentes e amigos próximos.

Antes de explorar mais a figura deste escritor, algumas informações se fazem necessárias. Conforme já citado, Sérgio Oliveira era pelotense nascido em 1937. Era Tenente

reformado e iniciou o curso de Direito (1979), o qual não concluiu. Oliveira é autor de dez livros publicados pela revisão⁶³. Sua bibliografia pode ser encontrada na Biblioteca Pública Pelotense, com muita facilidade. Os livros não possuem nenhuma ressalva quanto à comercialização proibida, e a retirada para leitura pode ser feita normalmente.

Além de colaborador da Editora, Sérgio também escrevia artigos para jornais locais como *Diário Popular* e *Diário da Manhã*, escrevendo crônicas e artigos esportivos. Oliveira foi, inclusive, membro da Academia-Sul-Brasileira de Letras, nomeado em 1992, com sede em Pelotas.

Com essas informações, o próximo passo foi de buscar dados referentes a Sérgio na Academia. Procurou-se contato com o atual presidente da Academia para acesso ao acervo, que foi concedido com facilidade.

Durante o processo de pesquisa outros dois nomes de pessoas bastante conhecidas na cidade apareceram: uma era de uma família tradicional pelotense, e outra, ligada a área dos estudos em história. A primeira permitiu a gravação e a entrevista, porém nunca retornou o contato para assinatura do termo. A outra alegou que aceitaria a conversa, mas não a gravação, pois teria medo de possíveis conspirações contra ela.

Em conversa com o presidente atual da Academia, esse disse desconhecer o autor. Ele preferiu, porém, apresentar o autor desta Dissertação aos membros mais antigos. Eles afirmaram conhecer Sérgio, porém, não se sentiam à vontade para falar a respeito dele.

Com a análise do acervo foi possível encontrar um nome muito importante para a pesquisa, a filha de Sérgio, que, através de contato via redes sociais, aceitou conversar a respeito do pai.

Por evidente, o trabalho não se propõe a avaliar ou julgar a posição do autor ou de qualquer pessoa entrevistada⁶⁴. Todos os requisitos ligados à ética da pesquisa foram obedecidos durante a gravação. A entrevista⁶⁵ autorizada durou 4 horas, sendo 2 horas com o gravador ligado. A pedido da entrevistada houve também um tempo de pausa. Durante a conversa, procurou-se entender questões de vida referentes a Sérgio, suas motivações para escrita, como ele era na sua relação social, a sua ligação com Castan e o processo que a

⁶³ A lista de livros publicados por Sérgio Oliveira se encontra no capítulo destinado às obras da Revisão.

⁶⁴ A entrevista foi autorizada e o termo de concessão assinado pela entrevistada encontra-se nos anexos desta Dissertação.

⁶⁵ As narrativas estão citadas em bloco de texto, seguindo as normas de citações diretas com mais de 3 linhas, segundo a ABNT.

Editora recebeu que acabou por colocar seus livros sob censura. Cabe, também, deixar registrado que durante a entrevista o filho de Beatriz, Mateus, também esteve presente e participou em certos momentos da entrevista.

Antes de prosseguir, apresentam-se alguns dados biográficos da entrevistada: seu nome é Beatriz Oliveira⁶⁶, nasceu em Pelotas em 1963. É professora, formada em Filosofia e Sociologia e possui uma pós-graduação em gestão de pessoas. Ao relatar o gosto de seu pai pela História, Beatriz conta que seu envolvimento começou através do gosto pela leitura, destacando que Sérgio era um leitor incessante. Para Beatriz, seu pai inicialmente não teria pretensão de ser escritor, essa prática teria aparecido com o tempo. Nas palavras de Beatriz,

Ele sempre gostou muito de ler. Num primeiro momento, ele era leitor. Em função do Exército, ele tinha acesso a bibliografia de lá (BIBLIEX). E muita coisa ele lia dali, assim como comprava também livros. Desde pequena, nosso programa aos sábados era ir para Livraria Princesa, na Félix da Cunha. Ali a gente ia comprar livros. Ele sempre me dava um ou dois livros nos finais de semana. Depois ele começou a escrever, mas o escrever para ele num primeiro momento era como hobby, ele não demonstrava que seria escritor. Ele escrevia alguma crônica, algumas histórias, às vezes contos, ele era uma pessoa muito engraçada. Às vezes, a gente olhando as crônicas de futebol, percebe que ele buscava personagens da história, personagens às vezes da televisão para fazer comparações. Então ele era engraçado.

Beatriz ainda fala da questão das primeiras crônicas de seu pai nos jornais locais, dando ênfase às questões futebolísticas, deixando claro ainda que seu pai tinha total liberdade e que seus textos não passavam por nenhum tipo de revisão, sendo publicados na íntegra.

Eu acho que primeiro foi o Diário Popular, porque ele vai com as crônicas. Ele teve algumas crônicas escritas, depois é que ele vai para o Diário da Manhã. A relação com o Diário Popular era mais eventual, não era uma coisa sistemática, sistematizou no Diário da Manhã, aonde o Freitag sempre deu para ele liberdade total. O Freitag às vezes até se incomodou né? com as publicações principalmente com a coluna esportiva, que claro, o pessoal do Brasil, às vezes se queimava com as crônicas dele.

Graças às suas colunas, a filha de Sérgio retrata um atrito com uma pessoa conhecida na cidade, sem citar nomes, Beatriz relata que certa vez, em virtude de Sérgio defender um certo candidato a presidência do Esporte Clube Pelotas, o candidato da oposição teria o procurado para tirar satisfação. Na época, Beatriz relata que seu pai já não dispunha de boa saúde.

⁶⁶ Participou da entrevista também seu filho Mateus, neto de Sérgio.

É, uma outra vez teve uma pessoa que teve aqui na porta de casa, até um nome bem conceituado na cidade, que a mãe num primeiro momento né? foi bem né..?. e aí ele estava mandando recado quando e eu cheguei bem na hora e disse: “Espera aí, só um pouquinho, em primeiro lugar, tu não manda recado, principalmente por uma senhora. Segundo lugar, tu sabes qual é a condição física dele? Se tu não sabes eu vou te levar lá dentro e tu vais ver. Eu acho que se tu tens que discutir alguma coisa, tu discutes judicialmente, mas não vem aqui na porta da minha casa agredir a minha mãe”. Tudo em função do jogo, aquelas coisas nem era jogo propriamente, acho que era uma eleição que iria ter no Pelotas. Acho que era um dos candidatos.

Beatriz procura sempre destacar que seu pai era uma pessoa que prezava pelo debate de ideias e critica a questão de pessoalizarem as ideologias. Segundo ela, essas questões, quando distorcidas, só gerariam violência.

Debate de ideias, Felipe. Sempre de ideias! E eu deixo isso claro porque justamente as pessoas pessoalizam e por isso às vezes os enfrentamentos por pessoalizarem ideias, quando na verdade eu posso ter uma relação muito legal contigo e divergir de ti e ele tinha essa (ideia) por isso que eu te coloco, né? Eu tinha muita admiração, tenho muita admiração por ele, porque isso ficou para mim. Eu posso não concordar contigo, mas eu vou defender o direito de tu dizer.

No decorrer da conversa a entrevistada foi questionada a respeito da entrada de Sérgio na Academia-Sul-Brasileira de Letras e como se deu a indicação dele.

Na verdade, a pessoa que procurou por ele foi a professora Zênia que na época ela era a presidente da Academia ou ela era acadêmica eu não lembro bem. Eu não sei se o Felipe Assunção Gertum era o presidente. Eu não sei, mas eu sei que foi via professora Zênia ele fez alguma coisa, uma revisão junto com ela sobre alguma coisa a respeito de Pelotas e ela teve contato com ele e aí depois convidou e acho que levou o nome. Quem levou o nome dele para a academia foi a professora Zênia.

Beatriz inclusive aproveitava os conhecimentos de Sérgio para fazer falas em escolas nas quais ela trabalhava. A série na ocasião era a oitava e o tema era Segunda Guerra Mundial.

O pai uma vez, eu trabalhava no Gonzaga e o pai foi lá falar com os alunos falar com os meus alunos, com autorização dos irmãos e tudo. Foi como historiador, como escritor ele não foi, até porque ele não fazia nenhum tipo de apologia. Eu tinha certeza disso por isso levei. Eu jamais, se meu pai fosse fazer apologia ao nazismo, eu levaria numa escola cristã para falar para os meus alunos. Então pelo contrário, era um espaço que foi aberto.

Com o decorrer da conversa, Beatriz foi informada de que seria abordado um tema delicado: a participação de seu pai na Editora Revisão. Antes de se iniciar a conversa a respeito desse tema, a entrevistada foi lembrada que ela tinha a liberdade de não responder e que poderia parar a conversa no momento que achasse oportuno. Dito isso, a entrevistada foi questionada se ela conhecia Castan e se já teve algum contato com ele direta ou indiretamente.

Eu não conheci o Castan e ele nunca veio a Pelotas. O pai foi por duas vezes a Porto Alegre. A primeira vez que o pai foi, foi em função da assinatura dos contratos e a segunda vez, foi na feira do livro. Quando ele editou, também não lembro qual foi o livro, então eles foram, ele e a minha mãe para Porto Alegre, as duas vezes. Como é que o Castan surgiu na vida do pai? O meu pai quando escreveu o primeiro livro ele tentou em algumas editoras, mas não editaram o livro. Quando ele leu, eu acho que ele leu um livro do Castan, não lembro agora qual foi ele mandou os manuscritos do livro para o Castan e ele editou. Foi a Editora Revisão que editou, me parece, que o primeiro livro, me parece, foi o “Massacre de Katyn” e porque esse livro num primeiro momento não foi aceito? Porque aquele massacre era atribuído a um e ele dizia no livro que era outro. O massacre é atribuído aos alemães e ele dizia no livro que o massacre tinha sido feito pelos russos.

O Massacre de Katyn (1989) foi o primeiro livro de Sérgio Oliveira, o qual tentou publicar em algumas editoras, encontrando respaldo apenas na Revisão. Beatriz conta que esse livro seria o favorito de Oliveira, por ele ter evidenciado um fato diferente do que a História Oficial contara, e que, segundo ela, anos mais tarde, a teoria de seu pai seria comprovada.

E na verdade, porque era a pupila do olho dele? Porque ele conseguiu com a pesquisa e com toda a investigação dele comprovar algo antes de assumirem, quer dizer, a minha pesquisa deu certo e era isso aí mesmo, então ele tinha muito orgulho do “massacre” talvez o primeiro livro que foi editado.

Beatriz argumenta que conversava com seu pai a respeito do que ele escrevia e menciona que ele se mostrava indignado com alguns fatos históricos que ele considerava injustos.

[...] porque eu me lembro uma vez ele me mostrou e disse “olha, O livro negro do comunismo” então a gente conversava, às vezes, ele dizia: “russo matar, pode”, porque o Stalin matou 20 milhões de russos em função do comunismo russo. Então claro a gente conversava sobre essas coisas, mas sempre no intuito de revisar aquilo que está posto “por que que para esse pode e para aquele não pode”? Discussões que

nós tínhamos. Tá, por que que não tem indenização para negro? Os negros foram arrancados da África, foram trazidos.

Voltando aos questionamentos a respeito da Editora Revisão, quando questionada se Sérgio já havia recebido algum tipo de intimidação ou ofensa pelas suas obras, Beatriz afirma que não, e que a coisa que mais o deixara abalado teria sido o episódio no Rio de Janeiro, onde o estande da Revisão teria sido depredado.

A única coisa que deixou ele profundamente abalado, eu diria, foi o estande do Rio de Janeiro ser queimado, o estande da editora inteira, os livros serem queimados, isso deixou ele muito mal. Que eu lembre assim, de situações, essa né?, o processo, que ele perdeu pro Jair Krischke e que foi uma coisa que que em seguida ele infartou, as pessoas dizem que não dá para atribuir. Não, eu não estou culpando isso aí, mas que ele se derrubou muito depois disso daí, se derrubou, até porque na verdade né, Felipe? me acusa de coisas que eu sou ou que eu fiz, ele fez uma citação, então agora tu vai citar um autor e tu vai ser condenado porque tu faz uma citação aquilo ali? Não foi tu que escreveu tu transcreveu, mas tudo bem, eu lembro assim de dois momentos dele bastante chateado e abalado emocionalmente, foram esses dois episódios.

Com relação aos atos⁶⁷ contra a Editora Revisão, o fato ocorreu em 20 de agosto de 1997, no Rio de Janeiro. A justiça apreende e fecha o estande da Editora durante a 8ª Bienal do Livro, sob alegação de que as obras faziam apologia ao antissemitismo. Outro episódio no mesmo ano, em Porto Alegre, durante a Feira do Livro⁶⁸, também aconteceu.

Quando questionada a respeito de a Sociedade Israelense de Pelotas ter entrado em contato com o escritor, o acusando ou ofendendo, Beatriz foi vaga e se limitou a dizer que não saberia dizer, mas que ele recebeu alguns contatos.

Pois é, eu não tenho essa lembrança, ele recebia telefonema às vezes, certas coisas que ele dizia: ‘ah estão me dizendo, me ameaçando, telefonema’ alguma coisa, mas nada que ferisse, não tenho assim especificamente assim se era de lá ou não.

Apesar de Sérgio ter sido um colaborador presente na Revisão, sua filha relata que seu contato com o idealizador, Castan, era pouco. Beatriz afirma que eles apenas se encontraram duas vezes. Os encontros foram primeiro para assinar o contrato e depois para participação na

⁶⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq200827.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

⁶⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1810200009.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Feira do Livro. Os dois encontros, segundo ela, aconteceram em Porto Alegre. A relação entre o escritor e o editor era apenas por carta e telefone.

Cartas e telefone. Que eu me lembro do Castan ligando para ele. Ele ligar eu não me lembro, assim, lembro do Castan ligar, me lembro deles se corresponderem, conversarem por carta. A Pelotas ele nunca veio e a Porto Alegre o pai foi duas vezes. Uma na feira do livro e outra quando eles assinaram o contrato da edição dos livros.

No encaminhamento para o final da entrevista, Beatriz foi perguntada o que seu pai achava a respeito do período militar brasileiro (1964-1985) se ele era a favor, e se ele gostaria que de alguma forma essa política reaparecesse.

Ele era muito reservado, até algumas coisas alguns comentários que ele fez no final da vida né? Principalmente do período em que ele viveu na fábrica de munição porque lá na fábrica tiveram presos e ele nunca comentou ele foi comentar agora no final da vida algumas pessoas que estiveram presas em Juiz de Fora sob o cuidado deles e ele sempre dizendo assim o cuidado que eles tinham em alimentar em cuidar sabe? Claro porque era o quartel estavam colocadas lá, mas não era lugar de investigação e nem de tortura. Estavam ali presos eles tinham que cuidar, né?

A conversa, então, se volta para o fim da vida de Sérgio Oliveira. Beatriz, bastante emocionada, revela que após o processo movido por Jair Krischke seu pai teve um período de depressão e que a família tentou de todas as formas ajudar no humor de Oliveira.

É, ele infartou logo depois da do processo que eu te falei, em Porto Alegre, com Jair Krischke. Ele começou a entristecer sabe, a perder gosto pela vida, entrar num processo até acho que meio depressivo e a gente tentando né, Felipe? Tentando levantar um pouco a moral dele e tudo, mas aquilo derrubou muito ele porque é o que eu te digo, ele sempre foi uma pessoa muito justa e tu ser acusado justamente é uma coisa, agora ser acusado injustamente é outra bem diferente. Então, aquilo ali foi bem difícil para ele e ele teve um primeiro infarto, a gente levou ele pro hospital aquela coisa toda, dois dias depois ele teve mais dois infartos, um edema de pulmão e uma isquemia teve morto no dia 2 de novembro o doutor na época o doutor era o chefe do CTI da Santa Casa ele disse olha professora Bia, Tia Bia, ele me chamava, os filhos estudavam lá no Gonzaga, olha, tia Bia, reza porque que o que a gente fez, a gente já fez, e ele esteve 10 dias dentro da CTI muito mal. Sobreviveu, Felipe. Levamos pra Porto Alegre e ele fez quatro pontes de safena e uma cirurgia de carótida, viveu oito anos com 30% do coração funcionando e com uma diabete horrrosa.

No transpassar da conversa, o assunto acaba voltando à ligação de Sérgio com a Editora Revisão. Em um determinado momento Beatriz e Mateus comentam que algumas

peessoas os procuraram para reeditar os livros de Sérgio Oliveira e, por eles não se sentirem à vontade, acabaram negando os direitos dos livros. Com isso, o gravador é pausado por 25 minutos.

Quando retomada a gravação, foi dito novamente que a pesquisa tinha um viés acadêmico e não de julgamento. Explicaram-se os procedimentos de transcrição e autorização e deu-se por encerrada a entrevista.

Pouco mais de um mês após a entrevista, uma cópia da transcrição juntamente com a autorização foi levada até Beatriz, que leu todas as 35 páginas de transcrição e assinou o termo.

Com isso, todo o processo descrito acima (pesquisa, entrevista, ir a campo, ir ao acervo) foi de grande valia para esta dissertação e para a construção do senso crítico. Foi possível perceber que, para algumas camadas da sociedade, o nazismo é apenas um espectro estanque no passado. Muitos não se dão conta de que esse espectro, com o tempo, adquire força e conquista espaços na sociedade.

Sérgio Oliveira deve ser entendido como uma pessoa contraditória. Aos olhos da família um bom pai, uma pessoa preocupada com a reflexão e o debate. Porém, para a História e a justiça, Sérgio é considerado um escritor polêmico, que aborda assuntos delicados e possui argumentos perigosos. Seus livros estão censurados desde 2003, porém, até hoje são usados em grupos radicais.

6 A Editora Revisão na *web*

A internet⁶⁹ inicia no Brasil em 1988, quando o laboratório nacional de computação científica se conectou, através de um acesso via *bitnet*, com a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Por volta de um ano depois, a UFRJ estabelece conexão com a Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Entre os anos de 1988 e 1994 era necessário estar em algum grande centro acadêmico caso qualquer brasileiro quisesse ter acesso à internet. Em 1994, a Embratel, de forma experimental, inicia a divulgação da internet de maneira muito limitada: apenas cinco mil pessoas tiveram acessos via essa empresa. A popularidade da internet eclode no final dos anos de 1990, quando surgem os primeiros provedores de serviço online, que disponibilizavam acesso aos usuários. Ao conceitualizar a *web*, toma-se em Almeida (2001, p. 12):

A rede mundial de computadores tornou-se uma ferramenta de comunicação poderosa, devido à facilidade de acesso e à amplitude de cobertura da nova tecnologia. Um computador conectado à Internet é um eficiente instrumento para a troca de informações em escala global. Com a popularização em escala mundial, criou-se um novo espaço de sociabilidade: o ciberespaço.

Sendo assim, considera-se importante também levar em conta que a internet é um espaço em que se desenvolvem diferentes práticas discursivas na e sob as mais diversas formas de existência. Nele, muitos usuários ostentam o imaginário que os constitui como sujeitos. A grande chancela dessas práticas é a inconstância dos sentidos, fato que lhes permite uma reconstrução constante e, simultaneamente, um efeito de autonomia. Isso pode ser observado na formação de grupos radicais de extrema-direita, como é o caso dos negacionistas.

Este capítulo se propõe a discutir e apresentar a forma como a Editora Revisão e seus materiais ainda se mantêm vivos na internet. Serão listados alguns sítios e blogs que têm a intenção de manter ativas ideias que a editora e seus colaboradores defendiam.

⁶⁹ As informações a respeito da história da internet têm como base para esta dissertação o livro de Érico Guizzo, *Internet: O que é, o que oferece, como conectar-se* (Editora Ática, 1999).

Embora muito forte entre os anos 1980 e 1990, são raras as informações a respeito da antiga editora “revisão”. Na internet, encontram-se muito mais pesquisas em artigos e trabalhos acadêmicos⁷⁰ que sítios que tratam da editora.

A antiga editora de Castan ainda possui seu site oficial⁷¹, aberto em 24 de janeiro de 1996 (dados do próprio site), com data da última atualização em 26 de abril de 2003 (dados do próprio site). No endereço digital, o editorial justifica o fim do funcionamento dos trabalhos como uma perseguição, colocando a culpa, explicitamente, nos judeus. Os leitores, inclusive, são conclamados a comprarem os livros da editora revisão, antes que esse material seja queimado por judeus em praça pública. Confira-se na Figura 16:



Figura 16 - Site oficial da editora Revisão, explicando-se a respeito do encerramento das publicações.

Batizado por Castan de “a mentira do século⁷²”, e tendo esse como principal mote da publicação e reedição de livros que abordam o tema da Segunda Guerra, a editora enfatiza seu compromisso com o que denomina “verdade histórica”, onde pretende rever, através de um discurso violento, o genocídio judaico. No trecho a seguir, direcionado aos seus adeptos, a editora solicita auxílio material:

⁷⁰ Alguns exemplos de trabalhos acadêmicos são os de Bruno Leal Pastor de Carvalho (2016), Odilon Caldeira Neto (2009), Daniela Ferreira Felix (2015)

⁷¹Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20080707235205/http://members.libreopinion.com/us/revison5/edrevison.htm>>
Hospedado em um domínio estadunidense. Acesso em: 20 mai. 2019.

⁷² Termo que surge no livro “Holocausto Judeu ou Alemão, nos bastidores da Mentira do Século” (1988) e no livro “A Implosão da Mentira do Século”(1992)



Figura 17 – Pedido de colaboração no site oficial da editora Revisão

<p><u>BRASILEIRO</u></p> <p>* Sabias que tens sido enganado ha mais de 50 anos por propaganda mentirosa que te faz pensar de modo injusto e errado ?</p> <p><u>SABIAS ?</u></p> <p>* A população judaica não foi reduzida em 6 milhões, durante a guerra, mas aumentou de 15.700.000 em 1939 para 17.800.000 em 1947, de acordo com Nahum Goldmann, presidente do Congresso Mundial Judaico. Se tivessem sido assassinados 6 milhões só poderiam existir em 1947 menos de 11 milhões!!!</p> <p>* Até 24/09/90 constavam, no gigantesco monumento de Auschwitz, dizeres em 19 idiomas diferentes, acusando os alemães pelo assassinato de 4 milhões de inocentes. Naquela data, após exames das alegadas câmaras de gás, feito por especialistas poloneses, nos laboratórios de Cracóvia, o governo polonês, por não terem encontrado evidências das aplicações de gás para o extermínio de pessoas, mandou arrancar os mentirosos dizeres que constavam no Monumento.</p> <p>* No dia 02/05/94 a Revisão Editora e o Centro Nacional de Pesquisas Históricas, durante entrevista coletiva, no Hotel Continental de Porto Alegre, instituíram um Prêmio-Esclarecimento no valor de CR\$ 6.000.000 à primeira testemunha ocular judaica que provasse, perante uma Comissão Especial, a morte não de 6 milhões mas de UM ÚNICO judeu nas supostas câmaras de gás de Auschwitz. Durante DOIS meses de validade, não se apresentou UM ÚNICO candidato ao Prêmio. Um militar comentou: "podem ser mentirosos mas não são burros".</p>	<p>* Nos EUA, graças a lavagem cerebral, a maior parte dos índios norte-americanos quando assiste um filme de índios contra os pioneiros, torce a favor da gloriosa cavalaria americana, responsável pelo extermínio dos seus ancestrais.</p> <p>* Após 50 anos de aplicação desse sistema de lavagem cerebral, por parte dos vencedores, contra a Alemanha, grande parte dos alemães realmente acredita que seus pais, tios ou avós eram criminosos. Estando seu país ocupado até hoje pelas forças armadas dos países que a derrotaram (soldados americanos, russos, ingleses, canadenses, franceses) não produziram um único filme mostrando o heroísmo do soldado e do povo alemão, apesar do soldado alemão ter sido indicado pelos aliados, conforme pesquisa efetuada pelo jornalista inglês V Stanley Moss, como o melhor e mais decente da II GM, seguido pelos escoceses, poloneses e japoneses.</p> <p>* Essa Lavagem, aliada naturalmente a interesses por posições importantes e forte dose de autêntica traição contra o povo alemão, leva seus dirigentes a ficar ao lado dos vencedores até nos festejos da Vitória aliada e chegando à máxima de colocar-se com leis e prisões contra quem revisar e revelar a verdade, principalmente a respeito do holocausto judeu.</p> <p>* Durante a separação da Alemanha, a guia turística da Alemanha Ocidental, quando o ônibus chegava na ponte de Remagen, informava que por essa ponte vieram os americanos para nos libertar... A guia da Alemanha Oriental tratava os soldados soviéticos igualmente como libertadores...</p> <p>* Não é por outro motivo que o neo-índio Roman Herzog, como presidente da Alemanha, teve o atrevimento de pedir fortes penalidades judiciais contra os revisionistas da história, em entrevista à Zero Hora de Porto Alegre, numa flagrante interferência em assuntos de nossa Pátria.</p>
---	---

Figura 18 – Excerto do antigo site da editora Revisão LTDA

* Simon Wiesenthal, durante 50 anos apresentado como o heróico caçador de nazistas, motivo até de filmes, começou a ser desmascarado pelos próprios sionistas. No dia 08/02/96, no programa TV ARD alemã, para surpresa dos próprios neo-índios alemães, esse caçador foi execrado por Ela Steinberg (Membro do Congresso Judaico), Neal Sher (Chefe do Dep. de Perseguições a Nazistas do Ministério da Justiça do EUA), Benjamim Weiser Veron (diplomata israelense no Paraguai), Rafi Eitam (Comandante da operação Eichmann) e finalmente por Isser Harel (antigo chefe do Mossad) que referindo-se a Wisenthal disse: "Ele causou enormes danos através de suas falsas manifestações. Criou LENDAS. Em todos os grandes casos ele falhou. Sua importância é mínima. Espalhou FALSAS INFORMAÇÕES. Uma TRÁGICA FIGURA".

* Nos campos de concentração existiam desde criminosos comuns, até religiosos, generais e Primeiros Ministros das mais diversas origens e nacionalidades. Por que nenhuma alta autoridade presa descreveu sobre o extermínio de judeus em câmaras de gás? Por que **sómente judeus** escreveram a respeito?

* Em setembro de 1944 uma Comissão Especial da Cruz Vermelha Internacional, atendendo a uma denúncia, esteve em Auschwitz e também em Birkenau, informando, **em relatório**, que os internos recebiam correspondências e encomendas dos familiares e que não encontraram **nenhuma** evidência sobre a existência de câmaras de gás.

* A chamada lei de Nuremberg, de 1935 que impedia o relacionamento sexual e matrimonial entre alemães e judeus, foi feita em represália à mesma Lei Rabinica existente até hoje, com a única diferença que a Lei alemã atingia a judeus, enquanto a Lei Judaica atinge pessoas de todas as nacionalidade que não sejam judias.

* O Mito do holocausto justifica os bilhões de dólares que o Estado de Israel e sobreviventes têm recebido da Alemanha, a título de reparação, e é usado pelo grupo sionista para controlar a política exterior dos EUA, em suas relações com Israel, e para forçar o contribuinte norte-americano a conseguir verbas e armamentos que Israel deseja. O Mito afasta os judeus de toda crítica como grupo social, pois são apresentados como vítimas, e as pessoas normalmente procuram ajudar e ter piedade dos necessitados e injustiçados!

* Alguém viu alguma vez, nos filmes, os judeus serem apresentados como terroristas, bandidos, malfeitores, criminosos ou cruéis? Eles sempre são os heróis, os inteligentes, justiceiros, valentes e ... vítimas.

* Os criminosos, os corruptos, antipáticos, os bobos, os violentos a escória sempre foram, em diversas épocas, os índios, negros, mexicanos, alemães, italianos, japoneses, russos e árabes; Padres e freiras foram difamados até sexualmente, nos filmes.

* Farsas anti-alemãs como A LISTA DE SCHINDLER são exibidas dando a idéia de acontecimento real, sem exigência do GOVERNO BRASILEIRO de fazer constar na apresentação e propaganda do filme, em AMPLO DESTAQUE, que se se trata de um filme de FICÇÃO de Spielberg, que esta baseado no livro do mesmo nome, de autoria de Thomaz Kannealy, oficialmente registrado como LIVRO DE FICÇÃO. O governo é conivente com o sionismo, permitindo deformar a história e a mente do nosso povo, pois permite a exibição, sem o devido esclarecimento, nos colégios.

* Filmes como Schindler, Holocausto e os milhares feitos durante os últimos 50 anos, sempre apresentando falsamente, os alemães como sádicos criminosos levaram as pessoas a acreditar na Mentira do Século, que hoje felizmente não mais se sustenta.

* O Diário de Anne Frank tem partes escritas com caneta esferográfica que só foi inventada vários anos após a morte da menina, por tifo, em Bergen Belsen. Já existem várias versões todas autênticas, desse diário, sendo as mais recentes uma indicando que faleceu aos 22 anos, e não aos 14 anos. Este ano o diário deverá ser aumentado em 25% de páginas, descrevendo agora mais acontecimentos sexuais... Seria muito importante que os responsáveis pelas edições apresentassem aos pesquisadores os originais do diário, para esses poderem descobrir como escrever um diário com caneta que não existia enquanto viva! Segundo a lenda, os descuidados agentes da Gestapo, que reviraram o apartamento do pai de Annelise (seu nome correto) não viram o diário. Sorte teve a vizinha de frente que encontrou o mesmo em seguida... mas sorte mesmo teve o pai de Anne, quando de volta de Auschwitz, após a guerra, ao visitar seu apartamento, sem saber que a vizinha já tinha encontrado o diário, encontrou o mesmo novamente, desta vez no meio de outros papéis... Para manter a farsa sobre o diário que, juntamente com as supostas câmaras de gás e as fábricas de sabão e abajures, é das mais antigas, também recebeu um Museu em Amsterdã, onde os crédulos turistas são levados para partilhar da lembrança e sofrimento. No Brasil a farsa é mantida dando o nome Anne Frank para Ruas, praças, colégios, teatros etc... Até quando?

S. E. CASTAN

Figura 19 - Considerações de Castan - Antigo site da editora Revisão LTDA

Os dados bancários não existem mais, e a compra dos livros já não é mais possível, inclusive por questões judiciais, porém, o site ativo divulga os materiais, permitindo maior facilidade de busca, uma vez que é possível encontrar esses assuntos através de qualquer site de busca.

Isso leva a expor o blog <http://editorarevisao.blogspot.com/>, que contém o catálogo da editora com todos os livros digitalizados. Segundo dados do blog, 19.598 pessoas acessaram a página virtual, de abril de 2017 até 2019. A última atualização data de 29 de abril de 2017⁷³, o que denota, de forma preocupante, que o site fora recentemente atualizado.

⁷³ Não se encontrou dados que comprovassem a fundação do Blog.



Figura 20 – Página inicial do blog <http://editorarevisao.blogspot.com/>

Outro importante site é o <http://inacreditavel.com.br/wp/>. Esse, com atualizações quase que diárias, procura manter ativa toda a história da Revisão e o seu conteúdo editorial. Através do link <http://inacreditavel.com.br/wp/>, hospedado no Brasil, o site busca, através do que chama de revisionismo histórico - embora de uma forma mais velada - defender ideias radicais e o fortalecimento de uma linha ideológica de extrema-direita.

Para finalizar essa exposição sobre ambientes virtuais negacionistas, é preciso referir-se ao site <https://pt.metapedia.org>, que, segundo sua própria descrição, tem uma finalidade metapolítica, com o intuito de influenciar o debate, a cultura e a perspectiva histórica oficiais. Todavia, a pseudo-enciclopédia virtual, que se vale do mesmo *layout* do site Wikipedia.org, tem mesmo por propósito exibir um viés extremista, que se relaciona a elementos do chamado “nacionalismo branco” e da “supremacia branca⁷⁴”, e que leva em consideração o antissemitismo, a negação do Holocausto e o neonazismo.

Abaixo a comparação entre os dois sites.

⁷⁴ Por supremacia é entendido como sistema de produção, reprodução e perpetuação de hierarquias sociais baseadas na racialização de grupos humanos. Esse sistema é fomentado por uma ideologia que defende a superioridade ética, estética, intelectual e espiritual das pessoas brancas, estabelecendo a branquitude, a identidade racial das pessoas brancas, como referência universal de humanidade (SCHUCMAN, 2012).

The screenshot shows the homepage of Metapédia. At the top, there is a navigation bar with links for 'Página principal', 'Discussão', 'Ler', 'Ver código-fonte', 'Ver histórico', and a search bar. Below this is a yellow fundraising banner for 'Metapédia Fundraiser 2018: The Internet is the foremost field in the metapolitical battle of our time. Help us hold down the front.' with a progress bar showing 5,649 € out of a 10,000 € goal. The main heading is 'Página principal'. Below it, a 'Bem-Vindo à Metapédia' section includes the tagline '- uma enciclopédia electrónica sobre cultura, arte, ciência, filosofia e política.' and a date 'segunda-feira, março 4, 2019'. To the right, it says 'Até o momento temos 1 786 artigos em português.' and lists 'Ajuda - Missão - Portal Comunitário - Portais'. The 'Artigo em destaque' section shows '1 default'. The 'Imagem destacada' section shows '1 default'. The 'Vídeo destacado' section features a video titled 'irmão Nathanael sobre a Guerra contra a Síria' with a thumbnail showing a person holding a phone. The 'Sobre a Metapédia' section explains that Metapédia is an electronic encyclopedia and lists its goals, such as focusing on non-official encyclopedias and providing a metapolitical perspective. A portrait of a man is shown next to the text.

Figura 21 – Página inicial do site metapedia.org

The screenshot shows the homepage of Wikipedia. At the top, there is a navigation bar with links for 'Página principal', 'Discussão', 'Ler', 'Ver código-fonte', 'Ver histórico', and a search bar. Below this is a 'BEM-VINDOS À WIKIPÉDIA' section with the tagline 'A enciclopédia livre que todos podem editar.' and statistics: '1 018 488 artigos em português' and '5 732 usuários ativos'. Below the statistics are links for 'Ajuda - Índice - Perguntas - Políticas - Portais'. A horizontal navigation bar lists various subjects: 'Arte', 'Biografias', 'Ciência', 'Filosofia', 'Geografia', 'História', 'Matemática', 'Sociedade', and 'Tecnologia'. The 'ARTIGO EM DESTAQUE' section features an article about 'A Sociedade Parthenon Litterario', a Brazilian literary association. The 'APRESENTAÇÃO' section provides an overview of Wikipedia as a collaborative, multilingual project and lists its goals and policies. A globe icon is shown next to the text.

Figura 22 – Página inicial do site wikipedia.org

Não é por acaso que os citados ambientes tenham uma paginação semelhante. Isso ocorre, pois, a formatação do site faz com que se carregue uma memória de sentidos que envolve a respeitabilidade do site Wikipédia. Através desse mecanismo, percebe-se a tentativa de resgatar todo o propósito de construção informativa da enciclopédia virtual Wikipédia. Desse modo, é possível perceber a apropriação de uma materialidade alheia, e, ainda, perceber que a Metapédia busca legitimar-se com o *status* de enciclopédia virtual, para, assim, ter a devida credibilidade nos verbetes que tem hospedado em seu site. A Editora Revisão teve seus materiais censurados. Tal medida, porém, não se mostrou eficaz, uma vez que seus conteúdos ainda são encontrados com relativa facilidade na internet, um lugar virtual que permite a exposição, manutenção e recrutamento de discursos de extrema-direita. É interessante

observar o tipo de sujeito (não empírico) que eclode dessas redes de significações. O agregado à rede social entra em um conflito entre reconhecimento e dessemelhança. A resultante desse choque é um sujeito dependente de um outro (pertencimento e identidade) e um afastamento da realidade, criando, assim, efeitos de significações que orbitam na ordem do *nonsense*, mas gerando nos adeptos um efeito de verdade que é travestido de inquestionável. Consequentemente, esses sujeitos levam esses efeitos para fora do campo virtual. Esses deslocamentos de sentido (o efeito de verdade) no campo real/social, servem de combustível para os discursos de ódio. Sendo assim, os discursos vinculados à internet não devem jamais ser desconsiderados. Deve-se sempre levar em consideração a performatividade do sujeito que a utiliza.

Para aprofundar o debate a respeito da extrema-direita na contemporaneidade, é necessário elencar alguns fenômenos políticos que foram surgindo ao longo deste período. Cabe elucidar inicialmente, por exemplo, o discurso britânico contra a imigração e contra a integração comunitária europeia. Esse discurso fez com que grande parte dos ingleses optassem pelo “Brexit”,⁷⁵ em 2016. Um ano depois, a França viu Marine Le Pen, filha de Jean Marie Le Pen, alcançar o segundo lugar na corrida presidencial francesa.⁷⁶ Também como exemplo, vê-se na Alemanha o partido “Alternativa para a Alemanha” tornar-se a terceira maior força do parlamento alemão. Porém, esse fenômeno de expansão da extrema-direita não se limita apenas ao contexto europeu. Nos Estados Unidos, através de um discurso racista, xenófobo e sexista, o empresário Donald Trump venceu as eleições e incentiva políticas radicais em todo o mundo. No cenário brasileiro, surge na representação de Jair Bolsonaro a manifestação da extrema-direita. Com seu discurso retrógrado e violento, defendia o uso da força e até a tortura, além de enaltecer o período de Regime Militar no Brasil (1964 – 1985). Além do mais, utilizava-se de uma fala moralista e homofóbica, a exemplo, a “Cura Gay”. Atenta-se para o fato de serem mencionados, aqui, apenas representações de alto escalão hierárquico, como grandes representações parlamentares e candidatos ao cargo de presidência de diferentes países. Assim, demonstra-se a necessidade de se continuar combatendo o tipo de discurso que legitima e dá poder a representantes que encontram na violência uma forma de

⁷⁵ Termo que, em inglês, une as palavras “British” (britânica) e “exit” (saída), para se referir à decisão de deixar a União Europeia.

⁷⁶ Presidiu, até janeiro de 2011, a Frente Nacional, partido nacionalista francês e o mais à direita no espectro político da França. Le Pen é conhecido por defender políticas radicais visando diminuir a violência e o desemprego na França, entre elas a volta da pena de morte, maior restrição à entrada de imigrantes na França - em especial de países do leste europeu e de fora da Europa -, além de uma maior autonomia política e legislativa da França em relação às diretivas emanadas da União Europeia.

apoio popular. Isso demonstra a pontualidade e a relevância do tema abordado nesta Dissertação.

A seguir, serão apresentados alguns dados referentes aos acessos dos sites mencionados anteriormente. Cabe a ressalva de que é um recorte feito até certo momento da pesquisa e tais dados são mencionados com a intenção de mostrar a dinamicidade da Editora Revisão na *web*. Os dados são embasados de acordo com o site <https://www.similarweb.com>.

O site *Similarweb* é uma plataforma de análise de tecnologias da informação que oferece dados de *web analytics*. Dessa forma, o *Similarweb* funciona como uma ferramenta de estatística descritiva e análise quantitativa de quaisquer endereços online selecionados pelo usuário. O seu mecanismo de análise funciona através da seleção de domínios vinculados à *web*. Assim, o usuário insere o endereço digital sobre qual deseja saber as informações e o *Similarweb* fornece dados, como: número de acessos até a data de pesquisa, termos ou palavras-chave que redirecionaram a busca até aquele site e qual site ou rede social redirecionou a pesquisa, como, por exemplo: um usuário chegou ao site *Inacreditável.com* através de um link compartilhado pelo YouTube e/ou Facebook.

Nesta Dissertação, foram considerados os seguintes parâmetros para analisar os sites da Editora Revisão, Inacreditável e Metapédia: número de acessos, tráfego (quais redirecionamentos foram feitos através da busca original) e incidências de termos mais buscados em cada site. Seguem, das Figuras 23 a 35, os resultados obtidos.

1) Editora Revisão

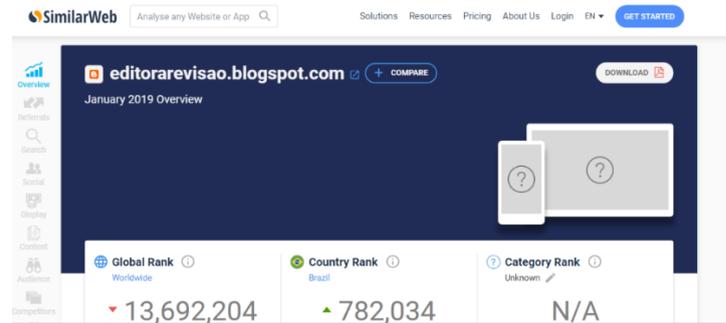


Figura 23 Incidência de buscas nacionais e internacionais pelo site da Editora Revisão

Como se pode verificar, há uma alta incidência de buscas pelo site da Editora Revisão. O número de acessos internacionais ultrapassa o total de 13 milhões. Somente no Brasil, este número é de aproximadamente 780 mil acessos, até janeiro de 2019. Isso demonstra que o site da Editora Revisão e seus materiais mantêm-se ativos para buscas de fácil acesso. Cabe lembrar que a Editora e seus livros são proibidos no Brasil, por fazerem apologia ao nazismo. O acesso ao site pode ser possibilitado por diferentes mecanismos da internet, como podemos ver na Figura 24.



Figura 24 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site da Editora Revisão

Como pode ser consultado na Figura 24, existem diferentes fontes de acesso ao site da Editora Revisão. O único meio utilizado, porém, se dá através de mecanismos de busca direta na internet. Isso significa que os usuários que chegam a esse site o encontram por meio de buscas diretas e cientes de materiais de cunho nazista na *web*. Apresentam-se, na Figura 25, termos que exemplificam este tipo de busca, através de termos específicos.

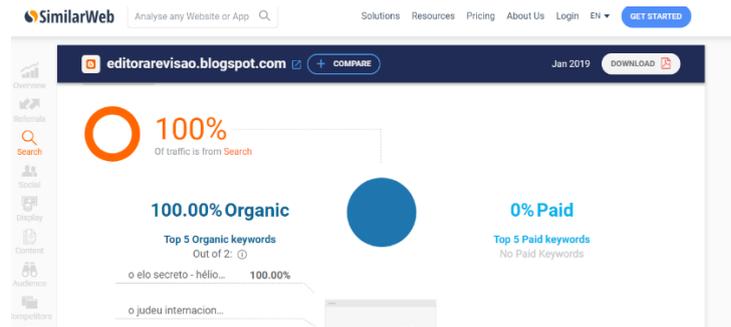


Figura 25 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site da Editora Revisão

A Figura 25 apresenta os dois títulos mais buscados dentro do blog da Editora Revisão, a saber: “O Elo Secreto” - Hélio J. de Oliveira e “O Judeu Internacional” de Henry Ford. O livro de Oliveira trata da ligação da economia política com o ocultismo. É um livro desconexo, pois trabalha com teorias de que algumas doenças teriam sido criadas pelo próprio homem, como exemplo, o vírus HIV, dentre outras incongruências. E qual o motivo do livro de Ford estar entre os mais procurados no site? Ford pensava que a imprensa estadunidense estava à mercê da comunidade judaica. Ele não conseguia publicar algumas críticas ao modo de como os judeus, ao seu ver, interferiam na sociedade, daí a sua justificativa para ter o seu próprio jornal. O livro de Ford, na verdade um jornal com coletânea de artigos publicados por ele, aborda a questão do judeu na mídia e o quão danoso, na visão dele, era essa influência. Mas, qual ligação entre esses dois livros? Aparentemente nenhuma, o que é possível de se associar é a relação da conspiração judaica com os problemas do mundo. Porém cabe ainda pensar: por que o livro de Oliveira é associado ao de Ford se em nenhum momento o autor trabalha com a questão judaica? Essas incongruências devem ser refletidas, pois, em algum momento, ela parece funcionar como dispositivo de desencadeamento da violência.

2) Inacreditável



Figura 26 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site Inacreditável.com.br

Como pode ser visto na Figura 26, há dois principais diferentes tipos de acesso ao site Inacreditável.com.br: *direct* e *search*. Na modalidade *direct*, consideram-se os acessos feitos através da digitação direta do site no navegador, ou seja: para acessar o site, o usuário digitou o endereço do site, sem intermédio de sites de busca. Este tipo de acesso ultrapassa 35% do total de acessos, até janeiro de 2019. O acesso através de sites de busca (*search*) corresponde a mais de 55% dos acessos. O número significativo de acessos diretos atesta o sintoma de violência ancorado em um discurso (neo)nazista, uma vez que os usuários já conhecem o endereço e tornaram seu acesso fidelizado. O grande acesso através de sites de busca demonstra, mais uma vez, a facilidade de se encontrar materiais na internet que disseminem discursos de violência. O detalhamento de acessos através das buscas online pode ser verificado a seguir.

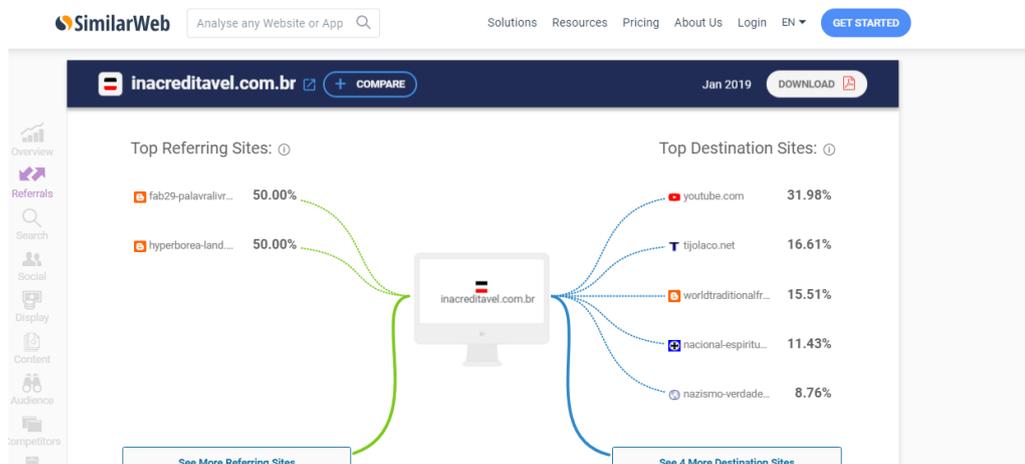


Figura 27 Detalhamento do tráfego percorrido até o site Inacreditável.com.br

Na Figura 27, apresentam-se os caminhos intermediários de tráfego até o acesso final ao site Inacreditável.com.br. Cabe ressaltar, através do detalhamento da imagem acima, que mesmo possuindo uma política de privacidade e segurança, o site YouTube, o maior site de compartilhamento de vídeos do mundo, permite a hospedagem de conteúdos de cunho nazista.

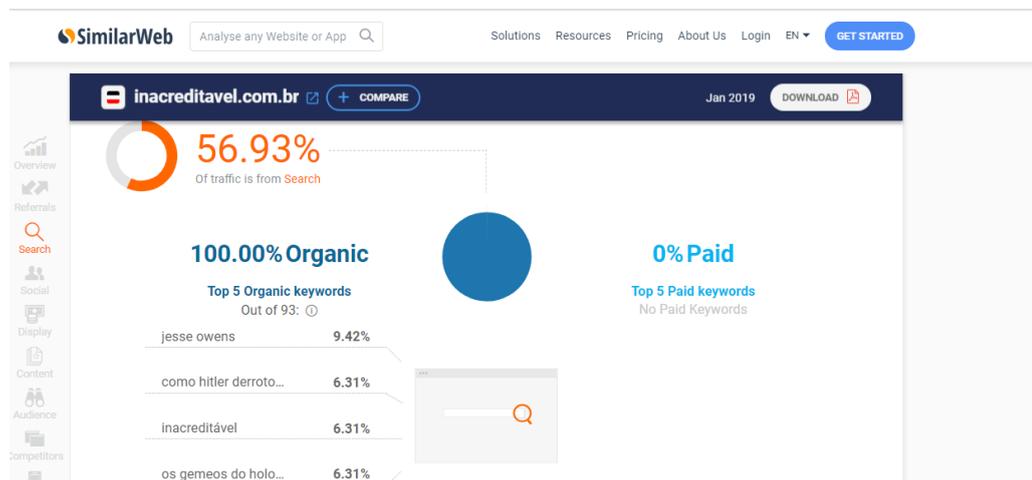


Figura 28 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site Inacreditável.com.br

Percebe-se que, como detalhado na Figura 28, a busca mais frequente é referente ao termo “Jesse Owens”. Uma explicação sobre este fenômeno será dada a seguir, após a Figura 29.

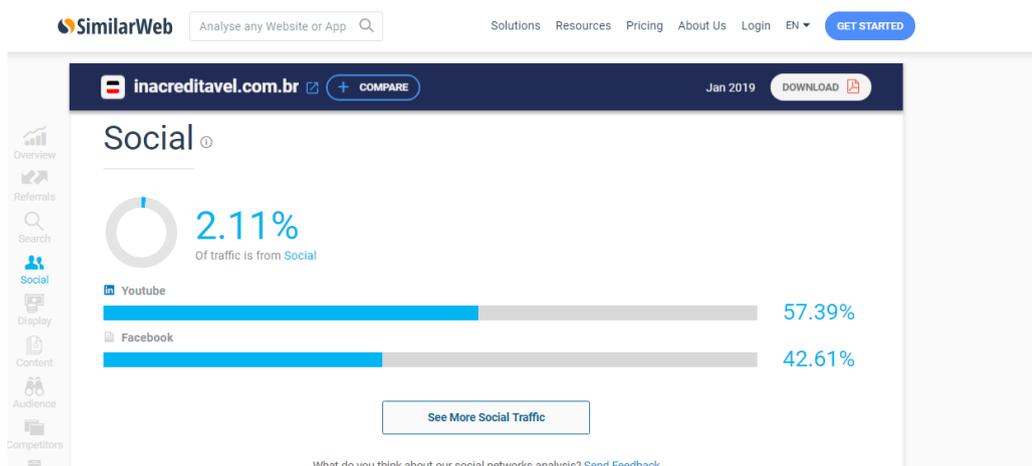


Figura 29 Destaque da importância das redes sociais na divulgação do site Inacreditável.com.br

Os dados presentes na Figura 29 servem para elucidar a participação das redes sociais na formação e modelação das subjetividades. O discurso negacionista encontra um ambiente

favorável na sua divulgação e no recrutamento de membros. Tal fato pode ser evidenciado também através das acusações feitas ao atual governo sobre ter se utilizado dessas redes para divulgar notícias falsas em angariar votos e adeptos.

Talvez por ser mais recente e ter uma maior busca, o site inacreditável, por seu turno, possui mais elementos estatísticos. Seu fórum, que apresenta atualizações quase que diárias, também trabalha com questões do contexto político atual, circunstância que contribui para uma maior visitação. Porém, chama a atenção os dados resultantes da expressão “Jessie Owens”, atleta negro estadunidense que venceu os 100m durante a Olimpíada de 1936. Em uma breve busca pelo nome de Owens no site, é possível encontrar 5 artigos cujo títulos são: “Filha de Jesse Owens revela verdade em documentário de Davide di Stefano (25 de janeiro de 2016)”, “A mentira sobre Jesse Owens”, artigo não assinado (1º de abril de 2015)”, “Hitler apertou a mão de Jesse Owens” publicado por Johnny Drake (7 de fevereiro de 2010)”, “125 anos de Adolf Hitler”, artigo sem autor (24 de abril de 2014)” e “Olimpíada de 36” texto sem autor (28 de julho de 2012)”. Além disso, cabe a ressalva de como os sites de redes sociais são utilizados para movimentação dos materiais como Youtube e Facebook.

Como é possível averiguar no site, a grande maioria dos artigos publicados não possuem assinatura e não constam referências das informações que estão divulgadas. Em tempo, o único nome que aparece, o de Johnny Drake, parece ser um nome falso.

Mas, por qual motivo Owens aparece nas buscas? Muitos são os questionamentos a respeito do episódio ocorrido nas Olimpíadas de 1936. Na ocasião, muitos defendem que Hitler teria ignorado o atleta durante os jogos, porém o chanceler em questão acena para a vitória do atleta dos EUA. Nas palavras de Owens: "Quando eu passei pelo Chanceler (Hitler), ele se levantou, acenou para mim e eu acenei de volta. Eu acho que os escritores mostraram má vontade ao criticar o homem da vez da Alemanha" (Jornal Correio do Povo, de 04/08/36). A partir desse evento, os adeptos da ideologia neonazista defendem a ideia de que Hitler não era racista. Tal argumento serve como alicerce para desconstruir a perseguição nazista a grupos raciais considerados inferiores. Porém, através das reverberações discursivas discutidas nesta Dissertação, há claras evidências que apontam para a caracterização de Hitler como racista, uma vez que, durante o período que esteve no poder, o ditador perseguiu e assassinou aqueles que ele considerava não pertencentes à raça ariana – ou seja, pessoas que pertenciam a determinadas etnias diferentes daquela idealizada por ele.

3) Metapédia

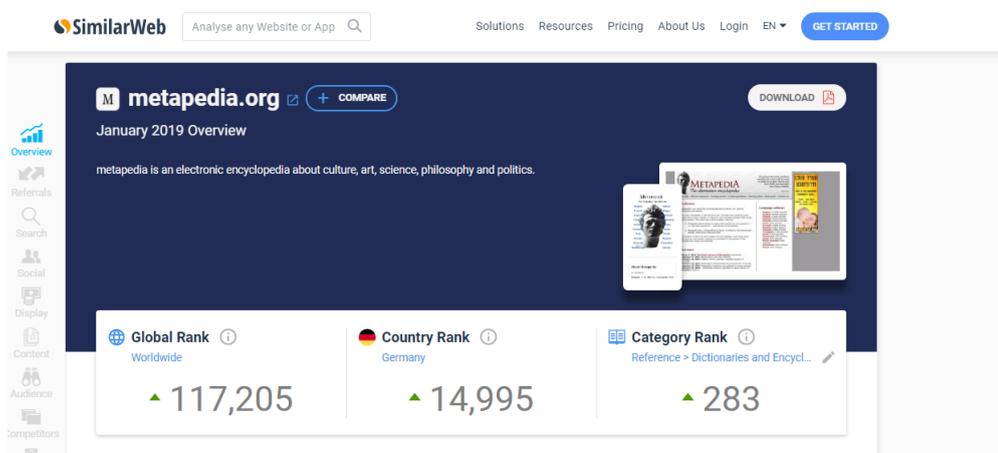


Figura 30 Incidência de buscas nacionais e internacionais pelo site da Metapédia

Atesta-se, na Figura 30, que o total de acessos à Metapédia é de mais de 116mil ao total. Destaca-se a Alemanha como país com maior número de acessos à enciclopédia alternativa.

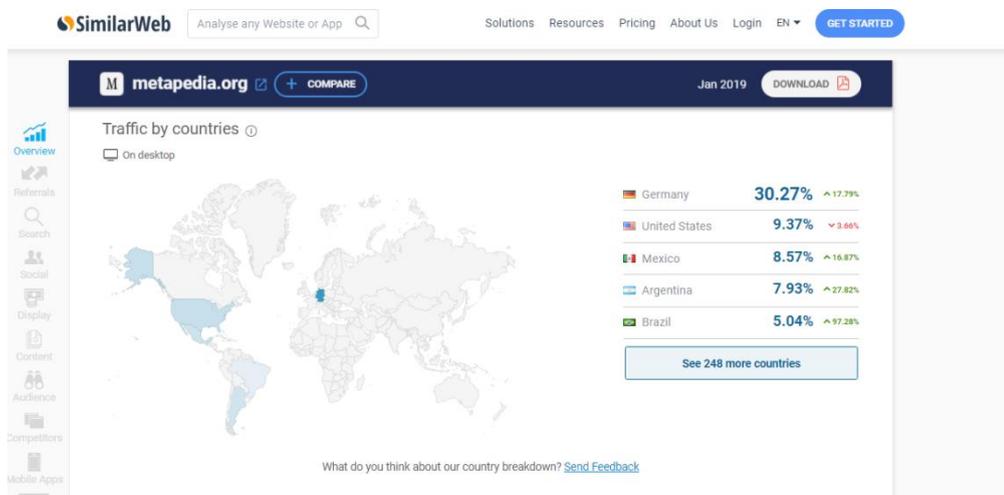


Figura 31 Ranking de acesso mundial ao site Metapédia

De forma mais específica, verifica-se que a Alemanha é responsável por mais de 30% dos acessos totais à Metapédia. Outros países com grande número de acessos podem ser verificados no mapa apresentado na Figura 31.

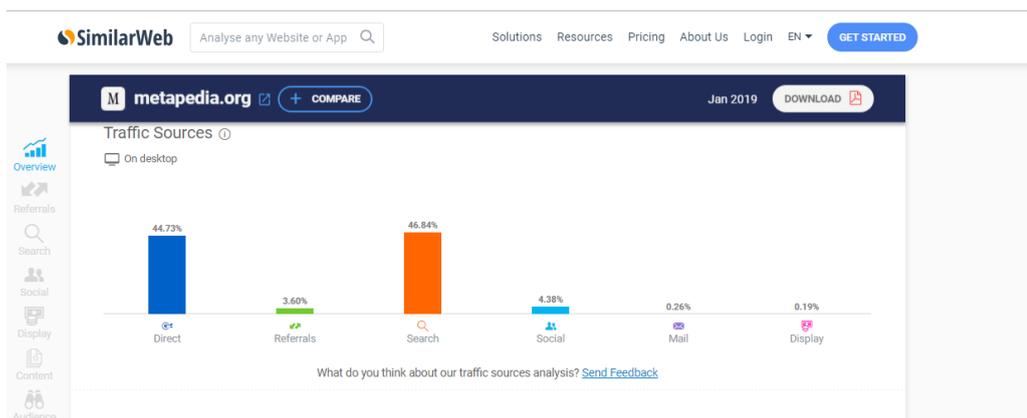


Figura 32 Mecanismos de redirecionamento utilizados para encontrar o site Metapédia

Como já verificado na Figura 26, a Figura 32 demonstra que o Metapédia também possui um alto nível de acessos diretos à página. Além disso, verifica-se um valor menor, porém, existente, de acessos feitos via redes sociais. A advertência já feita sobre a influência deste tipo de site se também pode se adequar a este caso.

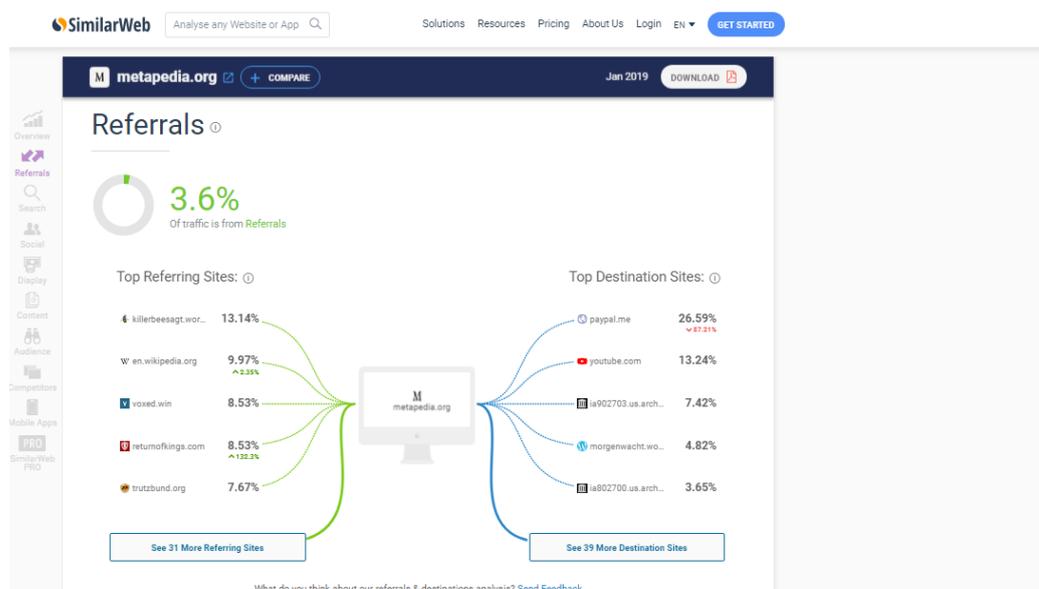


Figura 33 Detalhamento do tráfego percorrido até o site Metapédia

A partir do detalhamento da Figura 33, destaca-se a possibilidade de patrocínio do site Metapédia. Essa hipótese surge a partir do grande número de acessos via PayPal, site que gerencia pagamentos online.

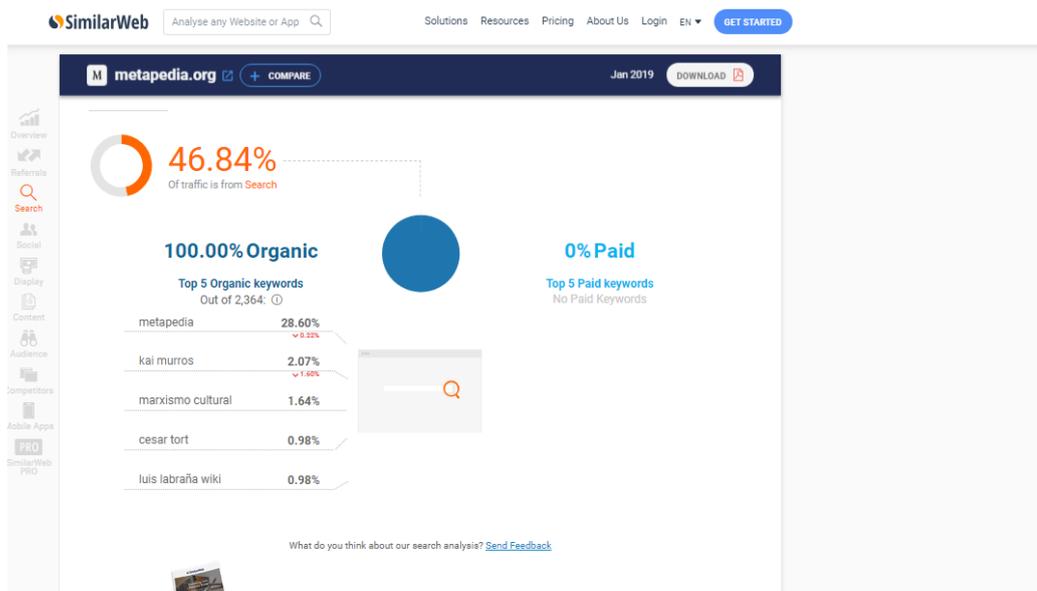


Figura 34 Detalhamento dos termos mais buscados dentro do site Metapédia

Percebe-se que mais de 28% dos acessos à Metapédia feitos através de mecanismos de busca na web se dá pelo próprio termo “metapédia”. Assim, pode-se inferir que, de forma similar aos usuários que acessam o site através da digitação direta da URL no navegador (modalidade *direct*, valor que ultrapassa os 44% de acessos), os usuários que chegam à enciclopédia alternativa em questão estão em busca de materiais vinculados à extrema-direita. Desse modo, ambos os tipos de usuários demonstram um comportamento ciente de busca de tais conteúdos.

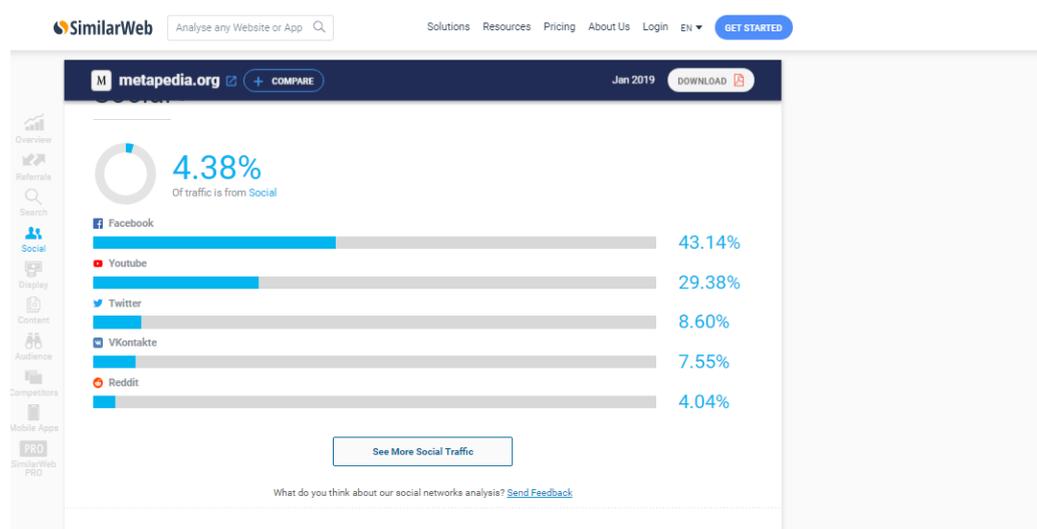


Figura 35 Destaque da importância das redes sociais na divulgação do site Metapédia

Novamente, verifica-se, na Figura 35, a participação das redes sociais na propagação de sites que abordem o posicionamento de extrema-direita. Cabe ressaltar que a Metapédia é mais recorrente na rede social Facebook para disseminação de seu conteúdo. Dentre os citados, o site metapedia.org foi o que obteve mais resultantes estatísticas, com um formato de uma enciclopédia virtual. Ao copiar os moldes da famosa Wikipédia, a Metapédia apresentou grande movimentação entre os adeptos do regime de Hitler. Cabe o comentário de que é neste site que se encontram informações a respeito dos materiais da Revisão e até de seu idealizador, Sigmund Castan. O Metapédia, que no atual contexto político ganhou certo argumento de autoridade e se tornou um mecanismo de dissolução de informação dinâmica, possui considerável movimentação nas redes sociais, atuando como uma Wikipédia da extrema-direita.

Como mencionado anteriormente, essas informações matizadas com discursos extremistas ganham força na *web*. Deve-se pensar na internet como um lugar onde as subjetividades e as ideologias se chocam, se constroem, entram em contradição. E como o mundo virtual é um lugar no qual a vigilância é pouca, o que acaba contribuindo para uma exposição agressiva, forma-se um laboratório social onde os grupos extremistas se desenvolvem.

7 Crime ou Liberdade de Expressão?

Como já mencionado em capítulos anteriores, Siegfried Ellwanger Castan foi o idealizador da Editora Revisão Ltda. Sua editora publicou conhecidos livros como “Minha Luta” de Adolf Hitler e “Os Protocolos do Sábio Sião”, além de publicar livros de autoria própria como “Nos Bastidores da Mentira do Século”, “S.O.S para Alemanha”, e “Acabou o Gás!...”. O autor também organizou o Centro Nacional de Pesquisas Históricas⁷⁷, criado unicamente para dar o respaldo que os livros de sua editora não obtinham na sociedade.

Basicamente, suas obras defendem a tese de que as câmaras de gás nunca existiram para matar pessoas, e que, se caso existissem, serviriam apenas para desinfetar os uniformes dos que praticavam trabalho forçado nos campos. Em seu livro de 1987, “Holocausto judeu ou alemão – nos bastidores da mentira do século”, Castan diz que o Holocausto é uma farsa, uma mentira forjada. Nas palavras de Castan (1987, p. 24): “Graças ao poder de divulgação maciça e repetitiva dessa farsa, o mito das câmaras de gás se tornou uma verdade histórica”. O autor também comenta sobre o sionismo internacional e a forma como este manipula a história das Câmaras de Gás.

Não fica mal chamar esta farsa de um VERDADEIRO CRIME DE DESIMORMAÇÃO CONTRA A HUMANIDADE e que somente foi possível graças ao terrível poder do SIONISMO INTERNACIONAL que soube até hoje ofuscar a verdade (CASTAN, 1987, p. 34).

O negacionista ainda se propõe a divulgar um dado referente ao Instituto de Perícia Médica de Cracóvia:

Em ofício do Instituto de Perícia Médica Legal de Cracóvia datado de 24 de setembro de 1990, dirigido aos administradores do Museu Estadual de Auschwitz-Birkenau, existem evidências inequívocas que levam à conclusão de que não houve gaseamento de seres humanos nos referidos campos (CASTAN, 1987, p. 100).

⁷⁷ Conforme citado anteriormente nesta dissertação, o Centro foi criado por Castan e não detinha alguma legitimidade acadêmica, apenas os livros de sua própria Editora recebiam esse selo.

Em razão desses discursos, o Ministério Público de Porto Alegre, em 1989, oferece uma denúncia por crime de racismo contra o conteúdo dos livros publicados pela Revisão. No ano de 1990 a denúncia foi reiterada. Em 1991, ocorreu a busca e apreensão dos livros da editora. Em 1995, Castan foi inocentado em primeira instância pelo crime de racismo. Entretanto, em grau de recurso, a 3ª Câmara do TJRS proibiu qualquer tipo de distribuição de seus livros. A nova denúncia contra Castan surgiu em 1996, ocasião em que o autor e dono da Revisão volta a comercializar seus conteúdos na Feira do Livro de Porto Alegre, descumprindo, com isso, a determinação judicial que lhe fora imposta. O Mopar⁷⁸ fez a denúncia, que culminou na condenação de quase dois anos de prisão, por induzir e incitar ao preconceito e discriminação – art. 20 da Lei 7.716/1989. A pena restritiva de liberdade foi comutada em serviços comunitários.

Em face da condenação decretada no Processo-crime n.º 1397026988 – 08720, Castan impetrou *Habeas Corpus* junto ao Supremo Tribunal Federal (HC nº 82.424), sob a alegação de que o conteúdo dos seus livros não tipificava o crime de racismo. À época, argumentou que os “judeus não constituem raça, mas uma etnia”. No transcorrer do processo, algumas obras foram produzidas pela Revisão abordando esse tema. É o caso, em especial, de dois livros: “Discurso em Defesa da Liberdade de Expressão” (1998), de Sérgio Oliveira, e “Não à Mordança” (2002), de Marco Pollo Giordani.

As duas obras não discutem a questão filosófica ou até jurídica da liberdade de expressão, são apenas livros que defendem os pensamentos de seus autores.

Desde o final de 1988, quando do lançamento de “O Massacre de Katyn”, primeira de minhas obras publicadas pela Revisão Editora Ltda. , sob o argumento de que o livro “dava nova versão a crimes ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial”, os órgãos que se julgam no direito de divulgar a História segundo a “versão conveniente” e silenciar os discordantes, colocaram outros três ensaios de minha autoria no índice das “obras proibidas”, assacando contra o direito de livre expressão do pensamento[...] (OLIVEIRA, 1998, p. 7).

⁷⁸ Movimento Popular Anti-Racista

Sérgio Oliveira, na obra citada, assim se refere em defesa de Castan:

Qualquer sociólogo ou antropólogo de mediana inteligência sabe que o racismo está ligado a caracteres biológicos, e não a fatores culturais. Confundir crítica e/ou contrariedade ao sionismo (ideologia política) ou ao judaísmo (ideologia religiosa), com racismo, equivale a desacreditar tudo o que se publicou e circula a respeito, e que hoje se constitui matéria de consenso (OLIVEIRA, 1998, p. 23).

No que se relaciona a Giordani, o mesmo possui um dos livros mais emblemáticos vinculado à Editora Revisão. Sua obra, “Não à Mordança”, teve sua capa anexada aos autos do processo em defesa de Castan.



Figura 36 Capa do livro "Não à Mordança!"

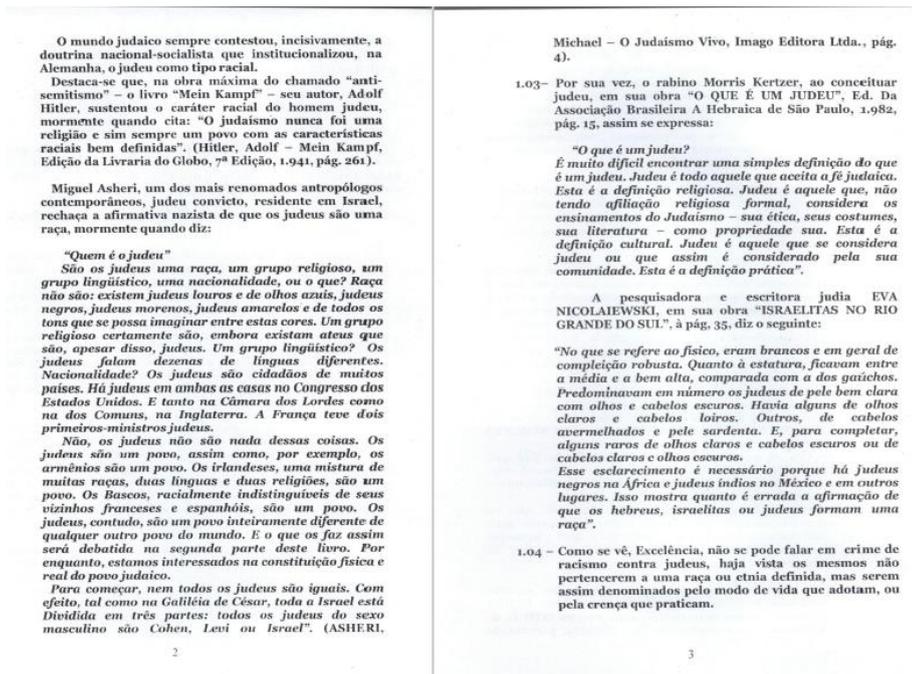


Figura 37 -Páginas 2 e 3 do livro "Não à Mordaca"

Vale o seguinte destaque: Giordani usa uma passagem do livro de Hitler, "Minha Luta", em sua tese de defesa:

Destaca-se que, na obra máxima do chamado "antisemitismo" - o livro "Mein Kampf" - seu autor, Adolf Hitler, sustentou o caráter racial do homem judeu, mormente quando cita: "O judaísmo nunca foi uma religião e sim sempre um povo com as características raciais bem definidas". (Hitler, Adolf – Mein Kampf, Edição da Livraria do Globo, 7ª Edição, 1.941, pág. 261) (GIORDANI, 2002, p. 2).

No processo enfrentado por Castan, o advogado conclui sua argumentação afirmando que os trabalhos da editora Revisão não possuem ligação com raças e ou etnias, pois se limitam tão só a revisar fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial.

O objetivo do denunciado em sua atividade intelectual é o de revisar a História, principalmente a História da Segunda Grande Guerra. Nesse contexto, críticas a este ou àquele povo não têm o condão de discriminar ou estabelecer preconceitos raciais. Sua ação revisionista não visa raças ou etnias, mas sim, análise de fatos sociais e situações político-ideológicas que deram origem e/ou resultaram daquele Grande Conflito. Jamais em suas obras atacou o judeu por ser judeu, ou o judaísmo por sua fé. Sua luta é contra o Sionismo Internacional, movimento político-ideológico criado para a formação do Estado de Israel e adotado por este em sua atividade expansionista. Portanto, o posicionamento do acusado não é racista, mas ideológico. O presente processo-crime não tem razão de ser, haja vista não haver vítimas individualizadas nem danos à coletividade. Portanto, não havendo lesão real nem potencial, não se pode falar em fato criminoso (GIORDANI, 2002, p. 49).

O processo se estende até 2003, com a condenação de Castan, por 8 votos a 3. Abaixo, quadro explicativo do Julgado.

Síntese dos votos ⁷⁹		
Ministros	Argumento	Voto
Maurício Corrêa, relator do acórdão.	Inexistência genética de raças, sendo essa divisão uma construção político-social. A CF veda toda forma de racismo, incluindo-se o antissemitismo.	Nega o HC
Celso de Mello	Só existe uma raça humana, mas é condenável a ofensa da dignidade humana pelo racismo.	Nega o HC
Carlos Velloso	As publicações configuram discriminação; portanto, ameaças aos fundamentos de uma sociedade livre.	Nega o HC
Nelson Jobim	As publicações não configuram discussões históricas, mas propaganda antisemita.	Nega o HC
Ellen Gracie	Mesmo na Bíblia há menções de divisão imprecisa dos seres humanos. O antissemitismo é racista.	Nega o HC
Cezar Peluso	O antissemitismo é uma forma de racismo. Nos livros publicados por Ellwanger, os judeus são tratados como raça.	Nega o HC

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=61291>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Sepúlveda Pertence	O livro caracteriza como instrumento do racismo e não de investigação histórica.	Nega o HC
Gilmar Mendes	O antissemitismo caracteriza como racista.	Nega o HC
Moreira Alves	Relatório: “os judeus não podem ser considerados uma raça”, assim não se tipifica o crime por discriminação racial ou racismo, declara extinta a punibilidade por prescrição.	Concede o HC
Marco Aurélio Mello	Adota a tese da liberdade de expressão. O livro não teria instigado ou incitado a prática do racismo, mas limitado a propor uma visão da história. Seria incitar o racismo conclamar a morte ou expulsão dos judeus.	Concede o HC
Ayres de Brito	Inexistiria justa causa para instaurar ação penal. Atipicidade do crime, pois a lei que tipificou o crime de racismo foi promulgada depois do delito.	Concede o HC de ofício

Quadro 2 – Síntese explicativa do julgamento de Castan

O caso Castan foi especial por versar a respeito de questões bastante polêmicas. Em particular, delimitou as fronteiras no que tange à liberdade de expressão e as questões entre pesquisa histórica e propaganda preconceituosa. Afora o Brasil possuir leis contra a discriminação, a partir desse caso foi possível categorizar de racismo também toda a forma de estigmatização de um grupo humano.

Também é interessante perceber que nenhum dos juízes segue o relator, todos os dez membros relatam seu argumento mediante o caso. Dando destaque aos que votam a favor do *habeas corpus*, o juiz Moreira Alves defende a tese de que judeu seria etnia e não raça, já Marco Aurélio de Mello aborda a questão da liberdade de expressão, enquanto Ayres de Brito julga que inexistiria justa causa para instaurar ação penal.

Independentemente dos argumentos de defesa, quando um desembargador cede *Habeas Corpus* à Castan, está dando argumento de autoridade a um material que deve ser considerado ilegal, pois seus livros fazem alusão direta ao antissemitismo e não possuem o mínimo comprometimento com a História.

Castan se defende, alegando ser um pesquisador que preza pela verdade histórica, seus escritos, porém, têm um teor xenofóbico e totalmente racista. Os materiais da Revisão ainda orlam entre os neonazistas, sendo exaltados e referenciados. Também distorce o discurso da negação da existência antropológica e biológica de raças para destipificar sua conduta.

Em síntese, a defesa esposou a tese de que não sendo judeu uma raça, e sim uma etnia, Castan não poderia ser condenado por racismo. A linha defensiva também abordou a liberdade de expressão, que é garantida constitucionalmente. Assim sendo, as obras da Editora Revisão não poderiam ser objeto de censura. Todavia, existe um nítido preconceito que está associado a um grupo, e isso não pode ser defendido enquanto liberdade de expressão.

Conclusão

Por que se nega o holocausto? Os negacionistas defendem a tese de que o holocausto é uma mentira. Uma construção judaico-comunista para os judeus terem privilégios e indenizações de guerra. Vale lembrar que, quando os soviéticos estavam se aproximando de Berlim, e a derrota nazista era cada vez mais iminente, o exército das SS cuidou de queimar parte dos documentos referentes à Solução Final (os soviéticos conseguiram recuperar alguns vestígios). As câmaras de gás, fornos e crematórios também foram destruídos. Essas ações praticadas pelos nazistas serviram de blindagem de sentidos. Com efeito, fora os depoimentos testemunhais de vítimas (judeus ou não), documentações fotográficas, e até memórias e depoimentos de oficiais nazistas, que diante do tribunal em Nuremberg confessaram o extermínio dos judeus em massa, não existe o timbre oficial do governo nazista sobre a morte por gaseamento (como se fosse possível que o réu viesse a preservar vestígios para se auto incriminar). Todavia, é através dessas lacunas (facilmente interpretadas por outros meios), que os negacionistas trabalham, visando a falsificar e criar suas teses argumentativas.

A bibliografia ainda serve de auxílio para manutenção desse discurso? O principal mecanismo de propagação negacionista são os seus materiais, que não são embasados em fontes históricas. Esses livros não apenas são utilizados para falsificar a história, como também servem de mecanismos fomentadores do ódio e da violência. Por isso, devem ser mantidos fora de circulação. Esta deve-se manter protegida sob a égide da lei, pois na atualidade, temos uma descrença em pesquisadores sérios no discurso universitário. Isso permite o (re)surgimento, através de uma sociedade frágil e conservadora, de novos saberes que distorcem a realidade histórica. Ainda se corre o risco de, através desses ditos novos intelectuais, ver-se a legitimação das ações praticadas pelos nazistas.

A partir daí é necessário dar destaque aos perigos de manter a Editora Revisão ativa, mesmo que virtualmente. Todos os livros da Editora de Castan encontram-se disponíveis de maneira fácil na internet e isso faz com que elementos pertencentes ao nazismo se reconstruam e alimentem o neonazismo e as novas formas de violência que estão se construindo na contemporaneidade.

Também se questiona a necessidade de esses materiais devem ser censurados: infelizmente, mesmo com as leis que proíbem a circulação desses conteúdos, eles são facilmente encontrados na *web*, através de sites, blogs, perfis sociais, comunidades e fóruns. Além do mais, grande maioria dessas obras está hospedada fora do Brasil, em países que permitem sua circulação, o que faz com que fique mais difícil a proibição de funcionar. Assim sendo, essas edições não devem sair da censura. O nazismo é historicamente beligerante e marcado por um discurso que incentiva o ódio. Tais aparelhos alimentam ainda mais a agressividade que se faz presente na sociedade contemporânea.

A respeito do sujeito contemporâneo, esse se caracteriza por um tipo de discurso extremista que busca soluções para problemas complexos da atualidade, revivendo ideologias retrógradas e fracassadas: um indivíduo que carece de subjetividade(s) e que mantém um discurso de substituir a história do holocausto por uma história particular e que se diz única e verdadeira. O principal foco desse sujeito descentralizado é obter legitimidade para construir e sustentar a sua própria história. Para isso, entretanto, esse sujeito não pratica a revisão (até por não possuir mecanismos legitimados para isso) e, sim, uma desconstrução de um modelo historiográfico vigente.

Negações do genocídio sistemático de seis milhões de judeus fazem com que pensemos e admitamos um fato: o antissemitismo é latente nas sociedades. Ele pode não estar em voga durante certo período, mas é sempre hodierno e a cada novo tempo (re)aparece com novas forças, mudando suas nuances e atuando de forma mais intensa. No decorrer das gerações, os judeus mantiveram a esperança no desaparecimento do fenômeno negacionista, mas, aos poucos, entenderam que é impossível desligar-se totalmente do sintoma do antissemitismo.

Atualmente, não se pode ignorar os negacionistas. Infelizmente, a existência deles é verdadeira e por isso devem ser combatidos com argumentação, pois suas justificativas, mesmo que sem fundamento, são saberes que estão acesos e presentes em determinados meios acadêmicos e no mundo virtual. A luta contra o negacionismo e contra aqueles que negam o holocausto, que o chamam de “a mentira do século” ou de “holoconto”, é um encargo custoso de todos aqueles que não acreditam nos falsos argumentos.

No Brasil, recentemente, a embaixada alemã produziu um vídeo⁸⁰, e o compartilhou na internet, explicando que o nazismo foi uma política de extrema-direita. Em contrapartida, grupos direitistas brasileiros contestaram a embaixada alemã e afirmaram que as origens nazistas são de esquerda, pois o partido de Hitler se chamava partido nacional socialista dos trabalhadores alemães. Esta que deveria ser uma discussão vazia tornou-se um elemento perigoso no momento em que ganha o cenário social. O nazismo prega o militarismo e a imposição da ordem. É um regime altamente hierárquico, com noções atribuídas à uma direita. Os grupos que tentam na atualidade rotular o nazismo como não sendo uma política de direita desejam, na realidade, transferir à esquerda o que de ruim aconteceu no século XX, principalmente durante a Segunda Guerra.

Um dos grandes problemas em permitir que questões relacionadas ao holocausto sejam falseadas e/ou ressignificadas está no que consiste em descriminalizar os atos nazistas ocorridos durante o III Reich. Permitir que essas ideias sejam divulgadas e aceitas como uma vertente da história é fazer com que grupos extremistas, e até partidos políticos, se municiem desses paradigmas para sua conduta política e social.

Por fim, destaca-se que a tentativa deste estudo foi compreender o funcionamento do discurso negacionista, buscando atingir, através do reconhecimento das representações do Holocausto ali materializadas, como essa vertente simboliza e desconstrói a História. Confia-se ter colaborado, pelo percurso teórico-analítico da pesquisa, compreender os sentidos que circulam num contexto social através de um indivíduo clivado que favorece a dispersão, mutabilidade e a flutuação de posições e buscam uma hipotética coerência ou unidade ideológica através de conjecturas fomentadoras de ódio e da negação do outro.

Sendo assim, conclui-se que é oportuno debater o negacionismo, assim como a manutenção dos livros da Revisão, como uma forma maleável e sensível à realidade social, pois daí surge a importância de se discutir a construção do sujeito contemporâneo, onde as identidades podem ser avaliadas como descartáveis, em um contexto efêmero e dinâmico.

Não se pode deixar passar também a questão da cultura do ódio, presente como alicerce do negacionismo. A cada reformulação, a cada mutação da ideologia, mais o ódio adquire força, solidificando-se na sociedade como noção de grupo. Com isso, são formadas organizações que estimulam elementos de violência e ódio. Esse tipo de comportamento

⁸⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/grupos-de-direita-no-brasil-contestam-embaixada-alema-sobre-nazismo.shtml>>.

representa uma tentativa de o sujeito almejar, através de sua composição fragmentada, um efeito de unidade, algo que lhes dê sustentação, identidade e credibilidade.

Lista de Fontes
Livros da Editora Revisão

CASTAN, Siegfried Ellwanger. “A implosão da mentira do século”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1997.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. “Acabou o gás... o fim de um mito”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1989.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. “Holocausto judeu ou alemão”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1987.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. “O Catolicismo traído: a verdade sobre o “Diálogo-Católico-Judaico no Brasil”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1999.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. “S.O.S para Alemanha”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1990.

GIORDANNI, Marcopollo. “Não à mordação”. Editora Revisão, Porto Alegre, 2002.

OLIVEIRA, Hélio De. O Elo Secreto: da Economia e da Política Com a Religião e o Ocultismo”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, Sérgio. “A face oculta de Sacramento”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1993.

OLIVEIRA, Sérgio. “Discurso em defesa da liberdade de expressão Sionismo x Revisionismo x Fantasia x Realidade”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Sérgio. “Getúlio Vargas depõe: o Brasil na Segunda Guerra”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, Sérgio. “Hitler: culpado ou inocente”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1989.

OLIVEIRA, Sérgio. “O Cristianismo em Xeque”, Editora Revisão, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, Sérgio. “O livro branco sobre a conspiração mundial”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Sérgio. “O Massacre de Katyn”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1989.

OLIVEIRA, Sérgio. “Os genocidas do século XX”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Sérgio. “Propaganda de atrocidades é uma propaganda de mentiras”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Sérgio. “Sionismo x Revisionismo x Fantasia x Realidade”. Editora Revisão, Porto Alegre, 1993.

Referências

- AUSTIN, John L. **How to do things with words**. New York: New York Press, 1965.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- _____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo, Companhia das Letras, 342 p. 1999.
- _____. **Sobre a Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Da violência**. Brasília: UNB, 1985.
- AUTHIER-REVUZ, J. **O lugar do outro em um discurso de falsificação da história**. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. In: **Entre a transparência e a opacidade**. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ALMEIDA, M. E. B. **Aprendizagem colaborativa: o professor e o aluno ressignificados**. In: ALMEIDA, F. J. (Coord). **Projeto Nave. Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem**. São Paulo: [s.n.], 2001.
- ALMEIDA, Chang Fábio. **A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e Internet na Argentina**. **Dissertação** (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS). Porto Alegre, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. Tradução: Marcus Penchel.
- BBC, 2017 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40958924>>. Acesso em: 04 mai. 2019.
- BERTANHA, João Fábio. Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Anos 90 - **Revista do Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. n.15, 2001/2002.
- Blog southern. Disponível em: <<http://88southern.blogspot.com.br>>.
- Blog editora revisão. Disponível em: <<http://editorarevisao.blogspot.com/>>
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BROSZAT, Martin. Hitler and the Genesis of the ‘Final Solution’: An Assessment of David Irving’s Theses. In: Koch H.W. (eds) **Aspects of the Third Reich**. Palgrave, Londres, 1985.
- CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923-1939**. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- CARNEIRO, Maria Luiz Tucci. **O anti-semitismo na Era Vargas – fantasmas de uma geração (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, Ricardo Figueiredo. **O Negacionismo do Holocausto**: pseudo-história e história pública. **RESGATE** - VOL. XXII, N.28 - JUL./DEZ, 2014.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O negacionismo do Holocausto na internet: o caso da “Metapédia” a enciclopédia alternativa?. *Faces da História*, v. 3, p. 5-23, 2016.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.

Consultor Jurídico. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2004-set-10/editor_nazista_condenado_dois_anos_reclusao>

COURTINE, Jean-Jacques. (1981). **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CRUZ, Natália dos Reis. **Negando a história**: a Editora Revisão e o neonazismo. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, 1997.

COSTA, M. R. C. **Carecas do Subúrbio**: Caminhos para o nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2002, vol.22, n.44, pp.393-423.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.61-78

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às suásticas**: o partido nazista em São Paulo sob a mira da polícia política. 1 ed. São Paulo: FAPESP, 2007. 385 p.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2013.

DE CERTEAU, Michel. **A Linguagem da Violência**. *A Cultura no Plural*. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2003.

FAURRISON, Robert. The “problem of the gas chambers”. In: **The Journal for Historical Review**, v.1, n.º 2, 1980.

FELIX, Daniela Ferreira. **A negação da História**: algumas considerações do negacionismo espanhol. Dissertação. Mestrado em Ciências Humanas. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

FREUD, Sigmund. (1930). **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21) [1927-1996].

FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus**. Os anos de perseguição e os anos de extermínio. Volumes I e II. Editora Perspectiva, São Paulo, 2012.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GERTZ, René E. **O neonazismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS/AGE, 2012.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. 7.ed – Rio de Janeiro: Record, 2010.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 454p., 2007.

GUIZZO, Érico. **Internet: O que é, o que oferece, como conectar-se**. São Paulo: Ática, 1999.

HALL, Stuart. **Nascimento e morte do sujeito moderno**. In: Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina, 2014.

HARLEY, L.P. **O Mensageiro: The Go-Between**. Hamish Hamilton, Londres, 1953.

HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Editora Amarelly, São Paulo, 2016.

HITLER, A. **Mein Kampf**. Alemanha. 1925. Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PDF/Adolf-Hitler/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

HERF, J. **The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust**. Cambridge: Belknap Press, 2008.

KERSHAW, Ian. **Hitler 1889-1936: Hubris**. Londres, Penguin Books, 2001.

_____. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

INACREDITÁVEL, 2012. Transcrição da entrevista de Siegfried Ellwanger Castan ao Jornal das Missões, concedida em 1998. Disponível em <<http://inacreditavel.com.br/wp/revisando-a-historia-ii/>>

Institute for Historical Review. Disponível em: <<http://www.ihr.org/main/about.shtml>>. similar web - <https://www.similarweb.com>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

LACAN, J. Radiofonia (1970). In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1975). **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Seuil (Original publicado em 1932).

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. São Paulo: Pontes, 1988.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Em discussão com Jean de Munck Dany-Robert Dufour. Porto Alegre: CMC, 2008.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2005.

MACEDO, Janaína Santos de. **Campos de Concentração em Santa Catarina e os Conflitos Durante o Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

Metapédia. Disponível em: <<http://www.metapedia.org>>.

MILGRAM, Avraham. Reflexões sobre o sionismo e Israel. WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, p. 8-14, v.1 n.1 (jan-jun), 2009.

MILMAN, Luis. (org.) **Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. & VIZENTINI, Paulo Fagundes. (org.) **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS); CORAG, 2000.

NARCIZO, Makchell Coimbra. A Negação da Shoa na História: Uma Análise dos Trabalhos “negacionistas” enquanto História e o Problema da Administração da Memória. **Dissertação de Mestrado** – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

NETO, Odilon Caldeira. **Memória e Justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. UEL. Londrina, 2009.

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo. Editora Cortez, Unicamp, 1988.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2001.

- PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da Guerra – Os “súditos do eixo” nos Campos de Concentração brasileiros (1942-1945)**. Editora Humanitas/Fapesp, 2009.
- PINSKY, J. **Origens do nacionalismo judaico**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- RASSINIER, Paul. Letter to “The Nation”. In: **The Journal Historical Review**. V. 02, n.º 02, V. 12 n.º 1. 1981.
- REIS, José C. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- REVUZ, Authier. **Entre a Transparência e a Opacidade: Um Estudo Enunciativo do Sentido**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Retorno à Questão Judaica**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.
- SOUTHERN 88. **Livros revisionistas**. Disponível em: <<http://88southern.blogspot.com/search/label/Livros>> Acesso em: 22 set. 2016.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.
- SALEM, Helena. **As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Atual, 2012.
- SANTOS, D. J. da S. et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, Maringá, v.15, n.3, p.121-124, 2010.
- SOUKI, Nádia, **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- SCHILLING, Voltaire, **O Nazismo: Breve História Ilustrada**. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- SCHUCMAN, LIA VAINER. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese. Doutorado em Psicologia Social. Universidade de São Paulo, 2012.
- TIBURI, Márcia. **Como Conversar Com Um Fascista**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2015.
- United states holocaust memorial. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?moduleid=10005681>>.
- VIEIRA, Newton Colombo De Deus. **Além de Gustavo Barroso: O Antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. Dissertação. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- VIZENTINI, Paulo. **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.
- WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir. **A história escrita: teoria e história da historiografia**. Ed.Contexto. 2006.

ŽIŽEK, Slavoj, **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Mao. Sobre a prática e a contradição**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 2007.

_____. **Um Mapa da Ideologia**. São Paulo: Contraponto, 1996.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Felipe Alves Pereira Avila, matrícula nº 17103584 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal ("Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos").

Pelotas, 03 de novembro de 2019.


ASSINATURA